Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Ano 63.° N.° 21 277
Outubro 1983
Terça-feira

11

20$00

Samora e Soares passam a tarde na casa de Nafarros

Cooperação pendente da conversa de hoje

Para além do Presidente e do Primeiro-Ministro, só Almeida Santos, Jacinto Veloso e Aquino de Bragança assistem ao encontro

Pág. 24

Foi ontem, em Sintra, zona a que Samora Machel regressou esta tarde para um longo encontro com Mário Soares em Nafarros

Ano lectivo começa com atraso

O ministro da Educação determinou que as escolas dos ensinos preparatório e secundário abrissem entre 3 e 10 do corrente. Depois dessa data haveria apenas «casos pontuais» de escolas que abririam posteriormente. Ora, só nos distritos de Lisboa e Setúbal, esses casos pontuais somavam ontem 70 escolas. O total de alunos sem aulas naqueles dois distritos era cerca de 100 mil. Os números foram apurados num levantamento exaustivo que o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa ontem realizou na sua Zona. No Aletejo e Algarve há 8 mil alunos do preparatório e secundário sem aulas e 3000 do primário na mesma situação. No Alentejo, faltam 600 professores dos ensinos preparatório e secundário.

Pág. 7

A partir de 1400 de cilindrada

Automóveis mais caros já amanhã

Os automóveis com mais de 1400 centímetros cúbicos de clindrada ficarão mais caros a partir de amanhã, quarta-feira, em virtude do agravamento do imposto sobre a venda, segundo o Decreto-Lei 368-B/83 publicado no «Diário da República» de hoje.

O imposto era de 60 por cento para os veículos com mais de 1400 e até 1700 cm3 e passou para 70 por cento, o que significa que, um carro como o «Alfa Sud», que custava 1116 contos mais 670 de imposto vai custar o mesmo preço de base e mais 781 contos de imposto.

No escalão entre 1700 (inclusive) até 2000 o imposto era de 90 por cento e passou para 110 por cento.

Um veículo deste escalão, como o «Audi 100 CD», que custava 1850 contos mais 1665 de imposto, passa a ter um imposto de 2035 contos.

Os automóveis com cilindrada superior a 2000 pagavam uma taxa de 120 por cento, que passou para 160. O «Ford Sierra XR4i» por exemplo, que tem um preço-base de 1538 contos, viu o imposto passar de 1846 para 2462 ontos.

Um dirigente da Associação do Comércio Automóvel (ACAP) comentou esta medida, associada ao novo imposto sobre os veículos com cilindrada superior a 1700 dizendo que ela vai implicar grandes problemas de comercialização.

O novo imposto implica um pagamento anual de 40 contos para os veículos entre 1700 e 2600 cm3 e 60 contos para os que tenham cilindrada superior.

A pensar em Belém?

Prepara-se nos Açores a sucessão de Mota Amaral

Pág. 20

Presos falsificadores de passes sociais

Uma rede de falsificadores de bilhetes de futebol e passes sociais foi desmantelada pela Polícia Judiciária, que prendeu oito indivíduos, um dos quais de nacionalidade grega – anunciou hoje a PJ.

Pág. 7

Especial Economia

Nesta edição: 12 páginas sobre Portugal-Moçambique

ENVIE JÁ AS SUAS COLECÇÕES VERA DLB

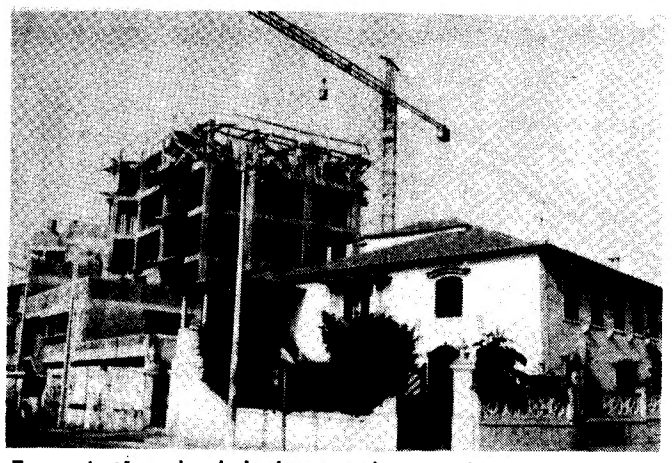
Leia instruções na pág. 2

Escândalo na Póvoa de Varzim

Vice-presidente da Câmara acelera construção de um torre já embargada três vezes

José Gomes Bandeira

Prevê-se que seja «quente» a reunião de amanhã do executivo municipal da Póvoa de Varzim devido à discussão de um escândalo que se arrasta há anos: a construção de uma torre de 40 metros no centro da cidade, pela empresa Campos Cunha Ld.ª, já duas vezes objecto de embargo. Aquela sociedade pertence nada menos do que ao actual vice-presidente da Câmara, sob cujas ordens a construção da torre prossegue agora a todo o vapor. Isto «avilta o poder local e transforma a democracia numa trapaça», acusa um semanário poveiro.



Em construção acelerada desde que surgiram os embargos camarários, a torre dos irmãos Campos Cunha já tem sete pisos e ainda vai a meio.

A história desta torre da Av. Mouzinho de Albuquerquer, no centro da Póvoa de Varzim, já vem de antes do 25 de Abril, quando a sociedade Campos Cunha Cia. Ld.ª – Propriedade Horizontal, como está escrito no alto da grua, fez a primeira tentativa para obter o seu licenciamento.

A Câmara recusou o pedido com base na altura pretendida (40 metros) que contrariava a cércea (de dois pisos) daquela área da cidade. Em finais de 1980 os serviços, invocando a mesma razão, reprovaram de novo o projecto, que voltou a ser apresentado, com voto negativo quer do arquitecto da Câmara quer dos vereadores.

Os irmãos Campos Cunha (João e Henrique, ambos engenheiros) não voltaram a submeter o projecto a aprovação (que mantinha os 40 metros de altura) sem se garantirem do seu êxito. Não tiveram que esperar muito: logo em Maio seguinte o mesmo arquitecto e os mesmos vereadores mudaram todos de opinião e deram luz verde à torre. Os vizinhos, que denunciaram depois uma série de ilegalidades neste processo, não tardaram a perceber aquela inesperada mudança de posição dos responsáveis camarários. Com efeito, uma série de projectos ilegais (edifícios de 5, 7 e mais pisos em zonas de moradias de dois e três) começaram a ser concretizados pela cidade. Com uma particularidade: esses projectos e essas construções pertenciam... a responsáveis camarários, incluindo os vereadores.

Entretanto, outros empreiteiros construiam prédios com mais andares do que os autorizados e, por outro lado, obras antes embargadas continuavam a subir como se nada fosse... «Ofereço um andar à Câmara», prometia um dos empreiteiros.

Os vizinhos dessas construções ilegais (incluindo a torre) fizeram a denúncia destes factos em queixa já entregue no tribunal da comarca e apontaram-nos exemplos concretos dessa avalanche de ilegalidades e de uma corrupção generalizada no município, que se estenderia a fiscais e funcionários.

Milhares de munícipes subscreveram um abaixo-assinado contra este estado de coisas na sua cidade, que foi entregue ao próprio executivo camarário. Dizia-nos um deles que as casas dos vereadores e os abusos dos empreiteiros, a que a Câmara fechava sistematicamente os olhos, traduziam «uma actuação municipal destinada a dar cobertura, pelo silêncio», a projectos como o do próprio vice-presidente da Câmara (que é exactamente o eng. Henrique Campos Cunha). Um exemplo era a famigerada torre da Av. Mouzinho de Albuquerque, que aguardava a sua vez...

O semanário «O Comércio da Póvoa de Varzim» escrevia há pouco que o «escandaloso e ilegal licenciamento» desta torre pode, se vier a ser concluída, «dar início à destruição definitiva da Avenida Mouzinho», lesando profundamente os interesses dos vizinhos e da cidade, «além de que legitimaria a corrupção e a ilegalidade».

A cidade «onde vale tudo»

Os irmãos Campos Cunha, ambos autarcas e ambos do CDS, são pessoas influentes no meio poveiro ligado a terrenos e construções, que nos disseram possuírem em quantidade e bem localizados. A Póvoa de Varzim, que no capítulo da urbanização «começa a tornar-se uma verdadeira selva», como nosdizia um advogado local, já não está longe de bater o próprio Algarve no que toca a especulação e a preços das habitações e alojamentos de férias.

Cidade «onde vale tudo», segundo uma expressão que teria corrido no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, é com este pano de fundo que a impunidade cresce e as ilegalidades dos próprios autarcas se sucedem.

Um anos depois de aprovado (finalmente) o seu projecto, as obras da torre da Av. Mouzinho começaram e os vizinhos inter-puseram recurso para a auditoria administrativo do Porto, argumentando com ilegalidades no licenciamento. A máquina burocrática municipal congelou nas gavetas esse recurso e os vizinhos, entretanto, descobriram outra legalidade: a licença para a construção da torre tinha sido passada a uma firma que não existia (a «Sociedade Campos Cunha») e não à «Sociedade de Construções Campos Cunha Lda. Portanto, a licença era nula.

Com as eleições autárquicas de Dezembro último registaram-se alterações no executivo poveiro, apenas transitando para o actual o presidente (padre Manuel Vaz) e o vice-presidente (eng. Henrique Campos Cunha).

Os vizinhos esperaram então que as suas reclamações tivessem seguimento e a legalidade na Câmara fosse reposta. Em Março, um deles, o dr. Vasco Oliveira, requereu o embargo da torre, então ainda nos alicerces, mas só em Maio a edilidade aprovou a suspensão da obra. As dificuldades (com a torre sempre a crescer...) passaram-se depois para a acta da sessão, com textos adulterados a circular pela cidade ainda antes de os vereadores os verem e aprovarem.

Aprovada finalmente a acta, decorreram quatro meses sem que o embargo fosse executado. A Câmara da Póvoa de Varzim «não conseguia» encontrar o seu vice-presidente. O presidente, padre Manuel Vaz, por seu turno, exigia que o embargo fosse de novo votado pela edilidade. Quanto à torre, continuava a sua construção, na Av. Mouzinho...

Em meados de Setembro último, requereu-se novo embargo e a edilidade aprovou-o. Toda a gente pensou que, desta vez, as obras na torre paravam mesmo. Puro engano: o presidente não executou este segundo embargo, com o fundamento, segundo os vizinhos queixosos, de que o primeiro ainda não tinha sido comunicado à empresa Campos Cunha (do vice-presidente).

Mas as coisas não ficaram por aqui.

Na sessão de 27 de Setembro, em que devia ser aprovada a acta da sessão anterior (com o embargo à torre) nada se conseguiu fazer, apesar do protesto de alguns vereadores. De facto, o padre Manuel Vaz disse que estava impedido e passou a presidência ao eng. Campos Cunha. Este quando um vereador (já que a acta não foi presente) apresentou novo requerimento de embargo à torre, recusou-se a recebê-lo com o fundamento de que a questão lhe dizia directamente respeito. Argumentaram os vereadores que, por lei, o eng. Campos Cunha estava apenas impedido de votar aquele ponto, devendo permanecer na presidência da sessão. Foi inútil. O vice-presidente saiu da sala e abandonou mesmo os Paços do Concelho.

Os restantes vereadores aprovaram ainda assim o terceiro embargo à torre dos irmãos Campos Cunha.

Como ao longo de meses a edilidade da Póvoa de Varzim «não conseguiu» notificar o seu vice-presidente quanto a uma deliberação sua, os vizinhos lesados recorreram a uma notificação judicial avulsa que se concretizou na passada sexta-feira, no próprio dia em que foi requerida...

A questão volta amanhã à sessão pública da Câmara, mas as pessoas, nomeadamente os vizinhos prejudicados, estão sobretudo interessados em saber se os irmãos Campos Cunha vão continuar as obras na Av. Mouzinho de Albuquerque.

No limiar de uma nova genética

Barbara McClintock não fala sobre o seu Prémio Nobel

A genetista americana Bárbara McClintock, de 81 anos, a 136.ª laureada do Prémio Nobel da Medicina pela sua descoberta das «estruturas móveis da massa genética», recusou-se ontem a fazer qualquer comentário sobre o prémio que o Instituto Karolinska, de Estocolmo, lhe atribuiu. Segundo os meios científicos e o próprio instituto sueco que outorga o prémio, como referimos na nossa edição de ontem, a descoberta da mécida norte-americana, a terceira mulher dos EUA a ser laureada com um Nobel, pode ajudar na luta contra o vírus.

O prémio, que atinge este ano 1,5 milhões de coroas, contempla uma carreira de quase 60 anos que valeu à investigadora solitária celebridade e respeito nos meios especializados. Bárbara McClintock, que reside no seu local de trabalho, nos Laboratórios de Cold Spring Harbor, não comentou a atribuição do Nobel. Uma sua sobrinha, Winifred McClintock, interrogada pelo telefone, disse pensar que a tia estava encantada.

«Ela fica sempre feliz por ver que o trabalho do laboratório é reconhecido. É esse o motivo porque ela aceita recompensas», afirmou. Num curto comunicado, o Laboratório de Cold Spring Harbor manifestou o seu «orgulho» e o seu «reconhecimento» para com Bárbara McClintock «pela sua contribuição intelectual no domínio da genética».

«Tal como num baile se roda na aldeia»

O nosso património genético está dotado de uma flexibilidade de adaptação bem superior ao que se podia imaginar. As descobertas da genetista americana Bárbara McClintock, contribuíram nos últimos anos para se operar uma viragem revolucionária nas concepções geralmente admitidas e de algum modo assentes na teoria da hereditariedade.

Mais de trinta anos foram, no entanto, necessários aos genetistas para compreenderem a importância destas descobertas. «Bárbara McClintock realizou sozinha os seus trabalhos de investigação, numa altura em que o Mundo não possuía ainda os conhecimentos prévios que o habilitasse a compreender o alcance de tais observações» – salientou o Comité do Prémio Nobel.

Na década de 40, a partir de investigações sobre o milho, Bárbara McClintock descobriu a existência de elementos genéticos dotados de mobilidade, verdadeiros «genes saltadores». «Apercebeu-se assim do fenómeno de regulação da expressão dos genes», comenta o professor Maurice Pollacsek, responsável do Laboratório de Genética e de Melhoria do Milho no Instituto Nacional de Investigação Agronómica de Clermont-Ferrand (França). «Os seus trabalhos iriam demonstrar que o conjunto dos genes não era uma entidade fixa, por isso que se registavam movimentos de genes, e também que estes têm uma mobilidade de expressão».

Estes genes móveis, na realidade um conjunto de genes «saltadores», podem agir sobre os outros genes no sentido de modificarem o seu funcionamento (fazendo-os «calar» ou excitando-os) – explica o cientista. «Tal como num baile de roda na aldeia, um gene «ortodoxo», enquadrado por dois elementos saltadores, pode, por sua vez, tornar-se saltador e entrar na dança com os outros», acrescenta.

«Mesmo que a sua descoberta seja muito importanteo, estamos ainda longe de compreender todo o papel que podem desempenhar e até onde nos levarão», acrescenta.

Além disso, têm, por definição, a propriedade de se poderem inserir muito bem, durante os seus movimentos, em diferentes pontos dos cromossomas. «Estamos assim em vias de descobrir uma nova genética, simultaneamente no plano do conhecimento e no plano prático», conclui o prof. Bregliano.

As vinte mulheres laureadas este século

Na lista dos 135 laureados pelo Nobel da Medicina, a norte-americana Bárbara McClintock é a vigésima mulher premiada no século XX.

A lista das mulheres a quem foi atribuído o Prémio Nobel é a seguinte: 1903, Física, Marie Curie, francesa, de origem polaca; 1905, Paz, Bertha Fellicie Sophie Von Suttner, checoslovaca; 1909, Literatura, Selma Lagerlof, sueca; 1911, Química, Marie Curie, francesa de origem polaca; 1926, Literatura, Grazia Deledda, italiana; 1928, Literatura, Sigrid Undset, norueguesa; 1931, Paz, Jane Addmans, norte-americana; 1935, Química, Irena Curie, francesa; 1938, Literatura, Pearl Buck, norte-americana; 1945, Literatura, Gabriela Mistral, chilena; 1947, Medicina, Gerty Theresa Cori, norte-americana, de origem checa; 1964, Química, Dorothy Crowfoot Hodgkin, britânica de origem egípcia; 1963, Física, Maria Goeppert Mayer, norte-americana; 1966, Literatura, Nelly Sach, sueca, de origem alemã; 1976, Paz, Betty Williams e Mairead Corringa, irlandesas; 1979, Paz, Madre Teresa de Calcutá, jugoslava; 1982, Paz, Alva Murdal, sueca; e 1983, Medicina, Bárbara McClintock, norte-americana.

Envie Já as suas colecções!

Com a repetição dos 30 cupões, terminou a primeira fase do nosso grande CONCURSO VERÃO 83, durante a qual os nossos leitores puderam reunir um verdadeiro Álbum sobre o grande artista que foi Carlos Botelho e a sua participação criativa no «Sempre Fixe». Resta agora a segunda fase, não menos interessante para os nossos leitores: trata-se da distribuição dos magníficos prémios «Nissan-Datsun» e «Philips» que temos para lhes entregar.

Mas é essencial que os nossos leitores enviem rapidamente as suas colecções, pois o prazo de entrega termina no próximo dia 25 de Outubro (data do carimbo do correio), estando o sorteio marcado para cerca de quinze dias depois desta data.

Por isso, amigo leitor,

ENVIE JÁ AS SUAS COLECÇÕES.

Para:
DIÁRIO DE LISBOA-/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada sobrescrito. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo sobrescrito, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALAO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

★

O leitor pode adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedidado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

Consequências médicas e biológicas de uma possível guerra nuclear

E. Moradas Ferreira (*)

A humanidade vive numa época crucial, decisiva, da sua milenária história.

Desde que, em 1945, foi experimentada em Alamo Gordo, nos Estados Unidos, a primeira bomba atómica, o homem ficou na posse de uma arma capaz, não só de o destruir como indivíduo, mas também de o aniquilar como espécie.

Em 6 de Agosto de 1945, foi lançada sobre Hiroshima uma bomba de 13 quilotoneladas que matou, instantaneamente, 70 mil pessoas, feriu 100 mil e destruiu quase totalmente a cidade que tinha, então 245 mil habitantes.

Hoje, porém, as bombas atómicas armazenadas nos arsenais atingem 15 mil megatoneladas (cerca de um milhão de vezes o potencial da bomba lançada sobre Hiroshima) e têm capacidade destrutiva capaz de matar toda a população da Terra, não uma, mas vinte vezes.

Sabem o que é uma megatonelada?

É o equivalente a um milhão de quilos de dinamite.

Isto é, uma quantidade de dinamite que, para ser transportada de comboio, necessitaria de uma composição com 640 quilómetros de comprimento, mais do que a distância em linha recta entre a nossa fronteira norte e a costa algarvia.

Entrámos no domínio da insensatez absoluta.

Quando, em 1950, foi proposta ao general Eisenhower, então presidente dos Estados Unidos, a construção de 500 bombas nucleares, ele perguntou:

– E porque não havemos de nos tornar realmente loucos e construir 5 mil?

Já foram construídas não as 500 bombas, nem as 5 mil, mas 15 mil, e os responsáveis propõem-se fazer construir ainda mais alguns milhares.

Será que, de facto, estamos completamente loucos?

Será esta loucura insaciável?

A vida é o nosso bem mais precioso, e os médicos têm por dever profissional protegê-la – evitando e tratando as doenças e promovendo o bem estar psíquico e social.

A guerra nuclear é a mais grave doença que até agora ameaçou o homem, doença que já foi designada como a epidemia final.

É uma epidemia sem cura nem tratamento, para a qual existe apenas um remédio – a prevenção.

É uma epidemia que ameaça não só a nossa existência individual mas a existência da nossa espécie.

Enquanto as bombas convencionais produzem apenas um efeito destrutivo imediato, as bombas nucleares produzem numerosos efeitos que se prolongam no tempo e no espaço – uma onda de hiperpressão, milhões de vezes a pressão atmosférica normal, a radiação nuclear e um impulso electro-magnético, uma onda de luz ofuscante e uma bola de fogo.

Aos efeitos devastadores imediatos somam-se os efeitos da radioactividade persistente e os efeitos mais tardios da queda das poeiras radioactivas, o chamado «fall-out».

Mais tardiamente, sobrevêm, ainda, os efeitos secundários das radiações e os efeitos ecológicos.

Por isso, num congresso médico que se realizou o ano passado em Berlim-Ocidental, os médicos chegaram à seguinte conclusão: numa guerra nuclear, há três possibilidades – morremos imediatamente, um pouco depois, ou, ainda um pouco mais tarde.

Criar-se-ia uma situação em que os vivos invejariam os mortos.

Têm-se construído modelos hipotéticos de ataques nucleares, estudando-se o que aconteceria como consequência de um ataque nuclear com bombas de diversas megatoneladas, que explodissem no solo ou no ar, e tendo em consideração a localização geográfica da cidade, a direcção dos ventos, etc.

Não dispomos de espaço nem é este o momento oportuno para um estudo pormenorizado dos efeitos médicos e biológicos de um ataque nuclear, pelo que me limitarei a dar uma visão global da situação que seria criada pela explosão de uma bomba de uma megatonelada sobre uma cidade de um milhão de habitantes.

Trezentas mil pessoas teriam morte imediata e, em relação à maioria dos mortos, não restariam mais do que as cinzas.

O número de feridos seria de 400 mil, a maior parte com lesões múltiplas e complexas, predominantemente esmagamentos, com feridas e fracturas expostas e queimaduras.

Os médicos e outros trabalhadores de saúde seriam obviamente atingidos em proporções idênticas.

A experiência de Hiroshima e Nagasaki torna previsível que 50 a 80 por cento dos médicos morreriam e 80 por cento dos hospitais ficariam totalmente destruídos.

Para cada 700 a 1000 feridos, restaria um médico, teoricamente disponível.

Se o médico levasse 10 minutos a tratar cada ferido e trabalhasse 18 horas por dia, só ao fim de 9 dias teria feito um tratamento inicial a todos os feridos.

Quer dizer: os últimos feridos a serem socorridos teriam estado 9 dias completamente abandonados, pelo que, entretanto, a maioria teria morrido de fome, de esgotamento, de hemorragia, de infecção, etc.

Mas um acto médico praticado nestas circunstâncias poder-se-á chamar tratamento?

Fazer uma terapêutica sumária e abandonar o doente 9 dias para só então o tornar a ver!

Isto, admitindo que os médicos após um ataque nuclear ficavam em condições psicológicas e físicas para trabalharem 18 horas por dia...

Isto, admitindo que os feridos estavam todos juntos e acessíveis e que o médico se poderia ocupar deles sucessivamente e sem perder tempo a procurá-los entre os escombros.

Isto, admitindo que o médico tinha ao seu dispor material de penso, medicamentos e instrumentos para proceder, pelo menos, a um tratamento preliminar.

Isto, admitindo que os médicos se sacrificariam e trabalhariam em zonas fortemente radioactivas, transformando-se eles próprios, em pouco tempo, em vítimas das radiações, adoecendo, ficando incapazes de continuar a trabalhar e acabando, eles também, por morrerem.

É preciso admitir tantas possibilidades que mesmo os leigos compreendem que os cuidados de saúde seriam irrealizáveis, que todo este raciocínio se torna irrealista e se entra no domínio da fantasia e do absurdo.

As conclusões a que se tem chegado nos congressos internacionais e nacionais realizados em diversos países, são unânimes: um ataque nuclear paralisaria todas as estruturas económicas e sociais e os serviços de saúde de modo que os feridos seriam abandonados, sem mesmo poderem beneficiar de uma terapêutica paliativa que lhes aliviasse a agonia final.

A defesa civil

E a defesa civil?

Poderão nesta altura alguns dos presentes estar a acusar-me de transmitir uma visão apocalíptica e de omitir as medidas de defesa civil, abrigos e outras, que existem já em alguns países.

Darei alguns exemplos que analisarei brevemente.

Na Suíça, por exemplo, há abrigos sólidos, providos de víveres e que poderão abrigar grande parte da população.

O governo inglês publicou, com o título «Protect and Survive», um livro com minuciosas instruções à população civil para a eventualidade de um ataque nuclear.

Mencionemos, apenas, alguns aspectos, por exemplo, do que diz respeito aos abrigos que podem considerar-se um modelo de segurança.

Admitamos que o abrigo é suficientemente profundo e afastado do epicentro da explosão para resistir à explosão e à onda de calor, sem que os seus ocupantes fiquem esmagados ou assados.

Sabe-se que, em consequência do efeito electro-magnético da explosão, todos os equipamentos eléctricos ficarão paralisados e que o ar, para as pessoas abrigadas, em geral em número de 12 por abrigo, terá que ser bombeado manualmente.

Os ocupantes do abrigo teriam que, em turnos sucessivos, bombear ar do exterior para dentro do abrigo. Não saberiam que ar estariam a injectar para o abrigo, qual a sua radioactividade e não saberiam quando poderiam sair, pois não teriam qualquer informação sobre o teor da radioactividade na superfície exterior.

Colocariam uma vela no chão e, quando esta se apagasse, saberiam que a percentagem de óxido de carbono no interior do abrigo tinha atingido níveis tóxicos.

E assim ficariam durante dias, num abrigo em que a humidade do ar expirado escorreria pelas paredes, em que as fezes e as urinas eliminadas se iriam acumulando, até que pudessem sair, no caso de as saídas não estarem bloqueadas pelos escombros dos edifícios. Estando, morreriam soterrados e asfixiados.

O governo inglês, que não tem capacidade económica para construir abrigos para a população, aconselha medidas mais baratas, que destina, apenas, a 20 por cento da população, pois considera que 80 por cento morreria imediatamente, a seguir ao ataque nuclear.

Dizem os peritos ingleses, e isto não é humor negro, pois está escrito em documentos oficiais: As famílias devem abrigar-se debaixo da mesa da casa de jantar, que será reforçada com sacos de areia, livros e revistas, roupas, de modo a constituir uma sólida pirâmide capaz de resistir à onda explosiva.

As pessoas devem meter-se debaixo da mesa e aí permanecer doze dias, tendo ao seu alcance alimentos e água para este período de tempo.

Os peritos do «home-office» não deixam de recomendar que, entre outras coisas, se disponha de um baralho de cartas. Para fazer paciências!

Isto, que atinge as raias do absurdo, está escrito em documentos oficiais que foram distribuídos à população e que, como é natural, levantaram uma onda de indignação.

Toda a rectórica da defesa civil não é mais do que manobra política para gerar, nas populações, uma noção de segurança, de que poderão escapar à catástrofe nuclear e criar um estado de espírito de aceitação de uma guerra nuclear.

Não passa de uma trágica mistificação. Criar no público a noção de que uma guerra nuclear será mais uma guerra, apenas com um maior número de mortos e maiores destruições do que as guerras anteriores, às quais a humanidade tem sobrevivido.

Mas a realidade é outra.

Uma guerra nuclear seria uma guerra qualitativamente diferente.

As armas nucleares, no dizer do prof. Benard Lown, cardiologista americano e presidente do International Physicians for Prevention of Nuclear War, não são armas de guerra, são instrumentos de genocídio.

A guerra nuclear actuaria não apenas pelos seus efeitos imediatos que seriam catastróficos, mas destruiria todas as estruturas sociais e económicas.

Os seus efeitos ecológicos e, reportando-nos apenas a alguns que são parcialmente conhecidos, particularmente a destruição da camada de ozono da estratosfera, que protege a Terra das radições ultravioletas, poderiam destruir toda a vida na Terra.

A destruição de 25 a 30 por cento da camada de ozono, provocada pela deflagração de apenas um décimo das bombas nucleares armazenadas, resultante da libertação de óxido de azoto, arruinaria a agricultura e causaria queimaduras cutâneas nos animais e nos homens, particularmente queimaduras da córnea, com consequente cegueira.

Não é seguro que houvesse sobreviventes.

A vida humana é finita.

Todos sabemos e aceitamos, com maior ou menor resignação, a nossa própria morte.

Pensando na nossa morte, sabemos que seremos sobrevividos pelos nossos filhos, pelo nossos parentes, pelos nossos amigos, sabemos que a vida continuará.

Mas o fim da vida na Terra!

O facto de o homem, num gesto suicida, usar do poder que a sua imaginação e inteligência soube extrair da natureza para se destruir é impensável.

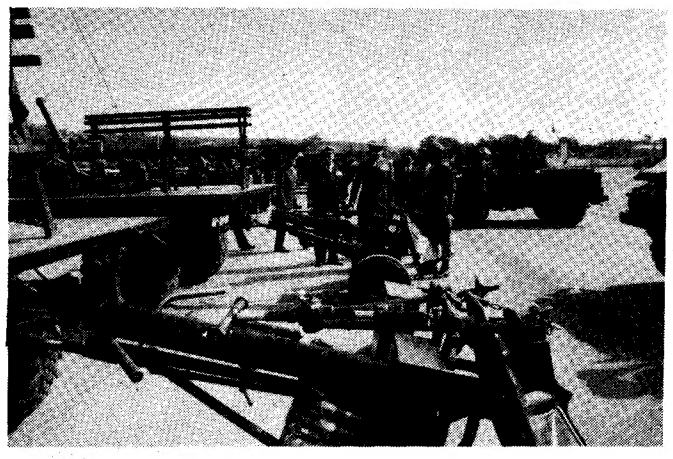
E, se a ideia de um holocausto nuclear leva alguns ao desânimo, à inação, a uma atitude fatalista, a outros insuflará ânimo para lutarem pela vida.

A vida é o nosso bem mais preciso.

Um poeta inglês, John Douve, escreveu: «A morte de qualquer homem diminui-me,/porque eu pertenço à humanidade:/e por isso nunca perguntes/ por quem tocam os sinos:/Eles tocam por ti»

*Chefe de Clínica nos HCL

ponto a ponto



O comandante do Corpo de Fuzileiros dos EUA, general Paul Kelley, e o CEMGFA, general Melo Egídio, visitaram a Escola de Fuzileiros (em Vale de Zebro) onde foram recebidos pelo chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão. Após ter assistido a um «briefing» sobre as missões, organizações e capacidades do Corpo de Fuzileiros da Marinha portuguesa, o general Paul Kelley teve ocasião de observar alguns exercícios e uma exposição de diversos tipos de equipamentos e meios em utilização nos fuzileiros.

A convite do Forum de Juventude das Comunidades Europeias, organismo que constitui uma tribuna política para as organizações internacionais de juventude e para os conselhos nacionais de juventude perante as Comunidades Europeias, e do CENYC (Conselho Europeu dos Comités Nacionais de Juventude), um dos órgãos de coordenação a nível internacional das actividades dos conselhos nacionais de juventude, doze dirigentes de organizações de juventude portuguesas e 18 das suas homólogas espanholas, estão a efectuar uma viagem de estudo e informação a várias cidades europeias, a qual decorre até ao dia 16 deste mês. O programa desta viagem, financiada pela Direcção-Geral de Informação da Comissão das Comunidades Europeias, tem como objectivos principais a informação sobre as actividades dos conselhos nacionais de juventude, organizações internacionais de juventude e as suas estruturas de cooperação a nível europeu.

A mulher de Jacques Chirac presidente da Câmara de Paris, e antigo primeiro-ministro francês, esteve na Câmara Municipal do Porto, a apresentar cumprimentos a Paulo Valada, presidente da edilidade portuense. A mulher de Chirac, que se encontra em Portugal em visita particular desde sábado, a convite do empresário Bernardo Guedes da Silva, esteve já no Algarve, Lisboa, Batalha, Alcobaça, Buçaco e almoçou na Régua, em casa daquele empresário. Bernardo Guedes da Silva, é desde há muito tempo, amigo pessoal do recente candidato às presidenciais francesas e da sua mulher.

A secretária de Estado da Emigração, dra. Manuela Aguiar, regressa amanhã a Lisboa depois de uma deslocaçõ por vários países da europa para tratar de questões relacinadas com a emigração. Manuela Aguiar, visitou a França, Suíça e Suécia.

O exercício militar «Jupiter-83», promovido pelo Corpo de Tropas Pára-quedistas, decorre de 19 a 26 de Outubro no distrito de Portalegre. O exercício inicia-se com um lançamento táctico na região de Vale de São Pedro (Herdade da Torre da Palma), no concelho de Monforte, a que se seguirá a reorganização e desenrolar do «Jupiter-83» na região delimitada por Monforte, Portalegre, Serra de São Mamede, Fronteira e Arronches. No dia 23, entre as 10h00 e as 15h00 realizam-se fogos reais de avião (foguetes) e helicóptero (Murteiro 120 e 81), para alvos instalados na região de Nasce-Água.

A «Europa e a Democracia» foram objecto de um colóquio proferido pelo filósofo e escritor francês Bernard Henry Levy na fundação «Engenheiro António de Almeida», no Porto. A iniciativa, enquadrada num ciclo previsto para o Porto, partiu de um grupo de jovens quadros políticos portuenses do PSD e CDS, que «aproveitando a oportunidade da presença em Portugal de diversas personalidades relacionadas com o movimento dissidente na URSS» decidiu implementar um conjunto de acções que alertem e sensibilizem a opinião pública para a necessidade de repensar a democracia.

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, recebeu em Alfragide, o comandante Logístico da Força Aérea dos Estados Unidos da América, general James Mullins que se deslocou ao nosso País em visita de trabalho. Durante a tarde, o general Lemos Ferreira acompanhou o general Mullins às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, onde eram aguardados pelo respectivo director, general Conceição Espadinha.

Presidente da República Popular de Moçambique em Portugal

Em Tancos: Samora Machel face a armamento apreendido à Frelimo durante a guerra colonial. «Nós também temos armas apreendidas aos portugueses», comentaria o Presidente

Samora Machel nos "paras"

Esta é a nossa história

A visita que o presidente Samora Machel fez ontem aos pára-quedistas em Tancos constituiu um dos momentos mais significativos do programa da sua visita. Ao colocar uma coroa de flores aos pára-quedistas portugueses mortos o presidente de Moçambique mostrava sem qualquer margem para dúvidas que o abraço do povo moçambicano ao povo português, que tem sido muito justamente apresentado como o símbolo desta visita, não exclui os militares, antes pelo contrário, reforça-se neles.

Em Tancos se enterrou a única dúvida que porventura pudesse existir, quanto à atitude do povo moçambicano perante os militares portugueses.Ela ficou bem expressa na mensagem que Samora deixou no Livro de Honra daquela unidade: «À nova amizade e camaradagem, um abraço a todos».

Mas houve um momento particularmente emotivo e que impressionou todos os oficiais pára-quedistas qus o acompanharam. Foi durante a visita ao museu da Base. Samora Machel observou equipamentos, armas e um conjunto de elementos que documentam todo o historial daquele corpo militar. Em determinada altura o coronel Lousada, comandante da Base, apontou para um vasto painel com numerosas fotografias, dizendo-lhe: «Estes, senhor presidente, são os nossos pára-quedistas mortos».

E precisando melhor, apontou para um sector específico do painel: «A partir daqui são os mortos em Moçambique».

Samora, em silêncio, percorreu com os olhos aquelas fotografias de tantos jovens mortos na guerra inútil. Uma expressão de tristeza toldou-lhe o rosto. Após uns momentos de profundo silêncio disse apenas:

«Isto pertence ao passado...É esta a nossa História».

Samora Machel, acompanhado pelo almirante Silva Horta, em representação do Presidente da República, pelo brigadeiro Almendra, comandante do corpo de pára-quedistas, pelo comandante da Base Escola, coronel Lousada e pelos oficiais responsáveis pelos vários sectores percorreu demoradamente as instalações, assistiu a um «briefing» e a uma exposição estática de material e preparação de cargas para lançamento de aviões ou em pára-quedas.

Se nos é permitida uma leitura do que vimos, diremos que o presidente moçambicano ficou impressionado com a eficiência dos pára-quedistas e que estes foram também cativados pelo visitante.

Apesar de preparada à última hora, já que não estava inicialmente prevista no programa, esta visita aos pára-quedistas foi de longe a coisa melhor organizada de todo o programa até agora cumprido.

Samora Machel foi ali recebido com a dignidade e o aprumo de um corpo militar que assume uma verdaeira inserção democrática no conjunto da Nação de que faz parte.

E é importante que se revele tudo isto à opinião pública. É possível receber alguém, prestar-lhe as honras militares devidas, mas, no fundo, sentir-se no ambiente em que tudo não passa de formalidades.

Samora Machel foi sinceramente bem recebido com profundo respeito. Dez anos mudaram a História e mostraram como são fortes os seus ventos.

Em muitos oficiais e sargentos pára-quedistas há uma indiscutível saudade da África. Não da guerra, evidentemente, mas da terra, das gentes.

A perspectiva de uma eventual cooperação militar com Moçambique, que por exemplo incluísse a formação de quadros por militares portugueses entusiasma muitos deles. Ou seja, se porventura o Governo português e o Governo moçambicano viessem a acordar num projecto de cooperação militar desse tipo encontraria uma forte aceitação por parte dos militares portugueses.

Naturalmente que jornalistas quiseram entrar nessa questão, mas, também muito naturalmente, da parte dos oficiais superiores dos «páras» não puderam ouvir nada mais senão que «nós cumprimos aquilo que a Nação nos mandar fazer».

Por seu turno o presidente Samora Machel, abordado sobre o mesmo assunto, foi muito reservado. Respondeu que isso são questões políticas para discutir com o Governo português, com o Primeiro-Ministro. E acrescentava com alguma ironia: «Ah! Estes jornalistas...»

Mas como em Coimbra no pequeno discurso que fez durante o almoço oferecido pela Universidade Samora sublinhou que o homem não se exprime só por palavras, que o corpo, os gestos, os olhos também falam, ensinou-nos a conhecê-lo um pouco melhor. E por isso não foi difícil adivinhar que, sobre esta matéria – a cooperação militar – havia no seu espírito uma ideia qualquer. A conversa de hoje à tarde com o Primeiro-Ministro Mário Soares poderá incluir esse vector.

Para os jornalistas foi gratificante a forma como foram recebidos na Base Escola de Pára-Quedistas. A contrastar com as dificuldades que têm encontrado, ali tudo lhes foi facilitado, desde a rapidez no acesso, ao acompanhamento, à cedência de meios para realizarem o seu trabalho.

Num País onde a eficiência e a organização andam muito por baixo, e ultrapassando este aspecto das facilidades que nos deram, diremos que foi também um espectáculo para os olhos ver a organização, a eficiência e o aprumo militar (no bom sentido) do corpo de pára-quedistas que à sua maneira e no seu campo de acção prestou ontem um importante serviço para o estreitamento das relações entre o Estado Português e o Estado de Moçambique.

Só não compreendemos a ausência do ministro da Defesa, a quem, supomos, competiria estar presente.

Augusto Vilela

Melo Antunes e Lurdes Pintasilgo com Samora e Eanes

O Palácio de Belém foi ontem à noite o cenário de mais um contacto directo entre Ramalho Eanes e Samora Machel, ao abrigo dos olhares e dos ouvidos indiscretos dos jornalistas.

Programado como um jantar íntimo, o encontro reuniu, na sua parte inicial, apenas os dois presidentes e as suas esposas.

Posteriormente, cerca das 22.30 chegou ao volante do seu automóvel a eng.ª Lurdes Pintasilgo, acompanhada pela dr.ª Teresa Santa Clara Gomes, dirigindo-se ambas para o interior do palácio.

Mais tarde foi a vez de Melo Antunes se vir juntar ao grupo em companhia da sua mulher.

Do que se disse em mais este encontro entre Samora, Eanes e os seus convidados, que **vieram tomar café com os presidentes»** nada transpirou para o exterior.

Recorde-se apenas que Melo Antunes esteve em Maputo em fins de Agosto e que nessa altura foi apresentado pela Imprensa moçambicana como um **emissário** de Ramalho Eanes que tinha por missão preparar a visita de Samora a Portugal. Em Lisboa fontes governamentais manifestaram então o seu desagrado e falaram mais uma vez da **diplomacia paralela de Belém.**

Na Comuna

Semana de Moçambique

«O Desenvolvimento rural em Moçambique» é tema, esta noite, de um colóquio na Comuna, com a participação do antropólogo Fialho Feliciano, do economista Almeida Serra e do cooperante naquele país Camilo Mortágua.

O colóquio insere-se num conjunto de iniciativas levado a efeito pela Comuna, pelo CIDAC e pela Cooperativa Era Nova, sobre a realidade moçambicana, por ocasião da visita a Portugal de Samora Machel. Amanhã também às 21 e 30, haverá um recital de poesia e música com João Mota, Carlos Paulo e Maria do Céu Guerra; na quinta-feira falar-se-á da Literatura em Moçambique (Ana Mafalda, Kalana da Silva e Amélia Muge) e na sexta-feira será exibido o filme de Fonseca e Costa, «Música Moçambique».

O filme será exibido ainda sábado à tarde. Neste mesmo dia, ao fim da manhã, haverá uma sessão infantil. Entretanto, está patente ao público ainda nas instalações da Comuna, uma exposição sobre Moçambique, organizada pelo pintor Hipólito Clemente.

Machel, Chissano, Antunes, Crespo...

Acordo de Lusaca recordado em Queluz

O Acordo de Lusaca (Setembro/74), primeiro passo da formalização da independência de Moçambique, foi ontem à tarde recordado na residência oficial de Samora Machel no nosso País – o Palácio de Queluz.

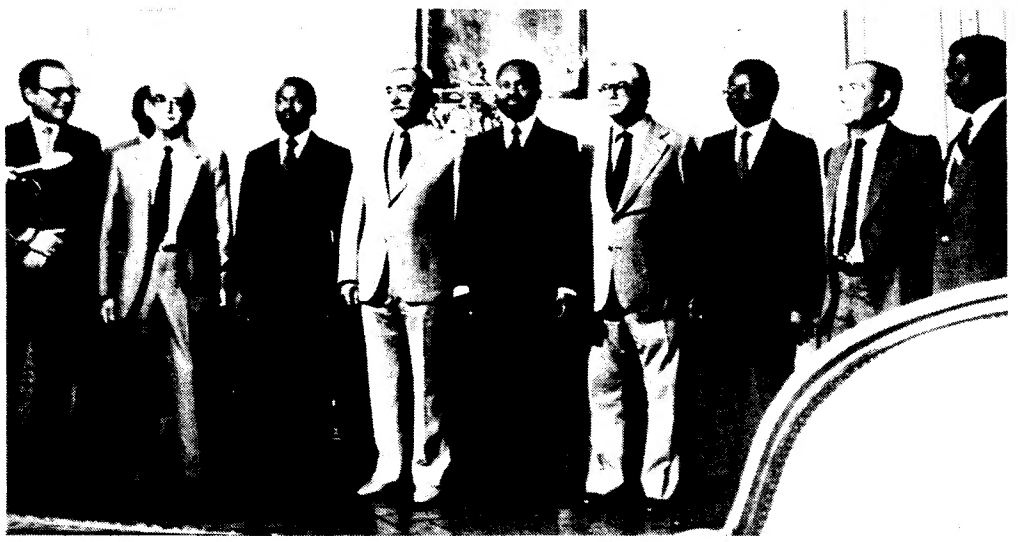
Foram cerca de 45 minutos de recordação entre alguns dos principais subscritores do célebre acordo. Do lado português faltaram apenas Mário Soares, Almeida Santos (que já tinham estado noutros locais com o presidente moçambicano) e o coronel Casanova Ferreira. Presentes quatro dos sete subscritores portugueses: Melo Antunes, Vítor Crespo, Nuno Lousada e Antero Sobral. Do lado moçambicano, além de Samora: Joaquim Chissano e Armando Quezoba.

No final à despedida do coronel Nuno Lousada, Machel daria o tom do ambiente que tinha rodeado o encontro: «Coronel, as operações de Moçambique eram boas, não eram?!». Riram-se ambos, entre apertos de mão.

Falando aos jornalistas, à saída, Melo Antunes diria que o encontro tinha sido uma «troca de impressões entre amigos». Os restantes três portugueses são da mesma opinião. O dr. Antero Sobral destaca, porém, uma particularidade: «Se estou vivo devo-o a Samora». E lembrou que foi a intervenção directa de Machel que permitiu que ele, ante doença gravíssima, tivesse vindo para Portugal tratar-se.

Instado a comentar a importância da visita de Samora ao nosso País, Melo Antunes, considerou-a «um marco importante nas relações entre os dois países».

L. H. M.



O Presidente moçambicano e membros da sua comitiva com signatários dos Acordos de Lusaca: da esquerda para a direita, Rui Baltasar Alves, Antero Sobral, Joaquim Chissano, Vítor Crespo, Samora Machel, Melo Antunes, Armando Guebuza, Nuno Lousada e João Baptista Cosme

Presidente da República Popular de Moçambique em Portugal

Machel e Soares em Sintra

Dois discursos, uma vontade: intensificar a cooperação

Uma mesma vontade evidenciaram ontem Samora Machel e Mário Soares, durante um banquete oficial que decorreu no palácio da Vila, em Sintra. Essa convergência expressa-se em duas palavras: intensificar a cooperação. Para o Primeiro-Ministro português «há um enorme trabalho comum que nos espera e que pode ser iniciado tão depressa o Governo de Moçambique o queira». Para o chefe de Estado moçambicano importa «estabelecer com o empresariado português um relacionamento longo, sólido e estável, e não apenas circunsrito às necessidades imediatas». A forma de concretizar esta vontade não foi revelada por nenhuma das partes. Fica no âmbito das negociações que têm vindo a decorrer entre os dois países.

Ao almoço oferecido por Mário Soares a toda a comitiva moçambicana e a entidades portuguesas foram particularmente notadas as ausências dos ex-primeiros-ministros Nobre da Costa e Pinto Balsemão e do líder comunista Álvaro Cunhal. Segundo os serviços do gabinete do Primeiro-Ministro os três declinaram o convite, o primeiro por doença, os restantes por afazeres inadiáveis.

Ambos os discursos recordaram factos históricos (Acordo de Lusaka entre outros) abordaram as conjunturas nacionais e internacionais e puseram o acento tónico na página nova que é preciso virar na história dos dois países para construir uma nova cooperação.

«Estamos agora a iniciar uma nova fase do reencontro histórico dos nossos dois povos» – diz Mário Soares. «Vivemos hoje a realidade de um sonho» – sublinha Samora Machel, que teve sempre palavras de muita simpatia para com o Primeiro-Ministro. «Companheiro Mário Soares» – assim o trata o líder moçambicano, recordando que «juntos caminhámos na longa e extenuante, difícil mas exaltante jornada de luta para conquistar a liberdade e o direito de sermos hoje o que somos».

Cooperação política nacional

Segundo Mário Soares, «as naturais dificuldades dos primeiros tempos, as prevenções, as desconfianças inevitáveis, os erros, os complexos, de parte a parte, hão-de considerar-se agora ultrapassados». Há ainda problemas em aberto, frisa, mas «sabemos que existe a vontade política necessária para os resolver». Mais: «vivemos agora – é um facto indesmentivel – um clima de confiança e de calorosa amizade».

Cooperação. Para Mário Soares, a cooperação é uma **política nacional** que merece o consenso unânime dos partidos portugueses, quer estejam no Governo, quer na oposição. É, acentua, «uma política permanente que terá de esquematizar-se a longo prazo e que não varia ao sabor das mudanças de Governo, normais, segundo o nosso sistema político, em termos de alternância democrática».

Que os contextos geográficos e geoestratégicos diferentes em que estão inseridos os dois países não afectam as nossas relações, foi também o sentido do discurso do líder socialista. «Pelo contrário: realçam a nossa complementaridade e a importância política, em ambos os sentidos, do nosso bom entendimento». Uma baliza apontada: o apertado condicionalismo financeiro imposto pelo Programa Conjuntural de Emergência. Por isso, afirma Soares, «chegou o momento de precisar melhor o sentido da nossa cooperação e a sua filosofia de base, por forma a podermos desenvolver, com eficácia e pragmatismo, todas as suas virtualidades, que são muitas».

Empenhamento e garantias

«Estamos empenhados» – sublinha depois – em apoiar os nossos empresários na criação de empresas mistas luso-moçambicanas... em fomentar a criação de **joint-ventures** entre empresas portuguesas e moçambicanas para participar em concursos internacionais... em desenvolver acções concretas de cooperação tripartida. Que «não faltarão capitais próprios e alheios que estamos em condições de mobilizar, uma vez definido com rigor o quadro de actuação e as respectivas garantias» – é o próprio Mário Soares a dizê-lo. Entre estas, o Primeiro-Ministro foca a garantia de protecção das pessoas que queiram ir trabalhar para Moçambique e a defesa dos seus legítimos direitos e interesses. «Vemos aliás, nessas garantias necessárias, bem como na resolução e desbloqueamento de certas situações antigas, o melhor estímulo e a condição necessária para o alargamento desejado por ambas as partes, da nossa cooperação».

Para Soares «os sinais dados nos últimos tempos são encorajadores». E o Governo português «está preparado para dar resposta concreta e atempada às solicitações concretas» que o governo de Moçambique nos queira dirigir. Mas, «acima das palavras ou das promessas interessam os factos». É Mário Soares a afirmá-lo, com este apelo expectante: «Saibamos responder com coragem e pragmatismo ao desafio dos factos».

À saída do Palácio, em Sintra, onde decorreu o almoço oferecido pelo Primeiro-Ministr0: Mota Pinto cumprimenta Samora Machel sob o olhar de Mário Soares e Almeida Santos (ao lado do Presidente) e de Jaime Gama, nas escadas

Novas linhas de crédito para empresários?

Ontem, em Sintra, enquanto se aguardava a chegada de Samora Machel (cerca de uma hora de atraso) pusemos a questão a Mário Soares e a Ernâni Lopes: vai haver novas linhas de crédito para empresários que queiram investir em Moçambique?

Um e outro respondem com evasivas.

O Primeiro-Ministro chama a atenção para o discurso que iria proferir na Sala dos Cisnes, ao almoço. Fala nas dificuldades económicas, refere que os reformados terão de ser aumentados brevemente e deixa a porta aberta: «estamos a analisar propostas concretas». Quais?, não quis adiantar.

Mais lacónico foi, porém, o ministro das Finanças. Quando o «DL» lhe põõe a questão, Ernâni Lopes franze o sobrolho, não quer responder. Insistimos. O ministro procura distrair-se trincando uma tapa. Voltámos a insistir com base na afirmação concreta de Mário Soares e só assim se desfez o silêncio: «Vamos ver». Três sílabas apenas.

Minutos depois quando cumprimentava Samora Machel, o ministro das Finanças não esconderia a sua perplexidade. Samora dispara: «Ouvi dizer que você é muito duro». Entre alguns risos, Ernâni Lopes tenta não se desconsertar: «Tem de ser». Económico, sempre, nas palavras...

LHM

Samora elogia empresários

Mais longo foi o discurso, também escrito, de Samora Machel. Lembrado o passado, recordado o «nosso património comum», um apontamento sobre a comemoração dos «dez anos da queda do sistema colonial fascista». Dez anos de independência também. A atenção maior do presidente moçambicano vai, no entanto, para a cooperação. «Estamos em condições óptimas de associar os nossos recursos e capacidades, e transformar a natureza em riqueza material e espiritual em proveito dos nossos povos». Sobre o sentido e a filosofia da cooperação que anima Moçambique com Portugal, o presidente africano considera-a como «um rigoroso processo que beneficia, nas mesmas proporções, as partes envolvidas».

Para os portugueses vão palavras de muita simpatia e apreço. «Os trabalhadores portugueses em Moçambique testemunham o exemplo da capacidade, da inteligência, do génio empreendedor que tem caracterizado o povo português desde sempre». Para os empresários, elogios rasgados e apelo. «São eles também os impulsionadores que concretizam e asseguram a estabilidade da cooperação que todos nós queremos... O nosso povo aprecia os benefícios resultantes da acção positiva dos vossos empresários». Mais: «eles são bem vindos a Moçambique e que queremos reafirmar o nosso empenho em estabelecer com o empresariado português um relacionamento longo, sólido e estável, e não apenas circunscrito às necessidades imediatas».

Quanto à crise económica, não poderá ser sombra. «Pelo contrário, deverá servir de elemento catalizador para acções complementares, bilaterais e multilaterais». Combinar os recursos de cada um dos países para ultrapassar a crise que ambas as economias enfrentam é o objectivo.

Timor-Leste — acção conjunta

No seu discurso, Machel agradeceu também ao Governo português a devolução dos restos mortais do régulo Gungunhana e demorou-se um pouco na apreciação da crescente deterioração das relações internacionais. «Assistimos à renovação da linguagem da guerra-fria» — disse. Médio Oriente, América Central, Namíbia, Sahara, Timor-Leste, são pontos de abordagem.

Sobre o território ocupado pela Indonésia, um apelo: «adoptemos, em conjunto, uma linha firme e coerente de actuação junto das instituições internacionais e da Comunidade Internacional para que se respeite o direito legítimo dos povos à autodeterminação e à independência nacional».

Relativamente à África do Sul, já Mário Soares tinha condenado «todas as violações do território moçambicano». Machel reforça, em linguagem mais dura: «No nosso país, a África do Sul recruta, financia, treina, abastece e dirige o banditismo armado, num intuito claro de fomentar o terror e a violência nas populações, sabotar a nossa economia e as infra-estruturas sociais». Mas «a paz é uma exigência dos povos».

No final do banquete, uma parte da comitiva acompanha Machel e Soares na visita ao famoso palácio de origem árabe. O presidente moçambicano fica entre o espanto e o encantamento. Minutos depois é a saída. Tal como à chegada, dezenas de pessoas dão vivas à Frelimo e a Samora. Mas este, ao contrário do que acontecera noutros locais, não vai até junto delas. Acena, pega numa criança branca («a força do futuro») que se chega junto dele e eleva-a. «Vamos lá cumprimentar a todos». Para trás ficam alguns sinais de cansaço.

Luís Humberto Marcos

Cumprimentos do Corpo Diplomático a audiências aos partidos políticos

O presidente moçambicano recebeu hoje, em Queluz, pelas 10 horas, 67 embaixadores acreditados em Portugal.

Acompanhado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros do seu país, Joaquim Chissano, e de Portugal, Jaime Gama, Samora Machel recebeu, individualmente, no salão dos espelhos, os cumprimentos de cada um dos diplomatas.

O chefe do Estado moçambicano saudou em particular os embaixadores da União Soviética e dos Estados Unidos, demorando-se um pouco mais na troca de impressões com eles do que com os restantes.

Antes, e no início de uma série de audiências com partidos com representação parlamentar, Samora Machel havia recebido o dirigente do CDS, Lucas Pires, a quem disse que «é fundamental a estabilidade social e económica». Durante a audiência, que durou cerca de 20 minutos, o presidente disse ainda a Lucas Pires que «temos consciência da responsabilidade. Temos de desenvolver a nossa terra».

Por seu turno, Lucas Pires, ao sair da audiência, disse à Imprensa que a visita do Chefe do Estado moçambicano a Portugal é muito importante e pode ser considerada sob três planos de avaliação: relações entre governos, nomeadamente económicas. Relações de Moçambique com a sociedade portuguesa, designadamente com os empresários. E no plano histórico, que envolve os dois Estados.

A esse último propósito, salientou que é importante que em dez anos se tenham resolvido um certo número de problemas.

O líder do CDS sublinhou que esta normalização já verificada entre Portugal e Moçambique poderia ter demorado duas gerações.

Ao fim da manhã o presidente Samora avistou-se com Mota Pinto (PSD) e Álvaro Cunhal (PCP). A audiência com Mota Pinto começou com um pormenor interessante: enquanto o presidente se não opunha a que os jornalistas assistissem ao encontro — «Temos confiança nos nossos jornalistas», disse Mota Pinto achava «pouco curial» uma tal atitude. Os jornalistas acabaram por sair... Seguiu-se a audiência com Álvaro Cunhal que decorria ainda ao fecho da nossa edição.

de ontem para hoje

Várias palestras de esclarecimento da Pró-Comissão Sindical da PSP

A Pró-Comissão Sindical da PSP irá realizar na sua sede nacional (Calçada do Combro, 127, 2.º, Esq. em Lisboa), nos próximos dias 12, 19, 20, 26 e 27, com início às 21 horas, palestras informativas e de esclarecimento, destinadas a todos os elementos da corporação (guardas, sub chefes, chefes e comissários) e ainda funcionários administrativos e contratados. As palestras contarão com a presença de membros do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, da Polícia Judiciária e possivelmente, do Sindicato dos Trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris e das Forças Armadas. Por sua vez, a referida comissão projecta realizar no próximo dia 28, em local a designar, um espectáculo de variedades, contando desde já com a participação de Paco Bandeira, Dina e Grupo Coral da Filarmónica da Amadora.

Traficantes de droga presos em Almada

A GNR de Almada considera ter desmantelado uma das principais redes de traficantes de droga que operam na zona, ao deter quatro indivíduos e apreender 27 quilos de haxixe, duas pequenas embalagens de heroína e uma balança, tudo avaliado em onze mil contos. Os quatro detidos, que operavam a partir de Marrocos, vendendo a droga nao só em Almada, como ainda na Costa da Caparica, Amora, Laranjeiro e Corroios, foram identificados como Fróias, de 44 anos, Gregório de 43 e «Careca», de 24, e um quatro indivíduo que está a cumprir o serviço militar, e cujo nome não foi revelado.

Adiado julgamento de Homem de Sá

O juiz do Tribunal de Polícia adiou «sine die» o julgamento do actor Nuno Homem de Sá acusado, conforme ontem noticiámos, de «desobediência e agressão a agentes da PSP», à porta da «boête» lisboeta «Banana's». Ao contrário do que é referido no auto de notícia, Nuno Homem de Sá afirma que, ao pretender acompanhar a noiva, acometida de asma, numa ambulância do 115, foi «castigado selvaticamente a murro e à joelhada, pelos agentes, ficando no estado em que me vêm. «É de facto Homem de Sá ainda apresentava equimoses profundas no rosto. Como testemunha ocular do incidente o jovem actor arrolou o gerente industrial António Pinto Ferreira que corrobora a sua versão.

Não chegou a comprar a pistola

Com uma bala alojada no peito deu entrada no hospital de Santo António (onde se encontra internado), o tractorista Alberto da Silva Martins, de 24 anos, natural da freguesia de Moldes, em Arouca. Ao que apurámos, o tractorista deslocou-se à freguesia de Sousa, Vila da Feira, a fim de tratar da reparação da sua viatura. Em dado momento travou conhecimento com outro indivíduo que pretendeu vender-lhe uma pistola e que, talvez em jeito de demonstração, fez um disparo, o qual viria a atingir o potencial comprador que agora luta entre a vida e a morte.

Três incêndios na região de Coimbra

Três incêndios registaram-se ontem nas imediações de Coimbra, obrigando as duas corporações de bombeiros da cidade a mobilizar todos os seus recursos, por terem deflagrado quase simultaneamente. Assim, perto de Cernache, no sítio de Penedo Alto, ardeu uma área de cerca de 15 mil metros quadrados de mato e oliveiras, devido à queimada que uma mulher fazia de lixo. Também em consequência de outra queimada pegou-se o fogo a uma zona de restolho no local de Pontinha, próxima de Fala, S. Martinho do Bispo. Finalmente outro fogo destruiu parcialmente um barracão da estrada de Eiras, que serve de estaleiro a uma empresa de construção civil, mas que se encontrava despejado de mercadorias.

Septuagenária estrangulada em Faro

A Polícia Judiciária de Faro investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte da septuagenária Hermínia Guerreiro, de 79 anos, viúva, cujo corpo foi encontrado numa ribanceira perto de Patacão. A septuagenária, que vivia com um filho no lugar de Armeiro apresentava um arame enrolado ao pescoço.

Sandra Paula esteve em perigo

A embarcação de pesca «Sandra Paula» chegou ao princípio da tarde de ontem ao porto de Leixões, rebocado por dois pesqueiros e com ajuda do draga-minas «Lagoa» e de um salva-vidas. A «Sandra Paula», esteve com água aberta e em perigo de afundar-se a 19 milhas a sudoeste de Leixões, mas a tripulação já fora totalmente retirada para a «Roberto Paulo». Entretanto no Comando da Zona Marítima do Norte decorrem neste momento vistorias e inspecção à embarcação procurando as causas da avaria. A «Sandra Paula» só será autorizada a regressar à faina – disse a mesma fonte – após «adequada reparação».

Após encontro no Hospital-Prisão de Caxias

'Históricos' do PRP demarcam-se publicamente de Amilcar Romano

Amilcar Romano e Manuel Pinto, militantes do PRP que hoje completam dezoito dias de greve de fome), foram visitados na Prisão-Hospital de Caxias por uma delegação do seu partido, integrada por Isabel do Carmo e Carlos Antunes, incumbida de os convencer a interromperem uma estratégia de luta, em sua opinião encetada de «forma unilateral». Face à posição «inabalável» assumida por Amílcar Romano e Manuel Pinto, os membros da delegação, em número de onze, divulgaram um comunicado na qual afirmam que, «embora não pretendendo limitar o direito de Amílcar Romano e Manuel Pinto disporem dos seus próprios corpos, não querem, no entanto, «assacar com as responsabilidades e as consequências duma deliberação e duma luta não colectiva, ao contrário de todas as do passado e da luta que estão dispostos a travar no futuro».

Nessa luta os subscritores do comunicado integram a Lei da Amnistia «única forma – afirmam – passível de resolver o problema, uma vez que se encontra integrada na luta política global contra a repressão e pela conquista de objectivos políticos a curto e a longo prazo».

De imediato, Isabel do Carmo e os seus companheiros dispõem-se «a prosseguir o diálogo possível com o Poder, no sentido de ser votada no Parlamento a Lei da Amnistia para a qual tem de ser garantida a maioria que decorrer dos compromissos partidários anteriores».

Na óptica dos subscritores do documento a greve de fome «é uma opção grave, em que se joga a vida e que, por isso, deve ser decidida criteriosamente e não usada levianamente».

A história do processo

Historiando a evolução do Caso PRP após a luta de 1982 e a libertação de vários presos, o documento recorda que Isabel do Carmo e Carlos Antunes encontraram-se com o Presidente da República e com o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, no sentido de lhes agradecer a posição tomada durante a sua greve de fome e para colocar a necessidade do cumprimento dos compromissos e da recolucação da Lei da Amnistia no Parlamento. Tal como tinha ficado acordado, o general Ramalho Eanes concedeu no Natal o tempo de perdão necessário para a liberdade condicional dos ainda presos, João Rodarte, Amilcar Romano e José Manuel Pinto. Ocorreu nesse momento a crise política e o vazio do Poder provocados pela demissão do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, demissão do Governo, ruptura da AD e dissolução da AR.

Imediatamente após esse vazio político seguido das eleições do 25 de Abril e designação do novo Primeiro-Ministro iniciou-se uma série de contactos com o Poder no sentido de desbloquear a situação criada pelo facto de ainda estarem presos dois camaradas e de ser necessário repor no Parlamento a Lei de Amnistia.

«Assim, no dia em que Mário Soares foi indigitado para Primeiro-Ministro como chefe da maioria, foi-lhe entregue uma carta assinada por Isabel do Carmo, Carlos Antunes e Amílcar Romano, pedindo-lhe uma audiência, para a resolução definitiva de todo o «caso PRP». Na sequência dessa «démarche», uma delegação constituída por Isabel do Carmo, Carlos Antunes e Vitória Soares foi recebida pelo chefe de Gabinete do Primeiro-Ministro e pelo ministro de Estado, dr. Almeida Santos. A mesma delegação foi recebida pelos partidos parlamentares UEDS e MDP/CDE para a concertação de esforços no sentido da resolução integral do caso e da reposição da Lei de Amnistia. Estabeleceu-se também um contacto com o Cardeal Patriarca a quem foi entregue um documento jurídico elaborado por Jorge Fagundes, acerca da situação dos dois presos e da necessidade da Lei da Amnistia».

José Afonso e Paulo de Carvalho

Ora, segundo nos afirmou esta manhã Isabel do Carmo tudo se conjugava para que a Lei da Amnistia voltasse ao Parlamento para ser aprovada pela maioria, quando inesperadamente Amílcar Romano e Manuel Pinto entraram em greve de fome, «reivindicando a sua passagem ao regime aberto, o que na prática levará à sua libertação mas à perda da sua condição de preso político. Isto quando na Irlanda, por exemplo, militantes do IRA já morreram em luta para que lhes seja concedido o estatuto de preso político».

Não faz sentido, concluiu Isabel do Carmo que em Portugal, presos políticos ponham em causa a sua vida para caminharem no sentido inverso. É um absurdo».

Um absurdo que, pela evolução deste caso, poderá levar, como já o escrevemos há dias, a nova cisão no PRP. Até lá, nomes como os de José Afonso, Paulo de Carvalho, Luísa Neto Jorge, Luís Miguel Cintra, Rui Mendes, Lindley Cintra, Sérgio Godinho, Aquilino Ribeiro Machado, Carlos César, Rui Simões e Júlio Pereira, entre outros, acrescentaram os seus nomes aos de Rui Luís Gomes, Miller Guerra, Natália Correia, Henrique de Barros e Vasco da Gama Fernandes, que subscrevem um documento em prol da libertação de Amílcar Romano e Manuel Pinto.

Manuel Geraldo

Protecção do consumidor

Mulheres e crianças preocupam novo Conselho de Publicidade

O ministro da Qualidade de Vida defendeu ontem a necesidade do País dispor de uma publicidade verdadeira e lícita, sujeita aos princípios da leal concorrência.

Esta afirmação de António Capucho foi feita no decorrer da cerimónia de posse do Conselho de Publicidade. Na ocasião, o ministro da Qualidade de Vida salientou que há valores essenciais a defender no exercício da actividade publicitária, que deve ter «especial cuidado com a protecção da dignidade e dos direitos das mulheres, crianças e adolescentes, com a segurança pessoal dos consumidores e conservação da natureza».

O Conselho de Publicidade integra representantes de vários departamentos da Administração Pública, representantes dos consumidores, dos produtores e dos órgãos de Comunicação Social.

Ao Conselho de Publicidade compete «tomar iniciativas de contra -infomação publicitaria» relativas a bens e serviços anunciados com desrespeito da lei e enviar ao gabinete de defesa do consumidor as denúncias relativas a factos ilícitos cometidos no âmbito da publicidade.

A protecção ao consumidor no âmbito da publicidade já se encontrava regulamentada pelo Decreto-Lei 421/80 de 30 de Setembro, que criou o Conselho de Publicidade, órgão simultaneamente consultivo e deliberativo, com funções fiscalizadoras e pedagógicas. No entanto, este órgão nunca chegou a tomar posse dada a inexistência de verba para o seu funcionamento, que totalizava 700 mil escudos ano.

Ao actual Conselho de Publicidade, criado pelo Decreto-Lei 303/83, compete zelar pelo cumprimento da legislação aplicável ao sector, denunciando as práticas ou actuações que a violem. Pronunciar-se sobre as medidas legislativas em matéria de publicidade, e exercer uma acção pedagógica visando a melhoria dos padrões qualitativos em mensagem publicitária.

Mas até lá há falta de quadros

Futura Torre do Tombo estará pronta em 1990

A construção do edifício da futura Torre do Tombo, na Cidade Universitária, junto à Biblioteca Nacional, poderá iniciar-se em Agosto de 1984 – anunciou o ministro da Cultura.

Coimbra Martins fez a afirmação numa visita às actuais instalações do Arquivo Nacional, parte no Palácio de S. Bento, parte no convento da Estrela, mas a construção do novo edifício exige, ainda, uma decisão política última e a capacidade financeira do Estado.

Um anteprojecto do edifício foi já aprovado em concurso nacional e as maquestas e projectos apresentados ao concurso exibidos numa das salas do Ministério das Obras Públicas, já há cerca de dois anos.

Coimbra Martins afirmou que a construção do novo edifício «para a preservação do nosso património, terá a primeira das prioridades».

Para Pereira da Costa, director da Torre do Tombo, há ainda outros problemas, talvez mais imediatos, dado que a construção do edifício, logo que decidida, levará ainda quatro a cinco anos, pelo que não deverá pensar-se no «novo arquivo» antes de 1990.

Um dos problemas mais imediatos é os das vagas nos quadros do pessoal, que são da ordem dos 44,8 por cento a nível geral e de 50 por cento para os quadros superiores. A Torre do Tombo emprega, de momento, apenas 47 trabalhadores e necessitaria, segundo o seu director, de 79.

Pereira da Costa aceita, porém, que um aumento de 15 funcionários «já melhorava as actuais condições de trabalho», mas o certo é que existem 34 vagas nos quadros do arquivo.

Além de bibliotecários-arquivistas, a Torre do Tombo emprega funcionalismo administrativo, operadores de restauro e oficinal.

De qualquer maneira, o problema principal é o da falta de espaço e a inadequação dos locais, problema só resolvido com a construção do edifício já programado.

Braga pode ver canais da TVE

PORTO, 11 – Todo o concelho de Braga voltará a ver os dois canais da TVE a que se habituara desde há anos, por iniciativa dos Bombeiros Voluntários locais.

Um retransmissor particular, instalado na serra da Falperra deixara de funcionar recentemente, alegando o proprietário «falta de condições para garantir a continuidade do projecto». Perante a situação, e na sequência de «centenas de pedidos feitos por associados», os Voluntários de Braga decidiram instalar no mesmo local um retransmissor para os dois programas da Televisão espanhola, com capacidade para cobrir toda a área do concelho.

Em reunião com representantes da população os Bombeiros pediram um sistema de quotização a organizar entre os representantes dos moradores nas diversas ruas e bairros da cidade e igualmente de todo o concelho.

A população do concelho de Braga vê também, em boas condições, a RTP/1, mas apenas uma escassa parte tem acesso ao segundo canal da RTP, embora boa parte da sua programação seja emitida do Porto.

A colocação de retransmissores particulares que «apanham» a TVE é uma prática que se vai multiplicando em Portugal, embora em algumas regiões os serviços locais dos CTT tenham oposto resistência, alegando interferência da captação nos serviços radioeléctricos.

Foi o que em tempos aconteceu nas Fazendas de Almeirim, motivando protestos não só da população local como de outros ribatejanos que se deslocavam àquela terra para assistirem a programas espanhóis do seu interesse.

JS anima fim-de-semana com debate sobre a PAZ

A Juventude Socialista promove dias 15 e 16 um debate sobre a paz para o qual convidou um amplo leque de organizações juvenis – foi ontem anunciado em conferência de Imprensa.

Margarida Marques, dirigente nacional da JS, disse terem sido convidadas para o debate todas as organizações que integram o Conselho Nacional da Juventude, a JSD, as organizações que compõem a União Internacional das Juventudes Socialistas e o Tribunal Bertrand Russel.

O debate alarga-se aos temas: «Arqueologia da violência e perspectivas de transformação para a Paz», «Movimentos pacifistas e desarmamento» e «Blocos político-militares».

Entre as personalidades que participam nesta iniciativa da JS estão Melo Antunes, Teresa Ambrósio, João Cravinho, Luís Moita, Nuno Caiado e António Eloi.

A JS é favorável à não instalação na Europa dos mísseis norte-americanos «Pershing 2» e «Cruise», bem como à redução dos mísseis soviéticos, pelo menos ao nível do número dos que possuem britânicos e franceses.

A participação de todos os países europeus nas negociações sobre redução de armas nucleares estratégicas ou tácticas na Europa é também defendida pela JS.

Proclamando-se independente face aos blocos político-militares, a JS propõe-se ainda a criação de zonas desnuclearizadas na Península Ibérica, Balcãs e Mediterrâneo.

Esta iniciativa da JS foi originalmente anunciada em meados de Julho último, quando os jovens socialistas tornaram público o seu não apoio ao Festival de Tróia, conhecido pelo «slogan» «Dêem uma oportunidade à Paz». AJS considerou então que o «Dêem uma oportunidade à Paz» era uma iniciativa excessivamente próxima do Partido Comunista, ou das juventudes deste. Na mesma altura, afirmou que prepararia uma iniciativa sobre o tema da Paz e do desarmamento, provavelmente para este mês de Outubro.

Para uma boa parte da opinião pública informada sobre o «Dêem uma oportunidade à Paz», a recusa da JS em participar no Festival de Tróia significou, mais uma vez, a impossibilidade de associar jovens socialistas e comunistas numa iniciativa política igualmente apoiada por independentes e cidadãos sem partido.

Imprimiram eurocheques e bilhetes de futebol falsos

A Polícia Judiciária de Lisboa, através da Brigada Central de Moeda Falsa, acaba de desarticular uma rede de falsificadores especializados em diferentes tipos de documentos: bilhetes de futebol, senhas de passes sociais, eurocheques e respectivos cartões, bilhetes de identidade e outros.

As investigações foram iniciadas com um caso fortuito: a prisão no dia 16 de Setembro último em Algés de um indivíduo na posse de eurocheques e o respectivo cartão proveniente de furto. Diligências subsquentes levariam à conclusão que se destinariam a servir de modelo a falsificações. Na sua residência seriam econtradas máquinas e outros acessórios destinados a esse fim, nomeadamente um falso selo branco do Arquivo de Identificação.

Dez dias depois, outra prisão, esta efectuada na Rua das Amoreiras, Lisboa, de um indivíduo em porder de 130 000 dólares de eurocheques e «travellers cheques» falsos, pretensamente emitidos por um banco americano. Esta captura permitiria fechar o círculo e a detecção da oficina clandestina na zona de Benfica, próximo da Avenida do Uruguai, equipada com três máquinas, uma «offset», guilhotina e outra própria para queima de papel.

Também num apartamento da Reboleira, o grupo de falsários possuía outra máquina de reprodução de fotolitos, bem como diverso material utilizado na impressão de bilhetes de futebol, alguns dos quais ainda ali se encontravam e se destinaram ao desafio entre o FC Porto e o Dynamo de Zagreb.

Foram já detidos oito indivíduos implicados, todos portugueses com excepção de um de origem grega. Alguns já têm cadastro por crimes da mesma natureza e as idade variam entre os 25 e os 50 anos.

A falsificação dos bilhetes de identidade destinava-se a abrir contas bancárias para o cometimento de fraudes eventualmente com a conivência de algum funcionário. Aliás um desses bilhetes já havia sido utilizado numa dependência bancária da zona do Chiado em Lisboa.

Em Lisboa e Setúbal

Setenta escolas não começaram ontem as aulas

Só nos distritos de Lisboa e Setúbal cerca de 100 mil alunos não tiveram aulas ontem, dia 10, data determinada pelo ministro da Educação para abertura do ano lectivo nos ensinos preparatório e secundário.

O número foi apurado pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa que ontem mesmo procedeu a um levantamento exaustivo da situação.

Os 100 mil alunos que «aguardam em casa que lhes resolvam os problemas para frequentar a escola» correspondem a 70 das 197 escolas daqueles graus de ensino dos distritos referidos, que não puderam abrir na data marcada por Seabra.

Os motivos são os de sempre: escolas inacabadas, obras por concluir, problemas relacionados com saneamento básico e instalações eléctricas, falta de equipamento – mesas, cadeiras, falta de pessoal, conselhos directivos não homologados, falta de professores.

Afirma o SPGL em comunicado que apesar das pressões e do clima de intimidação exercidos pelo ME sobre os órgãos de gestão, «a situação demonstra que se essas escolas não abriram foi porque lhes era mesmo impossível abrir».

«A demagogia do ministro não resistiu ao dia 10», prossegue aquela organização sindical. «Uma coisa é a má situação do ensino no nosso país, outra é a que se quer fazer crer, utilizando os meios de Comunicação Social estatizados.»

O sindicato afirma ter chamado a tempo a atenção para o facto de haver escolas que não poderiam começar a funcionar na data prevista pelo ME, por muito boa vontade que tivessem.

«Mas mais uma vez o ministério e o Governo de que faz parte se mostraram inoperantes e passivos. Mais escolas que as previsíveis não abriram as suas portas».

«Que sirva de lição: as escolas não poderão funcionar movidas pelas palavras deste ou daquele ministro. As escolas só funcionarão quando reunirem as condições mínimas. Nesse trabalho nos empenhámos desde sempre», conclui o SPGL em comunicado.

No Alentejo e Algarve: oito mil sem aulas

No Alentejo e Algarve são oito mil alunos dos ensinos preparatório e secundário que não tiveram ontem aulas. Algumas escolas abrem esta semana, outras na próxima, outras ainda não sabem quando abrem.

O levantamento foi realizado pelo Sindicato dos Professores da Zona Zul que acrescenta haver 3000 alunos do ensino primário que naquelas duas províncias não têm aulas ainda.

As escolas do preparatório e secundário que não abriram são 20 e as do ensino primário são 100.

Igualmente não entraram em funcionamento 200 jardins de infância e 20 postos da Telescola.

As escolas do preparatório e secundário que conseguiram entrar em funcionamento ontem, muitas estão a trabalhar em péssimas condições. Assim: só no Alentejo faltam 600 professores daqueles graus de ensino, ou seja, 50 por cento das turmas das escolas alentejanas não têm o quadro de professores completo, nem ficará preenchido depois do chamado miniconcurso.

«Uma coisa que se vem verificando e que denunciamos uma vez mais», afirmou Manuel Pinho, coordenador do SPZS, «é o facto de cada vez mais esta zona ser um depósito de professores provisórios e sem habilitação própria».

Além da falta de professores, as escolas desta zona debatem-se com inúmeros problemas: falta de pessoal administrativo e auxiliar, falta de espaço, de equipamento, de material didáctico, etc.

O SPZS considera que a abertura do ano lectivo foi um fracasso para o Ministério da Educação e o Governo em que se integra e atribui esse fracasso, entre outras razões, à falta de diálogo e espírito de negociação da actual equipa do ME.

«O ME está muito mais interessado em fazer a sua autopropaganda do que resolver os problemas do ensino», concluiu o coordenador do Sindicato dos Professores da Zona Sul.

Horários e redução de subsídios encerram Preparatória da Golegã

A Escola Preparatória da Golegã não abriu ontem as aulas porque os alunos de Pombalinho e Azinhaga de São Caetano não comparecem na escola. Motivo: os pais recusam-se a aceitar os horários e os preços dos transportes públicos. A escola suspendeu as actividades e aguarda uma reunião com o Instituto de Acção Social Escolar.

Como foi já divulgado, o IASE reduziu os subsídios de transporte e alimentação neste ano lectivo.

ME: Louvor ao civismo

Entretanto, ontem, dia 10 de Outubro, uma nota do Ministério da Educação confirmava aos órgãos de Comunicação Social que «a abertura das aulas no ensino básico e secundário teve oficialmente lugar entre 3 e 10 de Outubro».

Segundo o ME, a maioria das escolas do primário, preparatório e secundário «abriu regularmente». As escolas que abriram atingem, segundo as informações do ME, 90 por cento no Norte e Centro, mais de 80 por cento na região Sul, «apenas na Grande Lisboa se verificando percentagem abaixo da média nacional».

A nota adianta que as causas da não abertura serão objecto de análise «caso a caso» e termina, à velha e boa maneira: «O Ministério da Educação louva o espírito de civismo dos professores e órgãos de gestão que cumpriram o seu dever».

ao telefone com

ANTÓNIO TEODORO (Sind. Prof. Grande Lisboa)

"Situação das escolas mostra carácter desonesto do ministro"

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa afirmou recentemente que a abertura do ano escolar estava longe de estar regularizada, denunciando o facto de numerosas escolas continuarem fechados por falta de condições para funcionarem.

O ministro da Educação, José Augusto Seabra, não gostou, e, servindo-se dos meios de propaganda ao seu dispor, RTP incluída, veio a público afirmar que a partir de ontem, dia 10, tudo estaria normalizado.

Ao telefone com António Teodoro, presidente do Sindicato de Professors da Grande Lisboa, quisemos saber como estava a situação: tudo resolvido, ou tudo na mesma?

«Em relação ao ensino primário» – começou António Teodoro – «as escolas costumam abrir tenham ou não condições. Designadamente aquilo a que se assiste é a um aumento grande do número de alunos por turma e, em muitos casos, a escolas em condições de trabalho indiscritíveis, com especial incidência nas periferias dos grandes centros urbanos».

Apesar de indiscritíveis não pode descrever um ou outro caso? Seria interessante...

«... Interessante, sem dúvida, seria os órgãos de comunicação irem ver com os próprios olhos. Teriam muito que contar. Mas sempre lhe digo que há de tudo um pouco: desde uma escola a funcionar numa vinha, sem quaisquer condições, até outra onde frequentemente os bombeiros têm que lá ir para retirar água da cave. Mas como disse, o melhor, o indispensável, é os órgãos de comunicação irem aos locais.»

E quanto ao ensino preparatório e secundário?

«Aí as escolas estão a abrir, mas ontem, último dia dado pelo ministro, numerosos estabelecimentos de ensino continuavam fechados. É o caso da Francisco Arruda, da Maria Amália Vaz de Carvalho, do Pragal, do Barreiro, etc, etc. Isto são apenas alguns exemplos de grande escolas que não abriram no dia 10. São muitos milhares de alunos afectados por esta situação.

Mas não abriram porquê?

«Porque as escolas não abrem, não podem abrir, por ordem do ministro – mas apenas quando têm condições para tal. Portanto continuam fechadas ou por deficiência das condições de trabalho (isto é, instalações ainda em obras, falta de equipamento ou de pessoal) ou por dificuldades na elaboração de horários, resultantes de indicações contraditórias do Ministério ou da tentativa de meter o Rossio na rua da Betesga.»

O que é que quer dizer com isso?

«É que há escolas onde a capacidade é para 1000 a lunos e têm este ano uma população escolar de 3000. Daí que haja que procurar todos os buracos livres para se meter os alunos, o que torna impossível fazer horários no tempo previsto.»

Mas certamente o ministro tinha conhecimento desses condicionalismos...

«Julgo bem que sim. De qualquer maneira esta situação vem desmentir o que o ministro disse e vem mostrar o caracter desonesto da sua intervenção televisiva, na qual pretendeu, no fundo, dizer à opinião pública que pela parte do ministério tudo estava bem e se as escolas não abrissem a culpa seria dos professores».

Mas o ministro...

«... Deixe-me que lhe dê apenas um exemplo: o ministro referiu que tinha inaugurado a Escola Secundária de Carnaxide, dando a entender que estaria pronta a abrir. Ora a má-fé vai a tal ponto que acontece «só» isto: a escola não tem uma única carteira ou qualquer material didáctico. Pelas previsões que fazemos a escola não abrirá antes de Dezembro ou Janeiro.

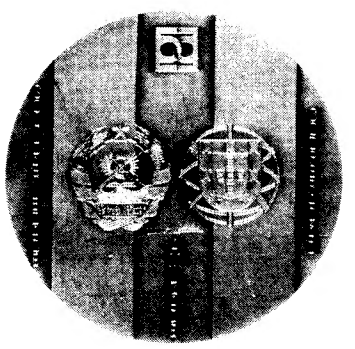
Quer dizer, voltamos aos corta-fitas. Como é possível?

«Como é possível? Inauguram-se as paredes e a TV mostra-as por fora. Aí está o carácter desonesto. Mas no fundo tudo isto mostra uma coisa: a grande crise que o sector da educação atravessa, que é anterior, evidentemente, a este ministro – situação que ele, cometendo um erro político crasso, não assume.

«Pelo contrário. Ao mesmo tempo que continua a política da AD, que levou a esta situação, tenta culpar os professores pelo estado a que isto chegou».

Ribeiro Cardoso

MEDALHA COMEMORATIVA DA PRIMEIRA VISITA DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL A PORTUGAL



À VENDA — LISBOA: Rua Artilharia 1, 105 - Tel: 688573/659551
Edição ÁFRICA EDITORA/ASSOCIAÇÃO PORTUGAL MOÇAMBIQUE

comunicação social

ANOP em Maputo e Luanda — exigem em plenário jornalistas da agência

Um plenário de jornalistas da ANOP exigiu ao ministro de Estado Almeida Santos garantias de que «não haverá novas obstruções às medidas necessárias ao desenvolvimento normal da agência em África.»

A exigência consta de uma moção aprovada por maioria pelo plenário de Redacção da agência e insere-se no contexto da visita do presidente moçambicano Samora Machel a Portugal e nas afirmações de desejo de cooperação com Moçambique reiteradas pelo Governo português.

A moção lembra que «o Governo, por intermédio do secretário de Estado Anselmo Rodrigues, impediu o envio de novo delegado da ANOP para Maputo», com «claro prejuízo para a cooperação e intercâmbio informativo entre Portugal e a República Popular de Moçambique».

No documento, os jornalistas da ANOP exigem concretamente ao conselho de gerência o envio imediato de um delegado para Maputo e Bruxelas, a entrada em actividade da delegação em Luanda no mais curto espaço de tempo possível e ao Governo que dote a ANOP com os meios financeiros indispensáveis ao prosseguimento da actividade da agência.

Ilha de Moçambique esta noite na RTP

A RTP exibe hoje à noite um filme colorido, de 60 minutos, sobre a ilha de Moçambique, da autoria do jornalista Joaquim Furtado.

O documentário refere que a pequena ilha foi, a partir do Século XVI, uma base comercial, entre a Europa, a India e o Extremo Oriente.

Ali se encontraram e trocaram culturas africanos, árabes, portugueses e indianos, que, no terreno, deixaram vestígios singulares que fazem da ilha de Moçambique um lugar de interesse para o património universal.

Em lenta erosão – menciona ainda o filme – «a ilha é hoje uma parte viva constituída pelas cerca de sete mil pessoas que a habitam e uma parte arquitectónica que o pó dos anos vem soterrando».

A ilha de Moçambique, que até ao último fim-de-semana foi objecto de uma exposição na Fundação Calouste Gulbenkian, tem três quilómetros de comprimento por 300 metros de largura média.

"Correio dos Açores" em má situação financeira

O matutino micaelense «Correio dos Açores» encontra-se actualmente numa situação financeira «muito difícil» – segundo revelou um dos sócios da empresa.

Para Santos Figueira, a situação poderia ser ultrapassada se aquele diário obtivesse um apoio de pelo menos dez milhões de escudos.

«Se esse apoio financeiro não aparecer – acentuou –, a empresa proprietária será obrigada a vender o edifício do jornal, transferindo-o para instalações mais modestas».

Salientou ainda não se pretender encerrar o jornal mesmo que a venda do edifício se efectue, alegando estarem em causa mais de 30 postos de trabalho.

Santos Figueira justificou a actual situação financeira devido a um passivo muito grande.

O «Correio dos Açores», dirigido por Jorge Nascimento Cabral, foi fundado em 1 de Maio de 1920 e tem uma tiragem média diária de cerca de três mil exemplares.

Alasei

Acaba de ser criada nova agência noticiosa no México por nove países: a Agência Latino Americana de Serviços Especiais de Informação (ALASEI).

Órgão de carácter regional, tem por objectivo difundir uma informação «em conformidade com as tradições culturais e históricas latino-americanas».

A ALASEI será dirigida por um conselho formado por representantes dos países participantes – Bolívia, Cuba, República Dominicana, Equador, Haiti, México, Nicarágua, Panamá e Venezuela, de organismos profissionais de jornalistas e de proprietários de órgãos de Imprensa.

A associação não tem fins lucrativos, e será subvencionada por diferentes instâncias internacionais, em particular a UNESCO, e disporá de um orçamento de dez milhões de dólares nos cinco primeiros anos.

Acordo cinema/TVE

O primeiro acordo entre o cinema e a televisão espanhola, destinado ao desenvolvimento económico e cultural da actividade cinematográfica em Espanha, foi agora assinado em Madrid, depois de dois anos e meio de negociações.

Os produtores cinematográficos e a administração da televisão (TVE) exprimiram a sua satisfação pela assinatura do acordo que representa o ponto de partida de uma política concertada entre as duas partes e que prevê a colaboração da TVE na produção, difusão e promoção de películas espanholas.

O pacto, semelhante ao existente na França, Itália e Alemanha Federal, prevê a aquisição de direitos de antena sobre projectos cinematográficos por parte da TVE.

A TVE pagará um mínimo de 120 mil dólares pela referida compra em exclusivo e a película será exibida dois anos depois da sua exploração comercial. Para as curtas-metragens, o valor mínimo foi fixado em 350 dólares por minuto.

A televisão actuará como distribuidora de películas espanholas no mercado internacional, prevendo-se a sua eventual participaçãm em co-produções de carácter nacional e internacional.

trabalho

Nos próximos 18 meses

Desemprego vai aumentar "brutalmente" no nosso País

— afirma Rui Amaral

O secretário de Estado do Emprego, Rui Amaral, em declarações à ANOP, no Funchal, afirmou que o desemprego em Portugal aumentará nos próximos 18 meses, «facto que não é novo, nem excessivamente dramático».

Rui Amaral, que iniciou ontem uma visita oficial de quatro dias à Madeira, acrescentou que Portugal possui actualmente «taxas de desemprego mais baixas do que a maioria dos países europeus, quando é certo que o nível da nossa economia é mais baixo do que o desses países».

Para o secretário de Estado do Emprego «seguiu-se em Portugal e nos últimos dez anos, uma política de esconder a qualquer preço, o desemprego, já que temos actualmente níveis de «desemprego oculto» muito elevados e que foram escondidos à custa de subsidiação de empresas muitas vezes inviáveis e da manutenção de empresas com elevados volumes de mão-de-obra que não podem manter por mais tempo».

Afirmando tratar-se «de uma das razões que contribuem para o défice brutal do Orçamento Geral do Estado», Rui Amaral considerou que «qualquer Governo, com um suporte democrático vasto, teria inevitavelmente de assumir esta tarefa em apenas ano e meio, quando os países mais ricos da Europa a vêm desenvolvendo desde 1973, aquando da primeira crise do petróleo».

«O mais brutalmente possível»

«Portugal tem recusado esse reajustamento, adiando sucessivamente o encarar frontal dos problemas, mas isso terá de ser feito agora, o mais rápida e abruptamente possível, diria mesmo brutalmente, com todas as consequências sociais e políticas que isso terá, sob o ponto de vista negativo», disse.

Rui Amaral defendeu a «adopção de soluções que atenuem o volume de desemprego» e admitiu a possibilidade de Portugal vir a ter de enfrentar «taxas de desemprego mais altas do que nos países ricos da Europa».

«Trata-se de uma inevitabilidade que não é possível mais fugir, mas que não deve ser entendida como um drama, mas antes como um desafio, pois vamos dotar o país dos instrumentos necessários em matéria de emprego que todos os países europeus já têm», referiu.

O secretário de Estado do Emprego admitiu o aparecimento de «desemprego de adultos, que praticamente não temos neste momento», e o aparecimento de instabilidade social por força de acções de natureza sindical, que serão promovidas com o aumento do desemprego.

Sublinhou que Portugal não dispõe de um «sistema de protecção adequada contra o desemprego, que poderá passar a existir a partir do próximo ano com a criação do «seguro de desemprego», diploma que permitirá às pessoas manterem o nível de dois terços do seu salário normal».

Rui Amaral anunciou que o Governo está a «ultimar a elaboração da lei de formação profissional protocolar com as empresas, que permitirá ocupar o mais possível os desempregados canalizando-os para acções de formação e de reciclagem e retirando-os da rua e de todo o drama humano que eles enfrentam».

Perspectivas não vão melhorar

Para o secretário de Estado «as perspectivas de emprego em Portugal, e a curto prazo, não vão melhorar, atendendo ao clima de recessão económica e a necessidade de equilibrar a balança de transacções correntes».

Admitiu que «a situação será diferente a partir de 1985» e referiu que, «apesar do nível de desemprego significativo de Portugal, há muitas empresas à procura de trabalhadores com certas qualificações que de um modo geral não as têm».

«E isso não se pode obter de um dia para outro, sabendo-se que não existem estruturas capazes, que a própria estrutura educativa em Portugal é extremamente deficiente, não havendo ensino técnico-profissional que somente agora vai ser lançado e a título meramente experimental», disse.

Sobre a importância do «lay-off» neste contexto, o secretário de Estado do Emprego sublinhou tratar-se de um «instrumento que não existia em Portugal, mas que a maioria dos países europeus já possui através da publicação de legislação similar».

Para Rui Amaral trata-se de um «instrumento indispensável para as empresas conjunturalmente em crise muito séria e que não podiam reduzir o seu volume de emprego, o que agravava a situação económica e provocava posteriormente o desemprego».

Afirmou que o «lay-off» será utilizado com «extrema firmeza pelo Governo, apenas nos casos em que se verifique que se tratam de situações de natureza conjuntural, mas sempre com a garantia de que findo o prazo de suspensão do trabalho, os trabalhadores voltarão a assumir inteiramente os seus postos».

«Não há razão para recear o que se vai passar» frisou.

Função Pública

Frente Comum define reivindicações a apresentar ao Governo

Os sindicatos que constituem a Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, reunidos ontem em Lisboa, para apreciar a situação dos trabalhadores do sector, definiram as reivindicações a apresentar em comum ao Governo.

Depois de uma análise pormenorizada da situação económica, política e social, marcada pela «rápida degradação das condições de vida dos trabalhadores» e pelas «sucessivas tentativas de restringir direitos e liberdades», as organizações sindicais reconheceram que «o País atravessa uma crise profunda». Mas, sublinham, não é possível ultrapassá-la «prosseguindo, e mesmo agravando, a política que a provocou». Para as direcções sindicais, a alternativa é aumentar a produção, alargar o mercado interno, empenhar os trabalhadores e não o contrário, como o Governo tem vindo a fazer.

Os sindicatos da Função Pública decidiram exigir do Governo uma resposta à proposta sindical de proceder ainda em 1983 a um reajustamento salarial; e uma explicação pública sobre o conteúdo do «projecto de código e Directivas de Comportamento», que consideram inconstitucional.

Deliberadamente também rejeitar a diminuição dos salários do ano em curso, pela aplicação do imposto extraordinário; apresentar ao Governo, para negociação urgente, a propostas de um aumento de massa salarial de 25 por cento, a incluir no próximo OGE; aprovar um conjunto de princípios e reivindicações que nortearão a sua intervenção na negociação de diplomas sobre «férias, faltas e licenças», «duração de trabalho» e «vínculos»; intensiicar em todo o País e em todos os sectores, o trabalho de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores, para se acharem as formas mais adequadas à defesa das suas aspirações e direitos; e participar em todas as acções gerais do movimento sindical «que tenham como objectivo a luta contra o imposto extraordinário e a degradação das condições de vida, contra o desemprego e pelos direitos colectivos dos trabalhadores».

A Frente Comum dos Sindicatos da F.considerou, sem prejuízo de posterior parecer que «o projecto de regulamentação do exercício do direito à negociação colectiva na Função Pública não é mais que um projecto de **imposição colectiva** que mais não visa que dar ao Governo todos os poderes, tentando impedir que os sindicatos tenham um efectivo papel de representação dos trabalhadores.

Nestes termos, decidiram exigir que o Governo cumpra a lei 16/79, colocando à dicussão pública o seu projecto de regulamentação para além de uma negociação com as organizações sindicais representativas do sector.

Na mesma reunião foi igualmente decidido marcar para os primeiros dias de Novembro, em Lisboa, um encontro nacional sobre o direito à negociação colectiva na Função Pública, que culminará os debates que em cada sindicato se vão efectuar sobre a matéria.

Contra a fome

Vidreiros marcham a caminho de Lisboa

Cerca de 200 vidreiros da Marinha Grande marcham a pé desde ontem à tarde a caminho de Lisboa, onde irão protestar contra a falta de pagamento de salários e o desemprego.

Os trabalhadores vidreiros que deverão chegar à capital no próximo dia 13, quinta-feira, pretendem com esta iniciativa ser recebidos pelo Primeiro-Ministro e pelo Presidente da Assembleia da República, aos quais já solicitaram audiências há cerca de 15 dias.

De acordo com um porta-voz sindical, os trabalhadores visam «o pagamento de salários em atraso, que actualmente totalizam 350 mil contos, e a adopção de medidas para a superação da crise no sector».

Quando ontem partiram da Praça Stephens, os vidreiros empunhavam bandeiras negras e dísticos referindo as suas reivindicações gritando em uníssono «a luta continua, a luta continua».

Ao longo da jornada, os trabalhadores têm sido saudados por muitas pessoas que, à sua passagem, acorrem à estrada.

A marcha integra dirigentes do Sindicato dos Vidreiros, dirigentes da CGTP/IN e da Federação dos Sindicatos de Cerâmica e de Vidro.

Prevê-se que os marchantes, logo após a sua chegada a Lisboa, às 17 horas, de quinta-feira, se dirijam a São Bento, onde se concentrarão em frente à Assembleia da República.

Cerca das 18 e 30 horas de hoje, os vidreiros cchegam a Vila Franca de Xira, onde participarão numa concentração com trabalhadores locais e autarcas.

A União dos Sindicatos e os sindicatos do distrito de Setúbal saúdam em comunicado a luta dos vidreiros «contra a fome e pelo pagamento de salários» e manifestam-lhes o seu apoio e solidariedade, certos de que só com a unidade é possivel «vencer as dificuldades presentes e encarar o futuro com confiança».

Acesso ao curso de medicina

Ordem exige mais rigor no "numerus clausus"

PORTO, 10 – O Conselho Executivo da Ordem dos Médicos exige a aplicação de um «numerus clausus» rigoroso no acesso ao ensino universitário de medicina. Este ponto de vista foi preconizado durante uma reunião daquele Conselho nesta cidade e baseia-se neste facto: se neste momento «não há número excessivo de médicos» tal não será «inevitável a médio prazo» – realça um documento distribuído no final dos trabalhos.

«Por outro lado – refere o documento – enquanto o Estado se assumir através de funcionários seus como monopolizador da efectivação dos cuidados de saúde para todos os cidadãos e todos os níveis e situações, ele terá também de assegurar emprego à totalidade dos médicos».

A Ordem, que discorda deste monopólio estatal de cuidados de saúde, propõe como alternativa a «existência de um sistema misto que inclua a medicina convencionada, assegurando assim oportunidade de trabalho a todos os médicos e garantindo a liberdade de escolha do médico pelo doente».

No que respeita aos concursos para o grau de chefe de serviço da carreira hospitalar, recentemente cancelados, o Conselho Nacional Executivo, embora mantendo a contestação das actuais carreiras, entende que esse facto não invalida deverem ser respeitados os «direitos que os médicos adquiram ao conceder a um concurso feito ao abrigo da legislação em vigor».

«Assim – sublinha o texto – deverá ser garantido a todos os médicos, ao contrário do que parece deduzir-se do despacho de anulação do concurso referido, que os médicos concorrente deverão ver respeitados os sacrifícios económicos e de tempo feitos na elaboração e os currículos».

Acrescenta também que os médicos devem «ver garantida desde já a sua admissão a novos concursos que venham a ter lugar, após urgente reformulação das actuais carreiras médicas. Espera-se que esta possa ser feita a curto prazo, através da colaboração entre o Ministério da Saúde e a Ordem dos Médicos – conclui a Ordem.

Temas controversos da cirurgia

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (SRNOM) anunciou, no Porto, a realização da primeira reunião conjunta de cirurgiões portugueses e ingleses «para debate de temas controversos na cirurgia». Uma dezena de especialistas britânicos participarão nesta reunião, que decorrerá no Hospital de Santo António em 14 e 15 do corrente.

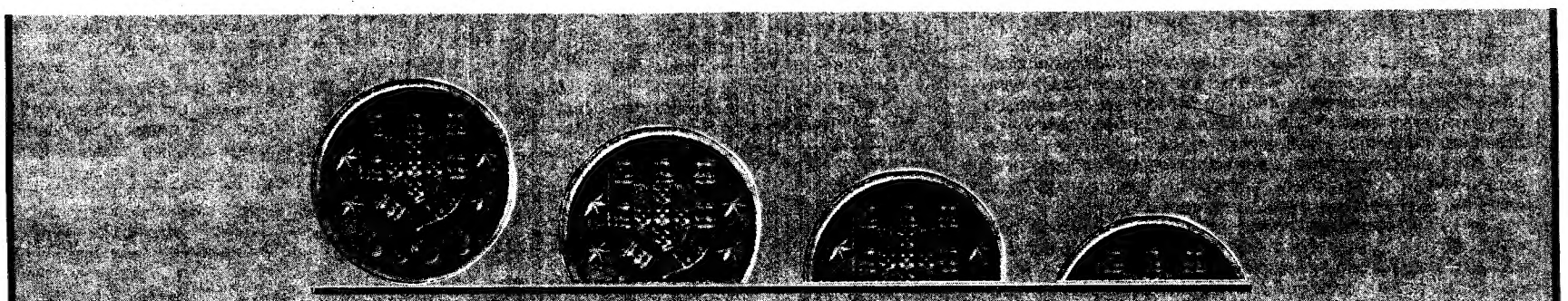
Na sessão de abertura, o director do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, prof. Nuno Grande, fará uma evocação do cientista Abel Salazar.

A conferência de Imprensa anunciando a reunião marcou a «abertura simbólica» das novas instalações da SRNOM, na Quinta da Arca de Água. Esta vasta propriedade, com uma área de cerca de 25 000 metros quadrados, foi redentemente adquirida pela Ordem, por 60 milhões de escudos.

A primeira fase de obras de restauro e adaptação, presentemente em curso, envolveu despesas de cerca de 40 milhões de escudos.

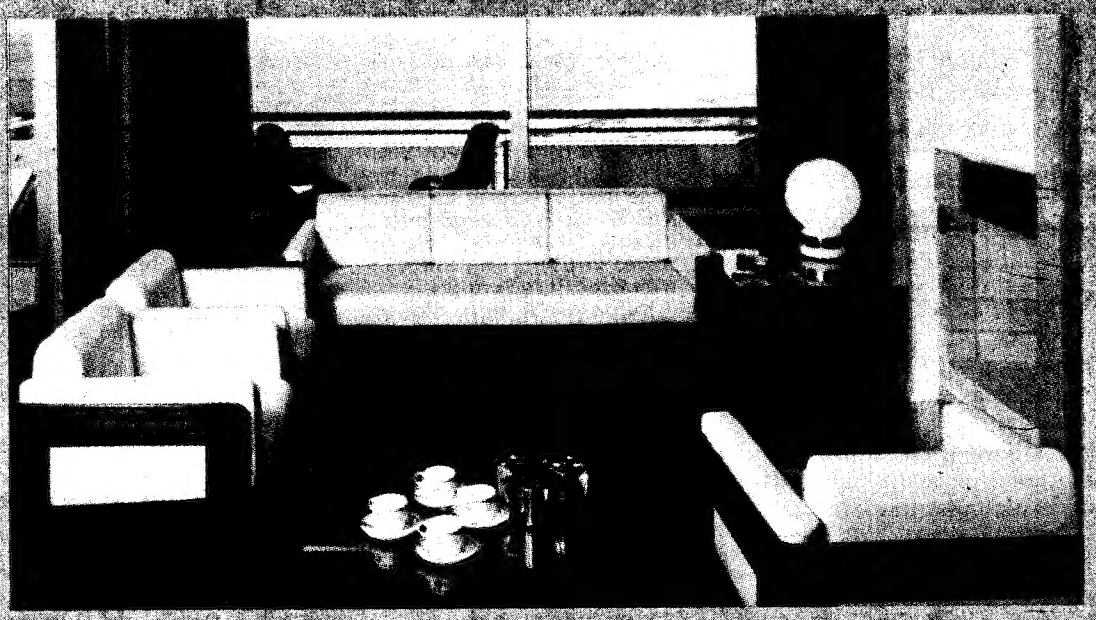
O total despendido até esta altura (cem milhões de escudos) «foi integralmente financiado pela Ordem e pela classe médica», disse o presidente da SRNOM.

APROVEITE A GRANDE OPORTUNIDADE
compre Apartamentos Turísticos ou Fracções de Apartamentos Turísticos Espaço T



DINHEIRO PARADO É DINHEIRO QUE SE ESTÁ A PERDER.

Quando o dinheiro vale cada vez menos
é preciso saber defender o nosso dinheiro com segurança, com garantia.
Toda a gente sabe que os bens imobiliários, as casas, os apartamentos, são bens solúdes
e são um meio seguro de aplicar dinheiro, porque as casas, os apartamentos valem sempre mais.
Comprar um APARTAMENTO TURÍSTICO
ou FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Troia é um bom negócio.
A curto, médio e longo prazo ganha-se muito dinheiro só com o apartamento.
Mas os apartamentos turísticos têm ainda mais uma grande vantagem:
todos os anos o seu rendimento é actualizado. O rendimento dos APARTAMENTOS TURÍSTICOS
ou FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS é todos os anos calculado
pelo seu valor de aluguer mais a depreciação do dinheiro, qualquer que ela seja. Façam contas!
O rendimento de um APARTAMENTO TURÍSTICO
ou FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Troia
é crescente pelo que de ano para ano recebe sempre mais dinheiro.



ESPAÇO T – O INVESTIMENTO QUE VALE OURO

ESPAÇO T
o elo de ligação entre TORRALTA, Associadas e o mercado imobiliário-turístico.

INFORMAÇÕES

LISBOA Av. D. Louís, 24 — 1098 LISBOA (CODEX) Telef.: 55 76 76-55 48 33
ALVOR Praia dos Três Irmãos, Torre I — 8500 PORTIMÃO Telef.: 203 53
TRÓIA Tróia - 2900 SETÚBAL Telef.: 44151 - Ext. 386/387
PORTO Rua Gonçalo Cristóvão, 13 — 4000 PORTO Telef.: 31 14 94/31 69 15

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T

NOME _____
MORADA _____
CÓD. POSTAL _____
LOCALIDADE _____
TEL. _____

Corte e envie para ESPAÇO T — LISBOA

SE É INVESTIDOR DA TORRALTA BENEFICIA DE 10% DE DESCONTO NA COMPRA DE FRACÇÃO OU FRACÇÕES DE APARTAMENTO(S) TURÍSTICO(S) ESPAÇO T, PODENDO PAGAR 50% DO SEU VALOR EM CRÉDITOS A QUE TENHA DIREITO NA EMPRESA.

APU contra "solo ao desbarato"

Câmara deu "luz verde" a Centro Cívico dos Olivais

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou, na sessão ontem realizada, manter a adjudicação à Sociedade de Construções Soares da Costa do Centro Cívico e Comercial dos Olivais Sul a par da malha habitacional do Casal dos Machados.

A discussão e análise do projecto fora pedida pela APU que pretendia, anulando a adjudicação, «acautelar manobras especulativas e a alienação ao desbarato de 15 hectares de solos municipais».

Os vereadores ontem presentes dariam luz verde ao empreendimento: os socialistas abstiveram-se, a APU votou contra. Bastaram, na circunstância, os votos favoráveis dos eleitos da AD, que aliás já estavam ligados ao avanço do projecto.

A discussão sobre o problema não foi, porém, pacífica. Todo o período da ordem de trabalhos foi ocupado com o caso, em torno de propostas concretas da APU. Uma delas datava de Janeiro, outra tinha sido subscrita pelos respectivos vereadores ontem mesmo.

«Nos termos da adjudicação» – salienta o comunicado oficial da CML sobre a reunião – «a empresa entregará à Câmara, prontos para funcionamento, cerca de 540 fogos para habitação e equipamento destinado a infantários, creches, centros de actividade de tempos livres, entre outros».

A APU, em contrapartida, mesmo contestando a concepção geral do projecto, mantém-no na proposta ontem apresentada, «mas transferindo a sua execução para a EPUL».

«De facto» – entende aquela força em comunicado hoje divulgado – «a EPUL é, por excelência, o promotor de construção da Câmara e não tem qualquer justificação política, ética, económica ou financeira que um empreendimento desta natureza seja entregue a um grande empreiteiro, desprezando a Câmara o seu próprio operador para construção de habitação e empreendimentos urbanísticos».

Um centro por milhões

«Acentuou-se também» – segundo o comunicado da Câmara sobre a sessão de ontem – «que ao fim de mais de trinta anos, Olivais Sul virá finalmente a contar com o seu centro cívico constituído por um grande complexo habitacional, terciário e de serviços que conferirá a essa zona da cidade uma notável melhoria das condições de vida urbana».

A APU, por seu turno, garante que a operação «permitirá ao empreiteiro retirar alguns milhões de contos de lucro que deveriam reverter para a Câmara e para a EPUL, o que permitiria construir mais algumas centenas (ou milhares) de fogos para habitação social, para além dos previstos neste empreendimento».

A aprovação do projecto mereceria dos vereadores socialistas, apesar da sua abstenção, uma proposta no sentido de que os serviços competentes da Câmara, designadamente o Gabinete Técnico de Habitação, deverão garantir o pleno funcionamento do equipamento escolar e comercial da zona, quer durante a construção quer após o seu termo.

A proposta do PS, a que a APU se opôs, mereceu o sim do PSD e do CDS. Nela se prevê, ainda, que se garanta a qualidade urbana e a construção de uma escola do ciclo preparatório, a qualidade da construção e a limitação da densidade populacional.

A proposta dos socialistas foi «piedosamente» adicionada do ponto de vista dos eleitos da APU, para «tentar salvar a face e escamotear o fundo da questão» o seu acordo com a ex-AD na escandalosa alienação de 15 hectares de bons e valiosos terrenos municipais».

O Centro Cívico dos Olivais levanta, para além do mais, a questão da orientação municipal quanto à gestão dos seus solos. Enquanto para a APU, por exemplo, uma prática urbanística correcta pressupõe por parte da Câmara um apertado controlo do solo municipal, para as outras forças políticas o problema não terá grande relevância.

E assim se mantém a política do anterior executivo em que pontificava a AD, de, a troco de algumas centenas de fogos «sociais», ceder o seu solo para edificação de urbanizações privadas que renderão ao preço do mercado.

Uma parte da população da zona já se manifestara, de resto, contrária à concretização do projecto.

PUBLICIDADE

AUDIÊNCIAS SAKHAROV

Realiza-se nos próximos dias 12, 13 e 14 de Outubro, no Hotel Ritz, a 4.ª sessão das Audiências Sakharov.

Participarão dissidentes soviéticos, responsáveis do Sindicato Livre Polaco Solidariedade e numerosas individualidades portuguesas e estrangeiras.

Os temas a debater serão a situação do Prémio Nobel Soviético Andrei Sakharov, exilado em Gorki, os direitos dos intelectuais e dos trabalhadores soviéticos, a questão do trabalho forçado na União Soviética e os acontecimentos na Polónia.

A sessão inaugural terá a presença do membro do Comité de Honra, prof. Carlos da Mota Pinto, e na de encerramento participará o presidente do Comité de Honra, dr. Mário Soares.

A entrada será por convites que poderão ser solicitados no Secretariado instalado no Hotel Ritz durante as sessões.

AOS PAIS

TEMOS PARA OS SEUS FILHOS

MÓVEIS JUVENIS

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35 (Aos Anjos)

economia

Só um juiz é especialista em Direito Fiscal

Tribunal extraordinário discute hoje o imposto extraordinário

O Tribunal Constitucional iniciou ontem à tarde a apreciação da constitucionalidade do imposto extraordinário sobre rendimentos aprovado recentemente na Assembleia da República pela maioria governamental.

A reunião prossegue hoje e foi solicitada pelo Presidente da República, com carácter urgente para ser declarada a constitucionalidade do imposto.

O imposto extraordinário de 2,8 por cento a aplicar aos trabalhadores por conta de outrem, tem motivado polémica entre os constitucionalistas devido aos seus efeitos serem retroactivos a Janeiro do corrente ano.

Dos 13 juízes do Tribunal Constitucional, Cardoso da Costa é o único que pode ser considerado especialista em questões de direito fiscal – afirmou um jurista consultado pela ANOP.

Dos vários membros do Tribunal Constitucional alguns são professores universitários, mas com obra publicada versando temas centrados no direito constitucional, como Armando Marques Guedes, catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, Vital Moreira, da Universidade de Coimbra, e Jorge Campinos, da Universidade Nova.

Os restantes membros são advogados com alguns trabalhos também sobre direito político como José de Magalhães Godinho e Luís Nunes de Almeida. Os restantes magistrados são Antero Dinis, Raul Mateus da Silva, Messias Bento e Costa Aroso que, pela sua carreira profissional, também não tiveram grande contacto com questões de direito fiscal.

Cardoso da Costa, que lecciona na Faculdade de Direito de Coimbra, regeu durante vários anos a cadeira de Direito Fiscal, com lições publicadas sobre este tema.

Cardoso da Costa, enquanto membro da anterior Comissão Constitucional, sobscreveu também o acórdão que considera existirem limites para a retroactividade das leis fiscais.

Angola e Moçambique presentes pela primeira vez

Adesão de Portugal e Espanha à CEE apoiada pelos países do Acordo de Lomé

Angola e Moçambique participaram, como observadores e pela primeira vez, na reunião ministerial dos países subscritores do Acordo de Lomé, dando-se, assim, um passo importante para a sua provável ligação, a curto prazo, à organização que regulamenta o comércio e a cooperação entre a CEE e 65 países da África das Caraíbas e do Pacífico.

Tratava-se, da reunião preparatória do novo acordo de Lomé (que é conhecido na linguagem económica internacional por Lomé-3) e cuja cimeira de chefes de Estado está prevista para Janeiro do próximo ano.

A reunião decorreu no Luxemburgo e os países ACP reafirmaram o seu interesse no alargamento da Comunidade Económica Europeia a Portugal e à Espanha. O presidente em exercício dos ACP Archibald Mogwe, ministro dos Estrangeiros do Botswana disse textualmente, ao referir-se aos problemas institucionais da Europa que **uma atenção especial fosse dada ao alargamento da Comunidade para incluir Espanha e Portugal.**

Nós, os ACP, disse Mogwe, desejaríamos que o alargamento da CEE fosse feito de tal modo que não constituísse apenas uma protecção, mas que fosse também uma maneira de reforçar os resultados da nossa cooperação como futura Comunidade que resultará do alargamento.

Os ACP insistiram, também, na necessidade de uma maior abertura dos mercados europeus e de uma adaptação dos investimentos e projectos a diferentes regiões, tendo em conta o fracasso, já verificado, de projectos anteriores mal adaptados.

A primeira ronda de conversações foi sobretudo dedicada à apresentação da chamada «Opção Pisani», elaborada pelo francês Edgar Pisani, encarregado do pelouro da cooperação no seio da Comissão Europeia.

A «Opção Pisani» pretende constituir um novo modelo para as futuras relações entre a Comunidade Europeia e os países de África, Caraíbas e do Pacífico associados na conferência de Lomé.

Parte do pressuposto de que o modelo até agora seguido era «desfasado» e que os planos de industrialização demasiado rápidos provocaram a atrofia da capacidade de desenvolvimento dos países menos desenvolvidos.

A «Opção Pisani» prevê, nas suas orientações, uma «estratégia alimentar», que deixa de outorgar a prioridade aos equipamentos para favorecer, em primeiro lugar, a agricultura e os planos destinados a assegurar a auto-suficiência alimentar. Inclui a elaboração, para cada região, de projectos que cubram períodos mais largos que os cinco anos actualmente tomados como referência pela CEE, e baseados no desenvolvimento» autodefinido, automantido e autocentrado, em lugar da aplicação de modelos importados».

Os dez expressaram preocupação por maior rigor no Controlo da aplicação dos fundos comunitários e nas despesas dos países beneficiados, tendo em conta que o projecto de orçamento comunitário actualmente em estudo em Bruxelas prevê cortes substanciais nas verbas de apoio ao desenvolvimento.

A Comunidade expressou a vontade de não deixar que os problemas orçamentais afectem a cooperação com os ACP, dedicando um Esforço especial ao aumento dos fundos destinados a ajudar os 65 países associados à Conferência de Lomé, e também Angola e Moçambique.

Na conferência ministerial do Luxemburgo os representantes da Holanda e do Parlamento Europeu levantaram o problema do respeito dos direitos humanos, que pretendiam incluir na agenda de trabalho da próxima cimeira.

A posição europeia foi contestada abertamente pelos ACP que, embora reconhecendo a importância da questão, apontaram para a existência de relações comerciais entre países da CEE e a África do Sul que lhes retirava «autoridade moral para abordar o assunto».

O Comissário Europeu para a Cooperação e o desenvolvimento Edgar Pisani, considerou que a Europa não pode «dar lições de direitos humanos» aos ACP, dadas as diferenças existentes. Pisani propôs a criação de um grupo de especialistas para tratar exclusivamente da questão.

Os 75 ministros dos Negócios Estrangeiros presentes em Luxemburgo acordaram em reunir-se de novo em meados de Dezembro próximo, para examinar o andamento das negociações.

A importância da Lomé-3

Esta reunião do Luxemburgo constituiu o início de um longo processo de negociações que visa a celebração de uma terceira Convenção de Lomé (Lomé-3) pois a segunda tem o seu prazo de duração a expirar em Janeiro de 1985. Por isso mesmo não se aguardavam resultados excepcionais: foi, no entanto, o ponto de partida para futuras e intensas negociações em que se confirmará ou não a real vontade de os dez países industrializados da CEE ajudarem o Terceiro Mundo e em especial os seus parceiros privilegiados da região

O Terceiro Mundo sofreu, particularmente, com a crise económica do início da década de 70 em que o choque petrolífero e a queda espectacular dos preços das matérias-primas travaram brutalmente os esforços de desenvolvimento da década das independências ou conduziram esses países pura e simplesmente à regressão económica.

Os Estados ACP duma maneira geral não escaparam a esse movimento de escalada da pobreza e todos, do maior ao mais pequeno, foram vítimas deste fenómeno, pagando assim um largo tributo à crise.

Hoje o nível de alfabetização é de 28 por cento nos países ACP, a esperança de vida de 47 anos, a mortalidade infantil de 25 por mil e o nível de natalidade 2,7 por cento. Este último numero ultrapassa muitas vezes e do crescimento económico, o que significa que o rendimento por habitante diminui de ano para ano.

A Convenção de Lomé – exemplo único de cooperação Norte-Sul inúmeras vezes citada como exemplar – foi assinada em 1975, e renovada em 1980.

Mas de facto é no final dos anos 50, nos primeiros tempos da CEE, que se devem encontrar as raízes da futura Convenção.

Alguns dos seis Estados fundadores da Comunidade quando o Tratado de Roma foi assinado, eram ainda países coloniais. Depois das independências, 18 países africanos declararam-se interessados em permanecer ligados à Europa e foi assim que foi criada a Convenção de Yaounde, em 1963.

Depois das adesões de 1973, outros Estados, especialmente do Commonwealth, decidiram juntar-se aos da Convenção de Yaounde, que foi totalmente reestudada para Lomé.

A Convenção de Lomé abrange quatro domínios principais: Cooperação comercial, estabilização das receitas de exportação, cooperação financeira e técnica e cooperação industrial e agrícola.

Revendedores de combustíveis agitam-se

A Associação Nacional dos Revendedores de Combustíveis marcou para amanhã à tarde uma conferência de imprensa para comunicar as decisões recentes da Associação (a ANAREC), susceptíveis de agitar o futuro imediato do sector, eventualmente com implicações directas nos preços a praticar nos postos de venda de gasolina.

A ANAREC fala, mesmo, de «situação insustentável da generalidade da linha de revenda» e de se encontrarem os proprietários de postos de gasolina «à beira da rotura» em termos de se preverem «penosos incómodos para o público em geral».

A nota daquela associação patronal, que convoca o encontro com os jornalistas, alude ainda à revisão do contrato vertical do sector e às atitudes que no âmbito da discussão podem vir a ser assumidas pelos trabalhadores. Este é, aliás, o ponto fulcral da questão aguardando-se dias agitados no sector de revenda de combustíveis.

cooperação
Através de uma ampla actividade no campo da Formação Profissional, com base nas Empresas que constituem o Grupo Entreposto em Portugal, mantemos uma cooperação cada vez mais estreita com as Empresas Moçambicanas:
Entreposto Comercial de Moçambique, SARL — Comércio e Assistência de Viaturas e Material Agrícola Industrial
Entreposto Comercial (Zambézia), Lda.
Entreposto Comercial (Niassa), Lda.
Companhia Nacional Algodoeira, SARL — Fábrica descaroçamento de algodão
Moçambique Industrial, SARL — Sabões e Óleos
Companhia de Caju do Monapo, SARL — Fábrica descasque de caju
Companhia Industrial do Monapo, SARL — Sabões e Óleos
Moçambique Florestal — Tratamento de madeiras
S.E. Ginwala & Filhos — Óleos vegetais
ENTREPOSTO
APERFEIÇOAMOS A NOSSA TECNOLOGIA
E USAMOS A NOSSA EXPERIÊNCIA.

A propósito do Dia Mundial da Alimentação

A fome de lucro das multinacionais

René Tapia (*)

A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) celebra a 16 de Outubro o Dia Mundial da Alimentação com o objectivo de «dar a conhecer as razões da fome e os processos para combater», propondo produzir e distribuir melhor, como forma de auxílio aos 420 milhões de pessoas que não têm o suficiente para comer. Mas será que, na verdade, o problema da alimentação se limita a uma melhor produção e distribuição?

A LIMENTAÇÃO é, do ponto de vista económico, o conjunto dos produtos agrícolas que incluem as próprias matérias-primas necessarias à renovação do proceso e a transformação e distribuição dos produtos alimentares. Os principais alimentos da população mundial são o leite e os cereais, especialmente o trigo mas também o milho (sobretudo na América Central e no México) e o arroz (China e Sudoeste Asiático). No seu conjunto, a produção mundial destes cereais é três vezes superior a todos os outros produzidos no mundo. O valor sempre crescente das importações de alimentos dos países subdesenvolvidos atingia em 1976 o montante de 22 biliões de dólares, dos quais metade correspondia à compra de cereais. Em 1980 foram transportados 200 milhões de toneladas de cereais, utilizando 20% da capacidade de transporte marítimo mundial.

O comércio de alimentos é essencialmente um negócio, ou seja, o seu objectivo não consiste em combater a fome mas sim em obter lucro e não é por mera casualidade que 50% da produção mundial de alimentos é comercializada por 100 empresas multinacionais, encabeçadas pela Nestlé e com um movimento de 145 biliões de dólares. As vendas são dirigidas para onde exista poder de compra, como os países da CEE e o Japão (cuja metade é destinada a forragens para animais, em virtude do aumento do consumo de carnes preparadas) ou, pontualmente, para camadas específicas da população. É este o caso da Nigéria, com a população mais importante de África e um mercado potencial superior aos 100 milhões de habitantes. Seis anos após a descoberta de jazidas de petróleo, este país multiplicou por catorze as suas exportações e alcançou, tal como o Egipto, a Argélia e Marrocos, um milhão de toneladas de importação anual de cereais. Contudo, uma única multinacional norte-americana processa 85% do trigo importado, o qual se destina especialmente ao fabrico de produtos de luxo (pão branco, bolachas, bolos finos, etc) enquanto o grosso da população continua a alimentar-se de raízes e tubérculos (28 milhões de toneladas/ano) bem como de milho, arroz e mandioca.

Por outro lado, as multinacionais orientam a produção de alimentos e a sua transformação para países onde os salários sejam baixos: os países subdesenvolvidos. Nestes, 80% da população vive da exploração de latifúndios, incluíndo os grandes latifúndios capitalistas, ou em pequenas propriedades de subsistência, de extensão inferior a um hectar, em virtude do que 50% da humanidade não tem nada para vender e, portanto, nada pode comprar. É o caso da Índia, onde 51% dos proprietários agrícolas apenas possuem minifúndios inferiores a um hectar. No entanto, apesar de a produção de cereais ter aumentado 25 vezezes desde a independência do país, o consumo médio anual é de 150 quilos, quantidade apenas eqivalente ao *aumento* do consumo americano nos últimos dez anos.

De par com o facto de 80% das trocas mundiais de cereiais serem feitas por empresas americanas, nos Estados Unidos tem-se verificado um duplo processo: no plano interno uma agudização da monopolização da economia, transformando-se simultaneamente no principal país exportador de capitais através do domínio das multinacionais. Por outro lado, surgiram complexos agro-industriais que integram verticalmente o processo de produção alimentar: refeições preparadas, conservas, iogurtes, gelados, etc., embalagens, cadeias de supermercados, hotéis, restaurantes, onde o agricultor suporta os problemas climatéricos e/ou de «superprodução», mas ficando na dependência do crédito e da comercialização... das multinacionais.

O preço do trigo é, aliás, fixado em Chicago por sete multinacionais que controlam 100% o comércio mundial deste cereal, sendo seis norte-americanas e uma francesa (Louis Drey Fuss... relacionada com a EPAC), a qual realiza 50% das vendas europeias. Uma destas multinacionais do trigo obteve em 1979 (segundo Business Week) quase 14 milhões de dólares de lucros, 4 no comércio de cereais, 1,8 no tratamento da soja, 1 com a comercialização de carne enlatada e 0,2 em alimentos para animais, entre outros produtos. Mas não deixa de ser também interessante ver o que se passa com os dois grandes grupos de substitutos dos cereais; estes são constituídos pelos produtos agro-industriais onde existe um só grande exportador: os EUA e as leguminosas que são exportadas em 80%... pelos EUA; ou ainda a soja para cuja exportação os EUA contribuem com 60%!

Seria impossível enumerar aqui os dramáticos efeitos alimentares que o controlo da produção e comercialização de alimentos pelas multinacionais tem infligido a milhões de indivíduos um pouco por todo o mundo. A título de exemplo pode referir-se o conhecido «Dossier Nestlé», investigação multidisciplinar onde se demonstram os efeitos da publicidade dos papas e leites dessa marca na desnutrição infantil africana e latino-americana: as mães, convencidas do poder nutritivo dos produtos Nestlé, usam-no na dieta alimentar dos seus filhos mas, devido ao baixo nível das receitas familiares, adulteram as proporções, aumentando as quantidades de água, além de não possuírem as condições de higiene mínimas requeridas para o efeito. Outro exemplo é dado pela Etiópia onde, em 1973, 100 000 pessoas morreram de fome em consequência da venda do vale de Awash, microclima de terras de pastoreio para os anos de seca, juntamente com 50 000 cabeças de gado, a uma multinacional para a produção de cana de açúcar e legumes de inverno para exportação para a Europa. Finalmente, ainda o caso do Brasil que é, a seguir aos EUA, o segundo maior exportador de soja mundial, através de uma única empresa, a Cargill, se bem que a troco da transformação dos campos de feijão preto, alimento base da população brasileira, em plantações de soja.

«Saber comer é saber viver», afirma o «slogan» do grupo interministerial de educação alimentar, mas caberia perguntar: quem vai comer no mundo em 1985 quando 20% dos produtos alimentares forem controlados por quinze firmas multinacionais?

Economista. Docente do ISE

Tumores afectam 75 por cento da população indígena do Amazonas

OS tumores conhecidos como «oncocercosis americana», que atacam 75 por cento das indígenas do Amazona, vão ser estudados por 130 especialistas, de 15 a 17 deste mês nesta cidade, na sede do centro amazónico para investigação e controlo de doenças tropicais (Caicet), em plena selva do Orinoco.

Patrocinado pelo Conselho Nacional de Investigação científica e tecnológia (Conicit), o simpósio contará com a assistência de peritos em oncocercose da Venezuela e de outros países atingidos pela doença, assim como destacadas figuras em representaçao da Orgânica Mundial de Saúde (OMS), França, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Os objectivos do congresso, são a troca e a análise da informação sobre as características da oncocercose no Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, México e Venezuela.

Avaliar-se-ão, deste modo, as descobertas mais recentes sobre a ecologia, etnomologia, epidemologia, imunologia, parasitologia, e o tratamento da forma americana da doença, com vista à elaboração duma estratégia que contribua para o controlo da oncocercose no continente.

O director do «Caicet», o professor Luís Varzabal, declarou à IPS que o Japão, um dos países que maior colaboração dá ao centro, apresentará trabalhos universitários que serão discutidos no encontro, tal como as diversas exposições, ordenadas por temas.

O último dia do congresso, «que se realiza no quadro da cooperação internacional»,será consagrado à elaboração de recomendações para as autoridades sanitárias de cada país afectado pela oncocercose, procurando que as mesmas sejam postas em prática para controlar a doença e reduzir ao mínimo o seu prejuízo social, precisou o cientista.

Trinta participantes confirmaram já a sua participação, aos quais se juntarão cerca de 100 médicos e investigadores da região, alguns dos quais permanecerão alguns dias no Amazonas para acompanhar uma equipa médica do «Caicet» que no dia 18 vai internar-se profundamente na selva, numa das suas missões de assistência à população indígena.

A oncocercose, doença parasitária, afecta cerca de 40 milhões de pessoas, em todo o mundo, abrangendo áreas tropicais e subtropicais da Ásia, África (25 países, da costa ocidental à costa oriental) e América Latina: Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, México e Venezuela.

Na América, a oncocercose afecta fundamentalmente a população indígena, provocando-lhe, especialmente, afecções da pele, tumores subcutâneos e lesões oculares.

Todas as terças-feiras, o «Caicet» difunde através da Rádio Amazonas, numa linguagem simples, acessível na medida do possível aos indígenas, as novas descobertas científicas na luta contra as doenças infecto-contagiosas, como por exemplo as paritoses intestinais, que afectam grande percentagem da sua população.

As equipas do «Caicet» que percorrem o Amazonas venezuelano em avionetas e sobem o rio Orinoco em lanchas, explicam à população indígena, com palestras e diapositivos, os meios de combate à doença, alertando para as suas trágicas consequências para os seres humanos, as quais os habitantes da selva ignoram completamente.

«Um dos objectivos é conseguir a participação dos indígenas, pois de outra forma é impossível controlar a doença», disse Yarzabat, partindo do princípio de que é fundamental a autogestão das comunidades nos problemas de saúde, elogiando a esse respeito, o trabalho, que a OMS está a levar a cabo no Sri Lanka, Alto Volta e Índia, para combater a diarreia e a oncocercose.

Novos dados sobre o assassínio de Benigno Aquino

Anatomia do crime de Manila

R. P. Paringaux Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

Em Manila, onde prosseguem as manifestações contra o regime de Marcos, Agapito Aquino, irmão de Benigno, o político assassinado, declarou ao «Los Angeles Times» que a oposição tinha encontrado onze testemunhas que teriam visto soldados abaterem Aquino à saída do avião, contrariamente à versão oficial segundo a qual se trataria do gesto de um assassino solitário. Com medo de represálias essas testemunhas só se dariam a conhecer depois de terem garantida a sua segurança. O primeiro-ministro, Virata, e outros ministros teriam, por seu lado, pedido a demissão, que teria sido recusada pelo presidente Marcos.

AS manifestações anti-Marcos tomaram, a partir de sexta-feira, 16 de Setembro, uma nova feição com a contestação organizada no bairro dos negócios de Manilla, Makati. Cerca de vinte mil homens de negócios e empregados desceram à rua para denunciar o «totalitarismo» e reclamar a verdade sobre o caso Aquino. O dirigente da oposição, Salvador Laurel, pediu a sua demissão da Assembleia. Finalmente, o Exército decidiu organizar a sua própria comissão de inquérito sobre o assassínio de Aquino.

TÓQUIO — Suspeita de enfeudamento ao poder, desacreditada por não querer colaborar com juízes reputados pela sua independência, dirigida por um presidente que não está ele mesmo «acima de toda a suspeita», e, além do mais, dependente, para os factos e as «provas», dos militares que são os primeiros implicados no assunto, a comissão de inquérito sobre o assassinato de Aquino encontra-se, se assim se pode dizer, em ponto morto. Esperando que o Supremo Tribunal se pronuncie sobre os vários recursos que contestam a sua imparcialidade, a comissão suspendeu os seus trabalhos logo na sua primeira sessão. Isto vai retardar o desenvolvimento de um inquérito que os militares — sobre os quais pesam suspeitas de família, de oposição e de opinião — não parecem particularmente interessados em fazer avançar. É duvidoso que estes contratempos sejam de natureza a acalmar aqueles que desejam uma resposta imparcial às questões e às contradições levantadas pelo assassinato.

Porque não a Air France?

Tudo gira à volta das seguintes perguntas: quem abateu Aquino à descida do avião quando ele se encontrava «sob a protecção» dos serviços de segurança militar? O que é que os dirigentes civis e militares filipinos sabiam do antecedente, uma vez que, durante várias semanas, não deixaram de prevenir a vítima, glosando o tema: regresso = a perigo de morte? Que é esse presumido assassino que centenas de investigadores militares «em maus lençóis» levaram dez dias a identificar, quando afinal se tratava de um cadastrado muito conhecido? Um pormenor pouco conhecido evidencia o tipo de contradição em que os «responsáveis» militares parecem ter caído: segundo eles, o presumido assassino teria referenciado a sua vítima analisando a «rotina» observada pelas equipas de segurança aquando da chegada dos aviões vindos do estrangeiro.

Com efeito, as forças armadas afirmam ter desconhecido a hora e a companhia aérea em que Aquino chegaria até ao momento em que elas tinham inspeccionado o aparelho das China Airlines, depois de terem pedido aos passageiros que não abandonassem os seus lugares durante dez minutos. Ora nós viemos a saber que o voo A.F. 180 da Air France, chegado dez minutos antes do que trazia Aquino, não foi objecto da inspecção dos serviços de segurança antes do desembarque dos passageiros. O dispositivo militar no terreno não era também idêntico.

A «rotina» não teve neste caso, nem nos outros, qualquer papel o que contraria as afirmações oficiais. E isto é tanto mais inexplicável na medida em que, no caso da Air France, o nome de Aquino constava efectivamente da lista de passageiros, porque uma reserva para o voo entre Bangkok e Manilla tinha sido feita por ele. As mais altas autoridades de Manilla sabiam disto desde a véspera do drama. Se elas ignoravam, como pretendem, qual o voo em que o seu adversário devia chegar, porque ligaram tão pouco ao caso da Air France? E porque se foram preocupar exactamente pelo voo em que Aquino viajava sob um nome suposto?

Porque, também, os oficiais preveniram, com antecedência, os fotógrafos filipinos para esperarem na porta 8, aquela por onde Aquino deveria sair? E como foi que o presumido assassino conseguiu saber que o homem a abater iria sair por uma escada directa ao solo em vez de utilizar normalmente o túnel de desembarque? Porquê? Como?

Às perguntas antecedentes, poderíamos aditar outras, entre as mais lacinantes que enquadram esta tragédia, «desempenhada» ou «executada», em oitenta segundos. Antes de tudo o resto: se as autoridades não têm nada a censurar-se além de uma terrível negligência – e o essencial seria dissipar, o mais rapidamente possível, as suspeitas que pesam sobre elas, porque é que não deixam falar os dezassete protagonistas dos serviços de segurança, actores e testemunhas do drama, em vez de os reduzir ao silêncio metendo-os na cadeia?

Oficialmente fala-se de dezassete, como se não houvesse outras testemunhas. Num aeroporto fervilhante de militares e de agentes à paisana, pertencentes aos diversos serviços de segurança — até dos serviços secretos e dos da própria presidência — é óbvio que teria que haver outras testemunhas. Os filmes rodados por jornalistas americanos e japoneses mostram vários homens à paisana que, do alto da escada preparada para Aquino e a sua comitiva e no solo, dissimulados por detrás dos carrinhos para transporte das bagagens, seguiam a cena durante os segundos cruciais. Eles pertenciam aos serviços secretos (NIA). Que pensar do corte do filme apresentado pela televisão oficial mostrando a chegada do avião e saltando, sem transição, para os dois corpos já no chão? Sabe-se que a disposição da cena, a rapidez dos acontecimentos e a obstrução dos serviços oficiais impediram aos operadores e fotógrafos apanhar o momento de assassinato. No entanto, a banda sonora de certas sequências televisivas não deixa de ter interesse.

Segundo os especialistas, ouve-se aí, por exemplo, nos segundos que precedem o tiro que matou Aquino, expressões em tagalog e em visgayan — línguas regionais — tais como: «Akona» — deixem-me ser eu a fazê-lo — «Ibabamo» — «Pusila» — Mata-o. Estas ordens são emanadas do grupo de agentes da segurança à paisana que tomaram posição à saída do avião.

As sequências seguintes não suscitam menos perturbantes interrogações. Embora seja relativamente fácil fazer o vazio em volta de um avião, como é que o imponente dispositivo de segurança, avisado pelos seus dirigentes do perigo de assassinato e procurando proteger Aquino, permitiu ao presumido assassino, não somente o passear-se nas pistas, durante toda a manhã, de avião para avião, mas ainda, fazê-lo com uma pistola de grande calibre, no bolso e sem papéis de identidade?

Porque é que os soldados, no chão, se encarniçaram a «matar», com duas rajadas separadas, aquele que é apresentado como o assassino e que, mesmo ferido, teria podido testemunhar sobre o seu crime e os seus motivos? Encheram-no de chumbo: oito balas, dizia uma primeira autópsia, sem dúvida algo desleixada; dezoito, precisa-se agora, depois de feita a segunda. Falta de sangue frio? Com efeito, porque é que o corpo do assassino quase não sangrou, enquanto que o de Aquino aparece num mar de sangue? Estaria ele frio «antecipadamente»?

Estranho ainda que este assassino de aluguer se tivesse ido suicidar — por quem? ou, porquê? — ao matar Aquino, sem poder esperar nem um segundo, nem uma ocasião mais propícia. Durante dez dias não se consegue identificá-lo, pede-se ajuda à população e oferece-se mesmo uma recompensa. E Galman era no entanto conhecido, quer da polícia militar, quer da civil: estava fichado e tinha estado frequentemente na prisão; a última vez fora apenas em Fevereiro passado.

Na América Central

Perigo de guerra mais evidente

— considera o vice-presidente de Cuba

O vice-presidente cubano, Carlos Rafael Rodriguez, declarou em entrevista publicada ontem pelo «Diário 16» que «o perigo de confrontação militar manifesta-se já claramente» na América Central.

«O conflito (na zona) pode ter repercussões internacionais imprevisíveis» – disse Carlos Rodriguez.

Criticando a «obstinada agressividade do presidente norte-americano, Ronald Reagan», Carlos Rodriguez acrescentou que «não há dúvida de que, se a administração Reagan avançasse algo na via para a negociação positiva, as tensões cessariam e os rumos centro-americanos seriam outros».

Os próximos meses podem ser decisivos para a eventualidade do conflito centro-americano – comentou, dizendo que já quem pense que Reagan «irá mantendo uma situação de tensão, sem intervir directamente, até ao começo de um novo período presidencial».

Sobre a possibilidade de serem retomadas relações normais entre os Estados Unidos e Cuba, o vice-presidente cubano disse que «não têm faltado contactos formais e informais entre a ilha e Washington».

«Mas é evidente – acrescentou – que a administração Reagan não está interessada em melhorar as suas relações com Cuba e, na realidade, os seus desejos profundos e óbvios são os de que a revolução cubana desapareça da Terra.»

«Boinas verdes» e Kissinger

Soldados peruanos, venezuelanos e guatemaltecos deslocar-se-ão proximamente para a Base Militar de Puerto Castilla, na costa atlântica das Honduras, para serem treinados por «boinas verdes» americanos, anunciou ontem o comandante-chefe das Forças Armadas hondurenhas, general Gustavo Alvarez.

O Centro Regional de Treino (CREM) instalado em Puerto Castilla está operacional desde Junho último e já aí foram formados nas técnicas de guerrilha cerca de 1600 soldados salvadorenhos.

O general Alvarez desmentiu, no entanto, que o recente relançamento do Conselho de Defesa Centro-Americano (CODECA) tenha permitido a realização de um «eixo militar entre as Honduras, a Guatemala e El Salvador», contra a Nicarágua, contrariamente ao que as autoridades de Manágua haviam declarado.

Entretanto, o chefe da comissão especial da Casa Branca, Henry Kissinger advertiu no Panamá, primeira etapa da sua digressão pela América Central, que a sua missão se destina somente a «estudar e recolher informações acerca da área».

O ex-secretário de Estado norte-americano recordou que a comissão especial por ele presidida entregará o seu relatório ao presidente Ronald Reagan, em princípios de Fevereiro de 1984.

Kissinger acrescentou que desejava que todos os países da área conseguissem o desenvolvimento económico e democrático no meio de «total segurança».

A indústria israelita na Guatemala

O movimento de guerrilha guatemalteco EGP (Exército dos Guerrilheiros dos Pobres) denunciou ontem o desenvolvimento na Guatemala de uma indústria militar israelita destinada a abastecer as Forças Armadas de certos países da América Central.

Num comunicado divulgado em Manágua, o EGP, denuncia, além disso, a presença de 300 conselheiros militares israelitas nos serviços de segurança e no Exército guatemaltecos em luta contra a União Revolucionária Nacional Gautemalteca (URNG), frente unida dos quatro movimentos insurrectos.

A organização de guerrilha afirma que, em Maio passado, começou a funcionar no departamento do Alto Vera Paz (Norte da Guatemala) uma fábrica de munições destinadas a armas israelitas: a espingarda de assalto Galil e a metralheta Uzi.

Israel prevê fabricar dentro em breve estas duas armas na Guatemala, acrescenta o EGP que afirma ainda estarem já instaladas no país uma fábrica de electrónica da firma Tadiran, a fim de atender às necessidades dos serviços de informação dos Exércitos ao serviço das ditaduras e dos EUA.

«Israel realiza assim um duplo objectivo – frisa o EGP – responder às necessidades da sua própria economia de guerra e desempenhar o papel que lhe foi fixado pelos Estados Unidos no âmbito da sua política antiguerrilha».

Corrupção na RFA

O Ministério Público de Bona desmentiu na segunda-feira informações do semanário «Der Spiegel» sobre a decisão de acusar de corrupção sete personalidades políticas ou do mundo dos negócios da RFA, entre as quais o ministro da Economia, Otto Lambsdorff, em relação com o «caso Flick».

O «holding» industrial «Flick» obteve nos anos 70 uma redução fiscal de cerca de 800 milhões de marcos sobre os lucros da venda de acções da firma Daimler-Benz, e teria em contrapartida pago 150.000 marcos ao Partido Liberal, de que Lambsdorff era tesoureiro.

O porta-voz do Ministério Público sublinhou que este não decidiu ainda as acusações e que o inquérito judicial ainda não terminou.

Além de Lambsdorff, do Partido Liberal, a personagem central do escândalo, poderão ser acusados o ex-ministro da Economia Hans Drietrich, também liberal, e os ex-ministros das Finanças, Hans Mattoeffer e Manfred Lahnstein, sociais-democratas.

O fiscal de Bona poderá ainda actuar contra o ex-ministro da Economia da Renânia do Norte-Vestefália, Horst Ludwig, Riemer, liberal, o antigo executivo do consórcio Flick, Eberhard Von Brauchitsch, e o ex-gerente da mesma empresa, Manfred Nemitz.

A concretizar-se a acusação contra Lambsdorff, uma das principais figuras do actual gabinete de coligação cristão-democrata de Bona, o chanceler alemão federal Helmut Kohl poderia ver-se obrigado a um difícil reajustamento governamental e, segundo os observadores, satisfazer as aspirações não muito disfarçadas do chefe de governo bávaro, Franz Josef Strauss.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Povo chileno volta hoje à rua

Governo de Pinochet em "equilíbrio instável"

Boatos persistentes de uma eventual remodelação do governo do general Pinochet continuam a circular na capital chilena.

Estes boatos propagam-se numa altura em que as autoridades se preparam para enfrentar o sexto Movimento de Protesto Nacional contra a ditadura que, iniciado hoge, deverá prolongar-se por três dias.

O governo desmentiu que Sergio Onofre Jarpa, ministro do Interior, nomeado em Agosto para lançar uma «política de abertura», tenha apresentado a sua demissão. No entanto, segundo os observadores a estabilidade da actual equipa ministerial parece cada vez mais posta em causa.

As divergências no governo situar-se-iam nomeadamente a nível económico. Ao passo que Jarpa denuncia os «planos rígidos» elaborados pelos tecnocratas que não pensam no «estômago do povo», o ministro das Finanças, Carlos Cáceres, declara-se contra uma política inflacionista.

Seguindo um apelo do Movimento Democrático Popular (MDP, agrupando o Partido Comunista, sectores do Partido Socialista e diversas organizações de esquerda) e do PRODEN (Projecto de Desenvolvimento Nacional, organização de oposição agrupando personalidades políticas da direita liberal à esquerda marxista) o povo chileno, tal como nos anteriores protestos nacionais, exigirá novamente «A Democracia Já» e «Fora com Pinochet», indicaram os organizadores da manifestação, que pretendem a instalação de um governo provisório e uma nova Constituição.

Guerrilheiros birmaneses responsáveis pelo atentado de Rangum?

O atentado que provocou a morte no domingo, em Rangum, capital da Birmânia, a 16 sul-coreanos, entre eles quatro ministros, poderá ter sido perpetrado por guerrilheiros antigovernamentais birmaneses, referiram ontem meios da Imprensa em Rangum. Segundo as mesmas fontes, o objectivo principal do atentado foi mais o de desacreditar o governo birmanês do que atacar a Coreia do Sul. Esta hipótese que, conforme ontem noticíamos, tinha sido já adiantada por meios diplomáticos ocidentais na capital birmanesa, não é contudo apoiada pelo presidente sul-coreano, Chun Doo Hwan, que responsabilizou a Coreia do Norte pelo atentado de domingo.

Chun Doo Hwan, que escapou à explosão ocorrida no Mausoléu dos Mártires devido a um atraso de cinco minutos no programa oficial regressou no domingo a Seul onde ontem vários milhares de pessoa se manifestaram contra a Coreia do Norte. Entretanto, os corpos dos 16 sul-coreanos mortos no atentado deverão ser hoje repatriados, estando os funerais marcados para a próxima quinta-feira. Às cerimónias fúnebres, segundo foi ontem anunciado na Casa Branca, assistirá, em nome de Ronald Reagan, o secretário americano da Defesa Caspar Weinberger.

O governo birmanês anunciou, entretanto, a criação de uma comissão de alto nível para investigar o atentado. A comissão, presidida pelo ministro do Interior e Assuntos Religiosos, iniciou ontem os seus trabalhos.

Uma fuga de informações e a presença na Birmânia de cinco «terroristas» profissionais poderão ser, para já, dois polos da investigação. Com efeito, as autoridades da Birmânia não tinham divulgado, por razões de segurança, o itinerário e actividades do presidente Chun Doo Hwan. No entanto, o facto de a explosão ter ocorrido momentos antes da sua chegada ao mausoléu indica que houve uma fuga de informação acerca desse movimento.

Quanto à presença de «terroristas profissionais», e conforme ontem noticiámos, ela tinha sido assinalada às autoridades birmanesas pela Interpol. Ao que parece eles teriam chegado a Rangum uma semana antes do atentado, tendo sido vistos, pela última vez, no dia 2 de Outubro.

Reforço da segurança no Pendjab

Vinte batalhões da Polícia federal indiana movimentaram-se na noite passada para o Estado do Pendjab (Noroeste do país), onde siques receberam armas do vizinho Paquistão, segundo o «Times of India». O jornal que cita uma fonte oficial, sem a nomear, afirma que é possível no Pendjab uma insurreição de envergadura.

Os meios diplomáticos em Nova Deli acolhem contudo com muito cepticismo essa informação, que o «Times» é o único dos sete jornais diários da capital a dar. O armamento que apareceu até agora nas mãos dos extremistas siques data da primeira guerra mundial, com excepço de algumas «Sten-Guns», pistolas-metralhadoras britânicas dos anos 40.

O envio de mais forças de segurança, que se vão acrescentar aos 12 batalhões instalados no Pendjab no dia 6 de Outubro, depois da proclamação do estado e emergência nesse Estado estratégico, indica porém que a situação continua a ser ameaçadora.

No Estado vizinho do Hariana, a tensão é muito viva entre as comunidades hindu e sique. Duas pessoas foram apunhaladas ontem em Yamunacar, no norte do Estado, depois de um dia de greve organizado pela comunidade hindu.

24 horas

Colômbia: o entendimento

O governo colombiano confirmou ontem que o presidente Belisário Betancur e dois dos chefes do movimento guerrilheiro 19 de Abril (M-19), Ivan Marino Ospina e Álvaro Fayaad se avistaram na madrugada de sábado em Madrid. Um comunicado dos serviços de informação da presidência refere que o diálogo foi «cordial» e que num futuro próximo poderá haver outros encontros com esse movimento e com organizações similares. O documento de Bogotá sublinha que a entrevista se desenrolou no «espírito das iniciativas do governo e da Comissão de Paz para a Consolidação da Lei da Amnistia».

Fernando Morán confirma

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Morán, disse ontem que «é certa» a notícia da tentativa de assalto a Gibraltar em 1982 por um grupo argentino, depois de ter-se reunido com o seu homólogo da época, Perez Llorca. Morán confirmou que o grupo de argentinos foi preso pelos serviços de segurança espanhóis em Maio de 1982. O chefe da diplomacia espanhola conhecia os factos, embora não com pormenor, e qualificou como «correcta» a actuação do anterior governo neste assunto, qualificação que não fez extensiva à totalidade do conflito anglo-argentino.

Protesto grego contra os EUA

O governo grego apresentou «veemente protesto vale aos Estados Unidos através do encarregado de negócios americano em Atenas, Alan Berlind, contra a violação por trinta e três vezes do espaço aéreo nacional por aviões militares americanos.

De acordo com um comunicado oficial divulgado à noite, Berlind foi convocado segunda-feira à tarde pelo secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros Yannis Kappsis, que lhe exprimiu o «veemente protesto» grego pela violação do seu espaço aéreo sobre as ilhas de Quios, Mitilene e Psaras (centro do mar Egeu) por aviões militares americanos provenientes do porta aviões Eisenhower.

Pax Christi

O Prémio UNESCO de 1983 da Educação para a Paz foi atribuído à Pax Christi International, soube-se ontem, dessa organização católica. Segundo os responsáveis da Pax Christi International, este prémio, no valor de 60 000 dólares, foi-lhe atribuído pela acção em favor dos Direitos do Homem exercida pela sua organização na América Central.

Desastre aeronáutico na Argentina

Doze elementos da Força Aérea Argentina, entre eles cinco oficiais de alta patente, morreram ontem, ao despenhar-se um avião «Guarani», perto da escola de aviação miltar de Córdova. Um porta-voz da escola de aviação referiu que entre as vítimas figura o brigadeiro Sigfrido Martin Plessl, que foi comandante de operações durante a guerra das Malvinas. O brigadeiro desempenhava actualmente o cargo de director do Instituto de Desenvolvimento da Indústria Aeronáutica. Os peritos da Força Aérea não apresentaram ainda um relatório sobre as causas do acidente que, segundo as primeiras investigações, se deveu a uma avaria verificada em um dos motores do aparelho.

Palestinianos

Um grupo de homens armados «pertencentes aos serviços secretos sírios» ocupou ontem os escritórios da agência palestiniana WAFA em Damasco – informou a WAFA em Tripoli, no Norte do Líbano. A agência, num despacho de Trípoli, afirmou, citando o director da WAFA em Damasco, Kalil Zeban, que «os agressores» detiveram todo o pessoal durante várias horas. A maior parte dos redactores da agência WAFA em Damasco pertencia ao sector palestiniano leal a Yasser Arafat.

Israel sob austeridade

O novo governo de Israel desvalorizou hoje o Shekel em 23 por cento e aumentou os preços dos artigos de primeira necessidade em 50 por cento, ao eliminar vários subsídios estatais. A medida já tinha sido anunciada pelo novo primeiro-ministro, Isaac Shamir, que ontem à noite afirmou que os israelitas devem apertar o cinto para fazer face aos 21 500 milhões de dólares da dívida externa. Milhares de israelitas que nos últimos dias afluíram aos bancos para comprar dólares, voltaram-se hoje para lojas e supermercados, a fim de comprarem produtos alimentares que ainda conservem os velhos preços.

Explosões no Transval

Seis vagões tanques, duas locomotivas e um vagão de mercadorias foram destruídos e consumidos pelo fogo, em consequência de três explosões ocorridas no Norte do Transval, África do Sul. Segundo a estação emissora do regime sul-africano, cada vagão tanque tinha a capacidade de 36 mil litros, o que totaliza 216 mil litros consumidos pelo fogo provocado pelas explosões.

O ministro sul-africano da Polícia, Louis Le Grange, reconheceu hoje em Pretória que as explosões verificadas no Transvaal, foram causadas por «um trabalho sofisticado e feito por peritos altamente qualificados». Na sua primeira reacção após regressar do local da ocorrência, Le Grange atribuiu a autoria do atentado ao ilegalizado ANC da África do Sul.

Morreu colaborador de Von Braun

O cientista americano de origem alemã, Kurt Debus, que participou no programa espacial dos Estados Unidos, morreu ontem em Cocoa (Florida), na sequência de crise cardíaca. Kurt Debus, que contava 74 anos de idade, foi um dos colaboradores mais chegados de Vernher Von Braun e emigrara, tal como este último, para os Estados Unidos, depois da Segunda Guerra Mundial.

"Pershing 2" em Israel?

Governo de Shamir "passou" no Parlamento

Yitzhak Shamir, de 68 anos, foi ontem eleito novo primeiro-ministro de Israel, tendo obtido 60 votos dos 120 que conta o parlamento, 53 deputados votaram contra e sete abstiveram-se ou não estavam presentes no momento da votação. Shamir prestou imediatamente o juramento de «servir o Estado de Israel e de cumprir o seu papel de primeiro-ministro». Todos os outros membros do novo Governo também prestaram juramento. Até ao fim o debate de investidura foi alvo de diversos incidentes e um deputado comunista, Charly Bitton, foi expulso do Parlamento.

O novo Governo tem as seguintes pastas principais: Yitzhak Shamir, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros; David Levy, vice-primeiro-ministro e ministro da Habitação; Yoram Aridor, ministro das Finanças; Moshe Arens, ministro da Defesa; Ariel Sharon, ministro sem pasta; Yossef Bourg, ministro do Interior e dos cultos.

A composição deste novo gabinete, é quase idêntica à do Governo Begin, notam os observadores.

Yitzhak Shamir, sublinhou o «perigo permanente» posto pela Síria a Israel num discurso de apresentação do seu Governo, marcado tanto pela continuidade na política externa como por uma percepção nova da excepcional gravidade da situação económica do país.

«Para sul, temos uma fronteira de paz com o Egipto. A norte a ameaça dos territórios foi afastada do território libanês. A leste, as pontes (sobre o Jordão) estão abertas e existe um desejo de manter a paz. Só a fronteira do nordeste permanece um perigo por causa da política belicosa e agressiva do regime sírio», afirmou Shamir.

O principal interesse de Israel no Líbano recordou, continua a ser «a segurança da fronteira norte de Israel». «Sem a aplicação do acordo israelo-libanês (do passado dia 17 de Maio) não pode haver soluções futuras no Líbano e é preciso que isso fique claro para todos», acrescentou.

«Não permitiremos que um país qualquer possua um direito de veto sobre a nossa possibilidade de conseguir acordo com os países da regiao», sublinhou Shamir, aludindo à Síria. Segundo ele, «quanto mais depressa as forças sírias retirarem do Líbano, mais cedo a paz irá regressar à região».

Yitzhak Shamir referiu novos fornecimentos de armas «sofisticadas e mortíferas» da URSS à Síria. «Esta região cheia de guerras precisa de paz e não de mais armas», afirmou o novo primeiro-ministro israelita.

Reafirmando o carácter «sagrado» e «vital» da política de colonatos nos territórios ocupados da Cisjordnia e Gaza, Shamir renovou o apelo de Menhahem Begin ao Egipto, à Jordânia e aos representantes dos «habitantes árabes da Judeia, Samaria e de Gaza para uma solução do problema relativo a esses territórios». «Já poderíamos ter negociado o estatuto definitivo desses territórios», disse Shamir, «se o Egipto não tivesse interrompido as negociações».

Ytzhak Shamir anunciou que tenciona preservar as «boas relações» com os Estados Unidos, continuar a «melhoria sensível» dos laços com a Europa e prosseguir a política de aproximação israelo-africana.

Pelo contrário, lançou um apelo à União Soviética para o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países e pediu para os judeus soviéticos o direito de emigrarem.

Por fim, no âmbito económico, Shamir anunciou que o seu governo vai tomar «medidas radicais e imediatas» para dominar a inflação e restabelecer os equilíbrios económicos.

Pershing-2

Israel poderá estar interessado na instalação, no seu território, de mísseis Pershing, arma que tem provocado grande polémica na Europa – adiantou ontem a Rádio israelita.

Israel poderá agora ter maiores possibilidades de obtê-los, depois de os ter pedido em 1975 face à condenação pelos Estados Unidos da colocação de mísseis soviéticos SS-21 na Síria. Os dois tipos de míssil podem levar ogivas nucleares.

Os SS-21, uma nova geração de mísseis terra-terra, têm alcance para atingir Telavive, a partir da fronteira síria, 120 quilómetros, e substituirão os FROG, que têm um alcance de 70 quilómetros.

Foi anunciado que a primeira visita ao estrangeiro do novo primeiro-ministro israelita, Ytzhak Shamir, será aos Estados Unidos. Segundo Rádio Israel, durante essa visita será tratada a questão do rearmamento sírio, e Shamir deverá ir acompanhado por Moshe Arens, ministro da Defesa.

Fonte militar disse à Rádio Israel que, do ponto de vista bélico, os Pershing não são tão perigosos como quando levam ogiva nuclear.

Contudo, acrescentou, toda a questão deve ser analisada no âmbito da instalação na Síria de mais SA-5, terra-ar, e da chegada de mais MIG-23, MIG-25 e MIG-27, para além da assistência prestada a Damasco por cinco mil peritos e técnicos soviéticos.

Ministros da CEE favoráveis ao encontro Genscher-Gromiko

Os nove parceiros europeus da RFA acolheram favoravelmente 2.ª feira, em Atenas, o encontro do ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dieztrich Genscher, com o seu homólogo soviético, Andrei Gromyko, sábado e domingo próximos, em Viena, indicaram fontes diplomáticas.

A pedido de Genscher, os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE realizaram uma reunião de cooperação política à margem do conselho especial sobre a Reforma da Comunidade Europeia, aberto no mesmo dia.

O ministro alemão federal comentou perante os seus parceiros que este encontro era em si «muito positivo», dada a tensão Leste-Oeste actual, indicou o ministro grego dos Negócios Estrangeiros, Yannis Haralambopoulos, que presidia à reunião.

Haralambopoulos salientou contudo, que as conversações Genscher/Gromyko se inserem no quadro das relações bilaterais RFA/URSS.

Segundo fontes diplomáticas o ministro dinamarquês dos Negócios Estrangeiros, Ufe Elleman Jansen, indicou que iria a Moscovo a 30 de Outubro próximo para se encontrar com Gromyko.

Os ministros italiano e belga, Giulio Andreotti e Leo Tindemans, declaram-se também dispostos a avistar-se com Gromyko.

Haralambopoulos não forneceu nenhuma indicação sobre as questões que Genscher e Gromyko discutiriam este fim-de-semana em Viena, declarando apenas que se trata de «assuntos muito importantes».

Fonte muito segura indicava ontem em Bona, que este encontro constituía uma última tentativa para desbloquear as negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os euromísseis antes do fim de 1983.

Entretanto, num artigo ontem publicado no vespertino soviético «Izvestia», o chefe político do exército, e da Marinha da URSS, general Alexei Epischev, advertiu que as contramedidas soviéticas à instalação dos novos mísseis norte-americanos na Europa serão «à escala regional, europeia e global».

Por seu lado, o movimento pacifista alemão ocidental dirigiu um apelo urgente a Yuri Andropov no sentido de «tomar imediatamente medidas concretas para a destruição dos mísseis soviéticos SS-20». Numa carta aberta a Andropov, os pacifistas que saúdam as recentes propostas soviéticas, pedem à URSS que «reduza o seu potencial de armas estratégicas até ao nível das que já se encontram estacionadas na Europa Ocidental».

Por acordo entre a Síria e o Líbano

Observadores gregos e italianos vão ser enviados para o Chuf

Os governos libanês e sírio acordaram ontem no envio de 600 observadores gregos e italianos para o Chuf, numa altura em que se agravaram os confrontos interpalestinos.

O resto do Líbano vive uma calma tensa, e a Comissão Preparatória para o Diálogo de Reconciliação libanês anunciou que se reunirá amanhã, segundo a Rádio libanesa.

Na reunião, participarão representantes das forças em conflito no Líbano.

Segundo a Rádio Libanesa, na madrugada de ontem forças palestinas do dissidente Abu Mussa, em colaboração com a Frente Popular para a Libertação Palestina (FPLP), atacaram elementos leais a Arafat no acampamento palestino de Nahr El Bared, dez quilómetros a norte de Trípolis e a poucos metros da fronteira síria.

A emissora informou que os confrontos se porlongaram por três horas e provocaram a morte de duas pessoas e ferimentos em três, entre a parte da população civil do acampamento.

O porta-voz das tropas leais a Arafat, Ahmed Abu Rumane, disse «que nos confrontosd as suas forças destruíram três peças de artilharia pesada dos rebeldes e vários projécteis que eram transportados num veículo.

Rumane acusou a Síria de ter iniciado o tiroteio para «enredar» as facções rivais palestinas.

As tropas sírias que controlam o Norte do Líbano mantêm cercados os dois últimos redutos de tropas leais a Arafat no Norte do país, El Badawi e Nahr El Bared, ambos a Norte de Trípolis.

As forças sírias, por outro lado, estão a impedir, desde o domingo todos os combatentes palestinos de entrarem na Síria, afirmou em Trípolis o porta-voz do Fatah, Ahmad Abdel Rahmane.

Esta decisão, tomada pelos serviços de informação sírios, aplica-se a todas as organizações da OLP e não apenas aos lealistas do Fatah, precisou o porta-voz.

Por outro lado o movimento dissidente do Fatah anunciou em Damasco que os quadros da informação palestina unificada — incluindo os da agência WAFA em Damasco — aderiram à dissidência.

«Esta nova adesão constitui uma prova do alargamento da base simpatizante com o movimento dissidente e as suas justas reivindicações», afirma o comunicado.

Acusações contra Israel

O chefe do governo libanês, Chafic Wazzan, acusou Israel de tentar criar um exército chiita no Sul do país, com o fim de conseguir uma divisão real do Líbano.

Para Wazzan, o reforço dos controlos no rio Awali e a possibilidade de barrar o caminho aos veículos permitem pensar que a intenção de Israel é dominar unilateralmente todo o Sul do país em conjunto com os chiitas.

O chefe do governo libanês disse aos jornalistas que a formação desta milícia chiita por parte de Israel, que contaria já com 300 homens, serviria para expandir a sua autoridade nessa zona «contra toda a legalidade», pondo em perigo os esforços de unificação em curso no país.

Nabih Beri, chefe do movimento chiita «Amal» lançou um apelo a todas as forças presentes no Sul do Líbano, principalmente habitado por chiitas, para que se oponham à tentativa israelita que, disse, tem como objectivo final a anexação da zona.

Helmut Kohl em Riade para vender armas

O chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, indicou hoje de manhã, em Djeddah, que não foi concluído qualquer acordo entre a Arábia Saudida e a RFA para a compra, pelo reino, de tanques «Leopard-2»

Durante uma conferência de Imprensa, o chanceler Kohl acrescentou que não tinha tomado qualquer compromisso sobre tal fornecimento durante a discussão desta questão com os seus interlocutores sauditas.

Por outro lado, segundo um comunicado comum publicado no termo da visita de Helmut Kohl, uma delegação militar saudita deslocar-se-á no fim deste ano à RFA, para examinar a compra de outros armamentos.

Djeddah deseja adquirir 500 tanques «Leopard-2», o que representaria um contrato, de mais de dois mil milhões de marcos alemães para a indústria da RFA.

NOTARIADO PORTUGUÊS

LABOFAR-COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LIMITADA. Eu abaixo assinado, ajudante do 20° Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-do-chão, certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 28/9/83 lavrada nas notas deste Cartório no livro 273-A de folhas 9 a folhas 10 verso Dr. Antonino José de Brito Alves Barata, Daniel Luís Barata Lane, Maria Antónia de Brito Barata Lodwick e José Joaquim Gomes Alves Barata como únicos sócios da Labofar- Comércio e Indústria, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, substituíram esta denominação pela denominação em epígrafe.

Pela mesma escritura alteraram os artigos 1.° e 2.° do pacto nos termos seguintes:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a denominação de LABOFAR-COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LIMTADA, tem a sua sede em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, número vinte e quatro, segundo andar, letra E, freguesia de Coração de Jesus, e durará por tempo indeterminado, a partir de vinte e oito de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

Artigo segundo — A sociedade tem por objecto a indústria e comércio de produtos químicos, especialidades farmacêuticas, cosméticos e material de laboratório.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 6 de Outubro de mil novecentos e oitenta e três

A Ajudante,
(Maria da Ressurreição Pereira Felício Patrício)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.° e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/2405, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Olaia, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 30 KV com 5388 metros, do poste n.° 6 da linha para o PT n.° 772 Covões — Entroncamento ao PT de Bernardo & Serras, Lda. — Bom Sucesso Indústrias/Comércio-Lamarosa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Setembro de 1983

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR,
JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

DESPORTO

Cuba para Los Angeles

Uma vez mais Cuba prepara, com rigor e cuidado, a sua representação olímpica para Los Angeles. Aqui temos quatro das vedetas da delegação cubana, que treina intensamente com o objectivo de prolongar o antigo prestígio: o halterofilista Daniel Nuñez, Alberto Juantorena (em franca recuperação física) Teófilo Stevenson preparando-se para as duras lutas pugilísticas e a saltadora em altura Sílvia Costa

Esta noite no Restelo

Final da Taça de Honra da AFL

Benfica e Belenenses disputam esta noite, no Estádio do Restelo, a final da Taça de Honra da Associação de Futebol de Lisboa.

O Sporting defronta primeiro (20 horas) o Estoril, para apuramento dos 3.º e 4.º qualificados, iniciando-se a final cerca das 21.45.

Na primeira jornada, recorde-se, o Belenenses derrotou a turma de Alvalade por 2-0, enquanto o Benfica eliminava o Estoril-Praia por 5-4.

Em relação às equipas, o técnico «azul», Fernando Mendes, defronta-se com uma série de problemas no que toca a lesões, como são os casos de Jorge, Vital, José António, Sambinha, Pereirinha e Edmilson.

No Benfica, tudo parece normal. Assim, Eriksson poderá utilizar os jogadores que entender.

Sporting e Estoril deverão alinhar com sensivelmente as mesmas formações que utilizaram na passada semana, no mesmo estádio do Restelo.

Rali Sagres Europa: muitas adesões

Quase no termo do prazo de inscrições no Rali Sagres Europa/Algarve (próximo dia 12) é já grande o número de concorrentes nacionais e estrangeiros que confirmaram a sua presença na prova algarvia pontuável para o Campeonato da Europa de Rallis.

Entre os inscritos nacionais destaque-se o actual campeão nacional Joaquim Santos e líder do campeonato 83, que tentará renovar o título na prova de que foi vencedor no ano passado.

Também o Campeonato Nacional de Grupo 'N' será decidido no Rali Sagres Europa/Algarve pelo que se prevê que os Citroëns do já terminado troféu Visa-Nacional estejam presentes para fazerem frente ao Golf GTI de Mello Breyner.

Dos concorrentes estrangeiros inscritos destaque especial para Robert Droogmans inscrito pela Ford Belga e Jean Luc Marteil ao volante do seu Citroën Visa Chrono. Aguarda-se ainda a chegada de muitas inscrições francesas e belgas que se devem ainda encontrar retidas no correio devido à greve dos correios franceses.

A lista definitiva de inscritos que será divulgada oficialmente no dia 22 poderá conter algumas surpresas em nomes de concorrentes se se vierem a concretizar os contactos que a organização tem vindo a efectuar com alguns pilotos de nomeada.

Grande Prémio da África do Sul

O francês Patrick Tambay, em Ferrari, fez ontem o melhor tempo, na primeira sessão de treinos para o Grande Prémio da África do Sul, que se disputa domingo.

Tambay, que sairá da Ferrari no final da temporada, fez 1.07,24 segundos.

1.º Patrick Tambay (França-Ferrari) 1.07,24; 2.º Elio de Angelis (Itália-Lotus/Renault) 1.07,51; 3.º Nelson Piquet (Brasil-Brabham) 1.08,73; 4.º Ricardo Patrese (Itália-Brabham) 1.09,00; 5.º Keke Rosberg (Finlândia-Williams-/Honda) 1.09,30; 6.º Alain Prost (França-Renault) 1.09,33; 7.º Eddie Cheever (EUA-Renault) 1.09,43; 8.º Andrea Cesaris (Itália-Alfa Romeo) 1.09,44; 9.º Rene Arnoux (França-Ferrari) 1.09,63; 10.º Manfred Winkelhock (RFA-ATS) 1.09,65.

Seguiram-se: Laffite, Warwick, Baldi, Lauda, Alboreto e Danny Sullivan.

Motociclismo: acidente mortal

O piloto motociclista francês Gerard Choukroun faleceu num acidente rodoviário sábado à noite, entre Crepy-en-Valois e Senlis (norte de Paris), ao volante do seu automóvel.

Nascido em 10 de Abril de 1954 em Paris, Gerard Choukroun apaixonado pelos desportos mecânicos, e que poderia igualmente ter realizado uma bela carreira em quatro rodas, pertencia à geração dos seus compatriotas Patrick Pons, Olivier Chevallier e Michel Rougerie, todos desaparecidos.

Choukroun ganhou nomeadamente em 1974 os 1000 km de Mans e o campeonato de França de endurance.

Pelo país fora

TORRES NOVAS – NATAÇÃO A época de Inverno promovida pelo Clube de Natação de Torres Novas inicia-se hoje, dia 11. A iniciativa conta com a colaboração da Câmara Municipal local, da Direcção-Geral dos Desportos (DGD) e do INATEL e do seu programa fazem parte cursos de adultos, jovens e crianças, nas especialidades de natação.

Assim, serão ministrados, em piscina aquecida, aprendizagem, aperfeiçoamento, manutenção competição correctiva e de recuperação.

ÉVORA – ÁRBITROS DE FUTEBOL O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Évora vai promover um curso para árbitro desta modalidade.

As inscrições para o curso estão abertas até ao próximo sábado, dia 15, e os interessados deverão obedecer, entre outros, aos seguintes requesitos: ter idade compreendida entre os 18 e os 33 anos, residir na área do Conselho de Arbitragem de Évora, não sofrer de incapacidade civil ou inabilitação, ter habilitações mínimas nacionais, ter um mínimo de 1,60 metros de altura e não ter sofrido penalidades disciplinares em qualquer modalidade desportiva, superior a trinta dias, ainda que amnistiadas.

O curso terá uma duração de cerca de dois meses, tendo as aulas ministradas, três vezes por semana e à noite, na sede do Conselho de Arbitragem.

ÉVORA – ANDEBOL A secção de andebol do Lusitano de Évora abriu insrições para praticantes da modalidade com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos.

As inscrições encontram-se abertas na sede do clube três vezes por semana: às segundas, quartas e sextas-feiras.

TOTOBOLA

No concurso 38 do Totobola foram apuradas 235 apostas com 13 resultados certos, cabendo a cada uma 96.460 escudos – informou a Santa Casa.

Com 12, foram escrutinadas 6.245 apostas, correspondendo a cada uma o prémio de 3.629 escudos.

MICROSCÓPIO

Ténis: Torneio de Barcelona

O sueco Mats Wilander, cabeça de série número 1, ganhou, facilmente, a final da 31.ª edição do Torneio de Ténis de Barcelona que pontua para o Grande Prémio Volvo, dotado de 200 mil dólares, batendo o argentino Guillermo Vilas, cabeça de série número 2, em três «sets» 6-0, 6-3 e 6-1.

O encontro foi totalmente dominado pelo jovem sueco, que teve 111 minutos para se impor.

Golfe: Campeonato do Mundo

O australiano Greg Norman ganhou em Wentworth a final do Campeonato do Mundo de Match Play de Golfe.

Recorde-se que o australiano já tinha ganho esta competição em 1980 ao derrotar o escocês Sandy Lyle.

Ontem pôs termo às esperanças de Nick Faldo, ao derrotá-lo por 3-2.

Para o terceiro lugar, Severiano Ballesteros, que era o grande favorito no início da prova, teve dificuldade em levar a melhor ao neozelandês Bob Charles (2-1).

Boxe: francês campeão europeu

O francês Gilles Elbilia passou a ser, ontem à noite, no Estádio Pierre de Coubertin, em Paris, o campeão da Europa dos meio-médios, ao vencer, por pontos, o belga Frankie Decaestecker, num combate em doze assaltos.

Ciclismo: transferência de antigo campeão

O corredor holanês Garrie Knetemann assinou domingo, em Hilversum, um contrato com a formação belga Europ-Decor, dirigida por Ronald de Witte.

Knetemann, de 32 anos, vítima em 24 de Março de 1983, na prova Volta a Bélgica, contraiu uma grave lesão e sofreu a fractura da perónio e tíbia. O ciclista holandês voltou recentemente aos treinos.

Campeão de 1978 de estrada para profissionais, recusou em Setembro renovar o seu contrato com a equipa da Raleigh-Panasonic, que é dirigida por Peter Post.

Os árbitros para as taças da UEFA

Um jugoslavo e um inglês dirigirão, respectivamente, os jogos de futebol da primeira e segunda mãos da segunda eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, entre o Benfica e o Olympiakos – informa o boletim da UEFA divulgado em Lisboa.

Na primeira mão, a disputar a 19 de Outubro, em Atenas (Grécia), o jogo Olympiakos de Pireu - Benfica é arbitrado pelo jugoslavo Sostaric, enquanto no Estádio da Luz, em Lisboa, a 2 de Novembro, a tarefa foi confiada ao inglês Midgley.

Para a primeira mão da segunda eliminatória da Taça das Taças, a disputar em Glasgow, entre Rangers e o FC do ZPorto, foi designado Kirschen, da RDA. Nas, Antas, também a 2 de Novembro, dirige a partida o italiano Délia.

O Sporting joga a primeira mão da Taça UEFA em Alvalade, contra o Celtic partida que será arbitrada pelo austríaco Brummeier. No encontro da segunda mão, 15 dias depois, em Glasgow, a tarefa cabe ao belga Ponnet, o mais credenciado internacionalmente e o único destes seis árbitros que actuou no Campeonato Mundial de 1982.

Para a segunda eliminatória das competições europeias, foi nomeado, pela UEFA, apenas um árbitro português, Alder Dante, que dirigirá o jogo da segunda-mão da Taça dos Vencedores das Taças, a 2 de Novembro, entre o Servette (Suíça) e o Shakhtior Donetsk (URSS).

Os campeonatos europeus

● **ITÁLIA: A «JUVE» E PLATINI CONTINUAM** – A Juventus de Turim continua no comando após o seu último sucesso (2-1), face ao Milão AC. Platini e Paolo Rossi assinaram os dois golos da «Juve», e o francês mostrou ser o atacante mais forte da sua equipa. Os «Biancorneri» conservam uma distância mínima sobre o Roma, que saiu vitorioso (1-0), em Genes, e a dois do Fiorentina de Antognoni (um empate 0-0 contra o Udinese de Zico), o Verona (3-1 face ao Ascoli), e o Torino (0-0 em Avellino). De notar a primeira vitória do Inter de Milão (1-0 contra o Nápoles), que assim deixou a última posição em Pisa.

● **ESPANHA: ATLÉTICO TRAVA, BARCELONA E VALÊNCIA FORÇAM** – O Atlético de Madrid, que não conseguiu melhor do que 1-1, no seu terreno frente ao Murcia, segue agora no comando com um ponto de avanço sobre os seus principais rivais, notoriamente o FC Barcelona e o FC Valência que bateram respectivamente o Gijon e o Espanhol de Barcelona com o mesmo resultado (4-0) o Málaga conseguiu ir bater, em San Sebastian, o Real Sociedad. De notar a nova derrota do Real Madrid face ao Saragoça (1-3).

RFA (TAÇA) O BAYERN E COLONIA SEM PRECALÇOS – Os 32.º avos da final da Taça da RFA ficaram assinalados por nenhuma surpresa. O Bayern de Munich (6-9 contra o Ausbourg – segunda divisão), Hambourg (4-1 face ao Friboug – 2.º div) e o Colonia, bateu o Offenbach (6-2).

● **HOLANDA (TAÇA) PSV EINDHOVEN EM APUROS** – A primeira volta da Taça da Holanda não foi favorável ao Eindhoven que não conseguiu melhor do que um empate face à formação da segunda divisão do Cambur (2-2) que terá de defrontar novamente no próximo dia 19 de Outubro. O Ajax de Amesterdão adquiriu já o seu passaporte para a fase seguinte ao bater os amadores do Hov Roterdão (5-0), enquanto o Feyenoord se impôs com muita justeza face aos amadores do Heerenveen (1-0).

● **ÁUSTRIA: ÁUSTRIA EUFÓRICO** – O Áustria de Viena consolida a sua posição de líder e a sua boa forma actual ao ir bater o G.A.K. (8-3). Os vienenses contam agora com dois pontos de avanço sobre o Sturm Graz, que não conseguiu melhor do que um (0-0) face ao Wacker, enquanto que o Rapid saiu vitorioso em Neusiedl (4-2).

● **FRANÇA: BORDÉUS CEDE UM PONTO** – Os Girondinos de Bordéus, após um nulo obtido em Brest (0-0), tem o comando somente a dois pontos do Mónaco que bateu o Nimes (5-1), e três sobre o Auxerre (1-0 contra o Toulouse) o Paris S.G. (3-1 contra o Sochaux). Nantes, o campeão de França, bateu o Rouen 3-9, e encontra-se agora a 5 pontos do líder.

Por razões que se prendem com os jogos a contar para o campeonato da Europa das Nações, Escócia-Bélgica, Hungria-Inglaterra e RDA-Suíça, que terão lugar amanhã, os campeonatos do respectivos países tiveram uma interrupção.

Meia Maratona do Barreiro

Integrada nas comemorações do dia do Barreiro, efctuou-se uma prova de atletismo – a meia-maratona – que foi duramente disputada e contou com larga adesão popular.

Cerca de 80 atletas alinharam à partida, divididos em quatro escalões.

A classificação geral ficou assim ordenada:

1.º Manuel da Silva (Grupo Sport 9 de Abril do Barreiro) com 1 hora 6.43; 2.º Manuel Monteiro (Centro de Atletismo do Porto) 1.8.32; 3.º César Bessa (CAP) 1.9.51; 4.º José de Sá (CAP) 1.10.15; 5.º José Neves (Os Alfacinhas de Lisboa) 1.11.12.

Por equipas sagrou-se vencedor o Centro de Atletismo do Porto, seguido do GD 9 de Abril e dos Alfacinhas.

A ilha dos cães

31

Desenho Florêncio Clarke

Texto Guy Vidal

Continua

Hemingway terá dirigido acções antinazis em Cuba na Segunda Guerra

O escritor americano Ernest Hemingway dirigiu uma rede de espionagem antinazi em Cuba, durante a última guerra mundial, segundo os arquivos do FBI (Segurança Federal), citados ontem por um jornal de Fort Lauderdale (Flórida).

A rede, constituída por 26 espiões recrutados por Hemingway, foi organizada em Setembro de 1942, na altura em que numerosos simpatizantes nazis se encontravam em Cuba e em que «U-Boats» alemães efectuavam patrulhas a Sul dos Estados Unidos, escreve o «The Fort Lauderdale News». O seu quartel-general situava-se proximo de Havana.

O jornal indica que essa rede, com o nome de código «Crime Shop», era financiada em parte pelo embaixador dos Estados Unidos em Cuba e que as simpatias comunistas do escritor tinham obrigado o director do FBI, Edgar Hoover, a vigiá-lo. O FBI tinha 6 agentes em Cuba nessa altura.

A maior parte dos espiões recrutados por Hemingway eram antifascistas, ex-membros da Polícia espanhola, que o escritor teria conhecido em Espanha durante a guerra civil. Alguns dos agentes actuavam a partir do barco do escritor, que a Embaixada dos Estados Unidos em Cuba tinha aceitado equipar com armas automáticas, segundo o jornal da Flórida.

Lago Titicaca ameaçado pela seca

A prolongada seca que afecta o planalto peruano-boliviano ameaça o «lago mais alto do mundo», o Titicaca, cujas águas se encontram a 1,6 metros abaixo do nível normal, revelaram hoje fontes oficiais de Lima.

Da estabilidade das águas do antigo «lago sagrado» dos Incas dependem a vida e economia de milhões de pessoas, no Peru e Bolívia.

Segundo as estatísticas peruanas, a anterior maior descida do nível do Titicaca registou-se em 1956 e foi apenas de 1,14 metros.

O lago tem uma superfície de 8100 quilómetros quadrados e contém 893 000 milhões de metros cúbicos de água.

A seca de 1940-43, a maior do século, provocou a extinção de um dos povos mais enigmáticos do mundo, os Uros, hoje reduzidos a alguns indivíduos que se misturaram com os Aymaras, que dominam a região.

A lenda diz que o povo uro se estabeleceu no planalto andino antes de o sol e as estrelas aparecerem no céu.

Os Uros tinham uma língua própria, afirmavam que o seu sangue era negro e que, sendo «filhos das águas» não podiam afogar-se.

Instalaram-se para viver sobre as águas do lago, dando origem à chamada «civilização da Totora», uma espécie de junco que cresce nas margns do lago Titicaca.

Com a Totora, os Uros fabricavam ilhas flutuantes, que cobriam de terra batida, onde cultivavam pequenas hortas e construíam as suas casas, feitas de juncos, como também as embarcações ou «caballitos», que utilizavam para deslocar-se até terra firme. Os talos tenros da totora eram um dos alimentos básicos dos Uros.

Segundo a tradição, continua sepultada nas águas do Lago Titicaca a corrente de ouro do inca Huascar a «Yawirka» tão comprida que dava a volta à praça maior de Cuzco quando esta era a capital do império Inca, e que foi lançada ao lago para evitar que fosse roubada pelos conquistadores espanhóis.

Fotografias tomadas pelo diplomata argentino Ramon Averllaneda parecem confirmar a existência, no fundo do lago, coberto de espessa camada de lodo, de templos e cidades de pedra submersas.

Os filmes realizados por Avellaneda levaram o oceanógrafo francês Jacques Cousteau a realizar uma série de investigações sob as águas do lago Titicaca, mas estas não deram nenhum reultado.

Nas margens do Titicaca erguem-se os severos monolitos de Tiahuanaco, lugar sagrado dos Incas.

Um dos mais misteriosos monumentos de Tiahuanaco é a célebre «porta do sol» que apresenta uma roseta representando homens pássaros cujo voo converge em volta de Inti, o deus sol.

Segundo o professor soviético Kazantsev, os estranhos desenhos da «Porta do Sol» representam, na realidade, um calendário venusiano.

Para os amadores de ciência-ficção, e todos os que acreditam em contactos com civilizações extra-terrestres, os primeiros habitantes do lago Titicaca vieram de Vénus num disco voador – a civilização de Tiahuanaco representa os vestígios de uma colónia dos antigos habitantes da misteriosa Atlântida.

breves

Queixa de um marceneiro recebida em Estrasburgo

A Comissão Europeia dos Direitos do Homem considerou recebível na segunda-feira em Estrasburgo (Leste de França) a queixa contra o Estado sueco apresentada por um marceneiro despedido «por razões de segurança», sem qualquer explicação suplementar.

Torsten Leander, de 32 anos, foi admitido em Agosto de 1979 como marceneiro no Museu Naval de Karlskrona, Sul da Suécia, que depende de uma base naval militar. Dez dias mais tarde, os serviços de segurança procederam a um inquérito a seu respeito e, face a algumas informações provindas de um registo da Polícia Secreta, o marceneiro foi despedido, sem que lhe explicassem as razões.

Petroleum faz acordo com as suas vítimas

A companhia ocidental Petroleum, anunciou que chegou a acordo amigável com os 1400 habitantes de Love Cabnal, que reclamam milhares de milhões de dólares de indemnização por terem sido vítimas de um desastre ecológico em 1978 e 1980.

Love Cabnal, num bairro da cidade de Niagara, Falss, estado de Nova Iorque, fora construído nos anos 50 num sítio onde tinham estado armazenados produtos químicos altamente tóxicos entre eles dioxina, um desfolhante utilizado durante a guerra do Vietname.

«Se é asmático ou cardíaco não vá à capital grega»

As grandes quantidades de chumbo, monóxido de carbono e outros poluentes na atmosfera da capital grega, são perigosas e obrigaram as autoridades a aconselhar a que não se vá ao centro da cidade.

A recomendação, feita pelo Ministério da Planificação Urbana e Meio Ambiente, dirige-se principalmente aos doentes cardíacos e asmáticos.

As primeiras páginas dos jornais relatam os últimos casos de vítimas da poluição, recém nascidos com chumbo no sangue.

O problema da poluição tem sido agravado pela falta de ventos que levem para longe o «Nefos», nome dado em Atenas à nuvem contaminada que envolve a cidade.

Batidos vários recordes do impossível

Nos segundos Jogos Internacionais dos Recordes do Impossível foram batidos 28 máximos mundiais, anunciou o organizador dos jogos, Sri Chinmoy.

As provas, num total de 40, decorreram no fim-de-semana e nela participaram cerca de cem especialistas de salto em altura de um patim com rodas, de corrida ao pé-coxinho, de lançamento de disco de plástico e de resistência em motorizada.

Entre os recordes alcançados, incluem-se o da subida a árvores de sete maneiras diferentes no menor tempo possível, o da corrida de motorizada com uma porta sobre a cabeça, e da permanência numa posição difícil de ioga (20 minutos com os pés por detrás da cabeça).

Editor pornográfico candidata-se à Casa Branca

O editor da revista pornográfica «Hustler», Larry Flint, anunciou que se candidatará à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano.

«Escolhi o Partido Republicano porque sou rico, branco e pornógrafo», explicou Flint, assinalando que baseará a sua campanha na liberdade de expressão e na educação sexual.

«O mais simpático, acrescentou, é que a minha campanha será financiada pelo Congresso, pois esses idiotas fizeram-me ganhar mais de um milhã de dólares ao denunciar-me».

Os congressistas fizeram oportunamente ouvir os seus protestos ao receberem (gratuitamente) o número de Setembro de «Hustler».

A venda da revista aumentou em 30 por cento em consequência deste golpe publicitário.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

História: um incessante partir

Não sei do que se possa hoje falar mais do que daquela emissão do **Vamos caçar mentiras,** em termos de interesse televisual.

Eu sei que aconteceu mais um folhetim do «Pai Herói», uma telenovela que se não tem a chancela da «melhor telenovela brasileira», possui atractivos de vária ordem que a recomendam a quem não possua, fora de casa, destino mais glorioso. Falta-lhe, é verdade, a elevada média de interpretação e desenho dos caracteres do **Baila comigo** mas assim mesmo não é nada para deitar fora e lá temos o Paulo Autram na arte de transformar o convencional, num espectáculo. E lá temos figuras tão levantadas, tão convincentes como a Valquíria, a mãe Januária, o pai de Ana Preta, o irmão de Baldaracci – com o meu pedido de desculpas aos actores cujo nome a minha memória ainda não fixou.

Certo que também lá tivemos, no telejornal, a figura de Mário Soares a gaguejar entre o «estamos empenhados» (olha a novidade!) e o «luso-moçambicano» a descarrilar para o «luso-americano» – enfim, actos falhados, maus hábitos, o diabo.

Também lá tivemos o Amândio de Azevedo alcandorado a ministro do Trabalho, situação que levaria uma eternidade a explicar pois é, em si mesma, inexplicável. Só se for como símbolo do trabalhão que aquele ministro terá para explicar como é que, morando no Porto, tem endereço na linha de Cascais e como, tendo endereço na linha de Cascais, continua a morar no Porto. Enfim, mistérios de transferências psíquicas onde não quero de forma nenhuma imiscuir-me.

O ministro acha que o **lay-off** é bom, ele poderá dizer «graças a Deus» – só que desconfio que o Deus dele não tem qualquer parentesco com outro geralmente nomeado, de infinita bondade e solidariedade para com os homens.

Até houve aquela macabra situação americana do avião B-52, de tristérrima lembrança, capaz de transportar cargas nucleares, sempre apto a levantar voo, a qualquer hora do dia e da noite, estamos a vê-lo em mais um exercício, um dia, se for necessário, poderá substituir as bombas fingidas por bombas a sério, e entre o embarcar do engenho e o largar para o voo não demora mais de 10 minutos, e depois despejará seu «brinquedo» e depois, na mecha, regressará à base «se nessa altura – como se diz no **telejornal** judiciosamente – ainda houver uma base onde possa regressar».

Enfim, causas de facto importantes. Mas o crítico reconhece que, em termos de ocupação digna de maior parte do serão, e por se tratar de uma produção nacional, a emissão de **Vamos caçar mentiras** lhe exige especial memória.

Continuo a pensar que está viciado o sentido pedagógico do concurso. Vocês vão ver: qualquer dia começa-se para aí a dizer que D. João II matou o duque de Beja. Certo, a rectificação. Mas sabem os engenhosos fabricantes de boatos que nenhuma rectificação vale uma afirmação, até porque aquela já contém esta. Dialbólico, mas é assim mesmo.

Por outro lado, substituindo-se os professores, continuamos a assistir a processos de comunicação via TV que devem ser melhorados. O prof. Fernando António Baptista Pereira continua, como a sua antecessora, a falar para o telespectador como se se dirigisse aos espectadores do Teatro Aberto **sem microfone.** Isto deriva da falta de hábito no manejo deste bicho tão esquisito, e talvez de maus costumes adquiridos em salas de aula sem grandes condições acústicas. Um pouco à maneira do que sucede com os actores portugueses. Doutor, siga o conselho de Césario Verde: seja natural, não se preocupe com a sua voz, o microfone ajustar-se-á a ela da melhor maneira, além do que o seu verdadeiro público é o que está em casa e não o que está no Teatro Aberto. A sua simplicidade e modéstia são trunfos telegénicos. Aproveite-os.

Ora a presença das equipas concorrentes no recinto da criatividade, bem como a participação de Vitorino (que pena ter-se enganado nos versos da cantiga...) e do conjunto de Pedro Caldeira Cabral foram decisivos para dar a esta emissão o sinete da qualidade.

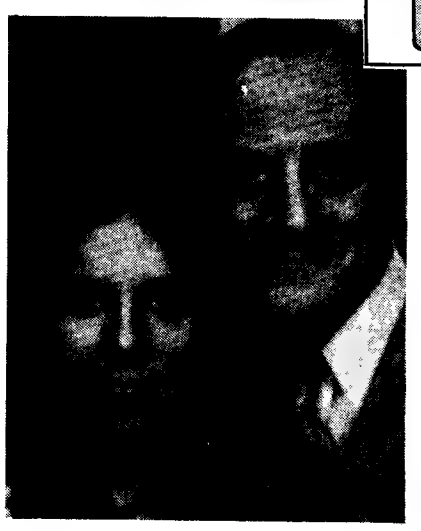
O teatro de ambos os concorrentes tinha muito mérito, embora me parecesse que o da equipa A fosse notoriamente extenso e quando o teatro parece extenso, algo não esteve completamente bem. O cansaço das concorrentes prejudicou um pouco a qualidade. Uma lição que as jovens não esquecerão em futuros trabalhos.

A equipa B, com José Fanha à cabeça, deu-nos um texto de grande qualidade literária e uma representação que não vamos esquecer depressa. Num trabalho que foi de equipa, suponho não ser pecado distinguir a presença de Luís Gamito. Ele estará mesmo certo de que a sua autêntica vocação é a medicina?...

Para José Fanha, a História é um incessante partir sendo também, como quer o prof. Fernando António, «a memória-colectiva» de um povo. Visões que ontem se completaram. E que produziram a melhor «caçada» de sempre.

Hoje

1 RTP



Maria Fernanda e Paulo Autran, na telenovela «Pai Herói»

17.50 **Sumário**
18.00 **Animação**
18.25 **Curso de Línguas** – Francês.
19.00 **Teleregiões**
19.25 **Tempo dos Mais Novos**
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.15 **«Avenida Paulista»**
22.30 **Grande Reportagem** – ilha de Moçambique.
23.30 **Último Jornal**

2 RTP

Na RTP-2 exibe-se esta noite o filme «O Grande Caruso», com Mário Lanza no papel principal

19.02 **Desenhos Animados**
19.30 **TV/2 Notícias**
19.40 **Música de Câmara** – Quarteto, em ré maior, de Haydn e Quarteto em dó maior, de Mozart. Colaboram, entre outros, Madalena Sá e Costa e José Luiz Delerue.
20.05 **Quinta Dimensão**
20.30 **Cine-Clube/2** – «O Grande Caruso». Intérpretes: Mário Lanza, Ann Blyth, Jarmila Novotna e Dorothy Kirsten. Realização: Richard Thrope.
22.25 **Jornal da Noite**
22.45 **Paul Hogan Show**

Amanhã

1 RTP

12.00: Desenhos Animados; **12.30**: O Mar e os Seus Recursos; **13.00**: Jeito e Efeito; **13.30**: Jornal da Tarde; **17.50**: Sumário; **18.00**: Res-Pública; **18.30**: Curso de Línguas – Português; **19.00**: Teleregiões; **19.30**: Tempo dos Mais Novos; **19.45**: Vamos Jogar no Totobola; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Direito de Antena – Sindicato dos Trabalhadores dos Registos e Notariado. «Pai Herói»; **21.30**: Noite de Cinema – com o filme «Os Milhões de Molly Brown»; **23.30**: Transmissão de Fátima das Cerimónias Religiosas; **23.50**: Último Jornal.

2 RTP

19.00: Desenhos Animados; **19.30**: TV/2 Notícias; **19.35**: Concerto de Gala – comemorativo do 72.º aniversário da GNR; **20.35**: Pare, Escute e Olhe; **21.00**: Lisboa, Sociedade Anónima; **22.00**: Jornal da Noite; **22.20**: Paul Hogan Show.

TEATRO ABERTO

novo grupo APRESENTA HOJE ÀS 21.30

2.º MÊS

COMÉDIA Á MODA ANTIGA

DE ALEXEI ARBUZOV

COM CARMEN DOLORES E CURADO RIBEIRO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
CENÁRIO: DALTON SALEM ASSEFF
VERSÃO E ASSIST. DRAMATÚRGICA: CARLOS PORTO

HORÁRIO DE 3.ª-FEIRA A SÁBADO ÀS 21.30
MARCAÇÕES TEL. 77 09 69

O NOVO GRUPO NO AUD. NAC. CARLOS ALBERTO PORTO

ATÉ DIA 15 – «OIÇAM COMO EU RESPIRO»
DE 20 A 30 – «O SUICIDÁRIO»

(PATROCINADO PELO MINISTÉRIO DA CULTURA)

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

COMUNICADO

ASSUNTO: DIFICULDADES NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA AOS CONCELHOS DE OEIRAS E AMADORA.

Os SMO esclarecem os seus consumidores que a falta de água que está a verificar-se em diversas áreas dos Concelhos de Oeiras e Amadora é devido à redução nos fornecimentos de água a estes Serviços, fornecimentos que são integralmente efectuados pela Empresa Pública de Águas Livres (EPAL).

Estas reduções atingiram nalgumas zonas de ambos os Concelhos valores elevadíssimos (60%) criando situações e sacrifícios às respectivas populações, que foram totalmente incontroláveis por estes Serviços, por não terem sido previamente prevenidos por aquela empresa fornecedora da alteração repentina do regime de fornecimento.

Os SMO estão neste momento a envidar todos os esforços no sentido de gerir a sua distribuição de modo a minorar as consequências criadas pelas referidas reduções. Todavia informamos que continuarão a verificar-se reduções da ordem dos 25%, que implicarão escassez em todas as zonas dos dois concelhos e que se manterão até que a EPAL esteja em condições de fornecer a totalidade das quantidades exigidas pela população dos dois Concelhos.

Os SM Oeiras solicitam a melhor compreensão para esta situação e lamentam as perturbações causadas.

Oeiras, 7 de Outubro de 1983

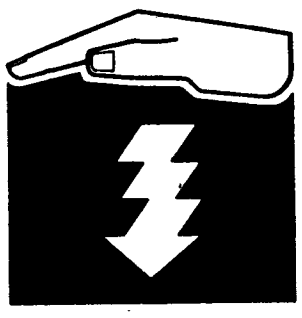
O Presidente do Conselho de Administração,
João Maria Póvoa

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

O MINISTÉRIO DA CULTURA INFORMA OS INTERESSADOS QUE SE ENCONTRA ABERTO, DESDE A DATA DO PRESENTE COMUNICADO ATÉ 31 DE OUTUBRO, O CONCURSO A ASSISTÊNCIA FINANCEIRA AO TEATRO PROFISSIONAL PARA A TEMPORADA DE 83/84.

ABRANGE ESTE CONCURSO AS MODALIDADES DE SUBSÍDIO REGULAR ANUAL E SUBSÍDIO À MONTAGEM. OS FORMULÁRIOS A PREENCHER OBRIGATORIAMENTE, AOS QUAIS SE ENCONTRA APENSO O REGULAMENTO, ESTÃO AO DISPOR DOS INTERESSADOS NESTE MINISTÉRIO (FUNDO DE TEATRO), NAS DELEGAÇÕES REGIONAIS (NORTE, CENTRO E SUL) E PODEM SER REQUISITADOS POR COREIO.

POUPE ELECTRICIDADE



ouro

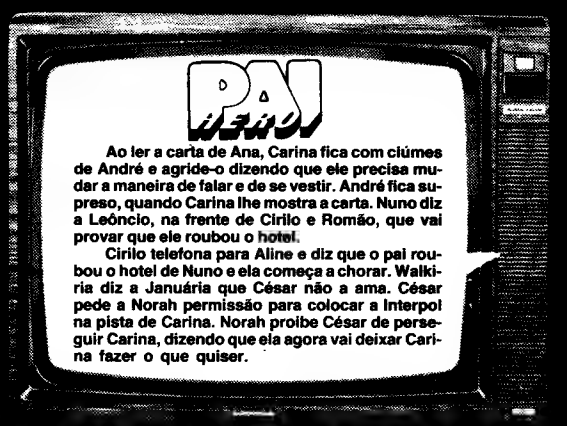
TODOS OS OBJECTOS MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av Almirante Reis 175 1º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

circular é viver.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
«Avenida Paulista» (21.15)

2 RTP
«O Grande Caruso» (20.30)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

«Not I» («Eu Não») e «Play», duas peças em um acto de Samuel Beckett, têm a sua estreia marcada para o dia 13 de Outubro às 22 horas na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II.

«Not I» tem interpretação de Graça Lobo. Uma boca de uma muda mulher, conta, como se fosse a vida de outra mulher, a sua própria vida.

Uma boca que nunca antes havia pronunciado uma palavra, de repente, não pode deter-se e confessar-se. O seu nascimento prematuro, o seu abandono, a sua solidão, as suas lágrimas, o contacto da relva na sua cara.

«Play» é interpretada por Eunice Muñoz, Jacinto Ramos e Graça Lobo. Duas mulheres e um homem. O clássico triângulo amoroso.

Cada uma das personagens conta, à sua maneira, a sua própria história. O homem defende-se como pode. A mulher legítima resmunga. A amante desvaria. O humor e o trágico duma situação banal.

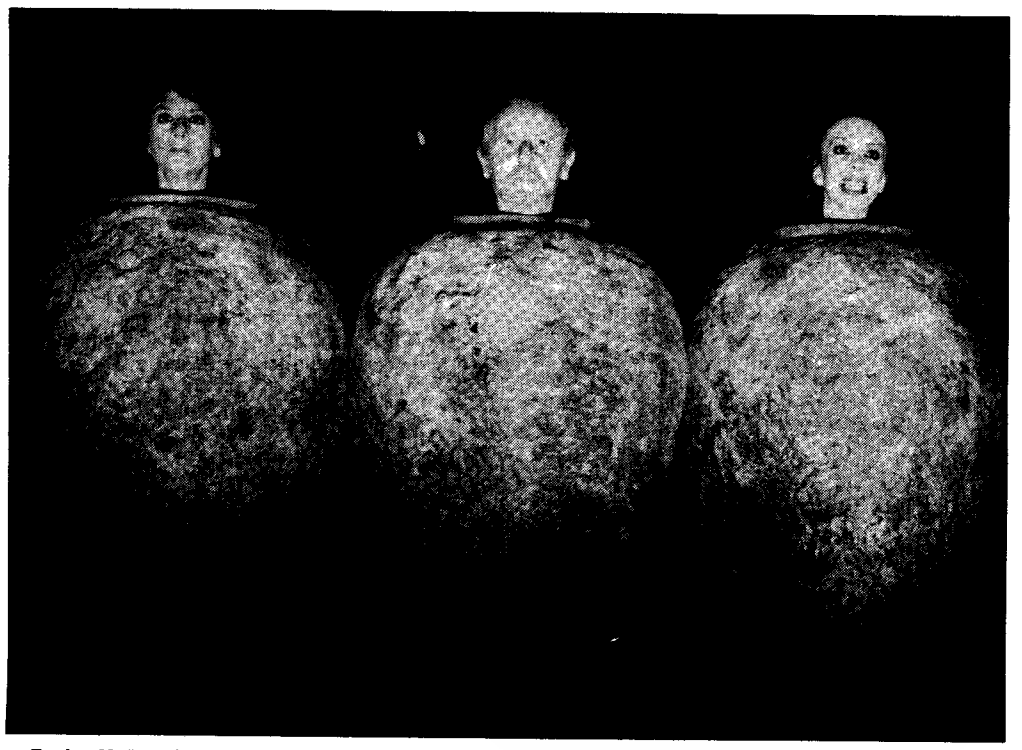
«Eu Não» e «Play» têm tradução de Miguel Esteves Cardoso e encenação de Carlos Quevedo, contando «Play» com a colaboração do músico Alejandro Erlich-Oliva, na orientação rítmico-dinâmica. É uma co-produção do Teatro Nacional D. Maria II e da Companhia de Teatro de Lisboa, que para este espectáculo contou com um subsídio de montagem do Ministério da Cultura.

Entretanto, coincidindo com a representação no Teatro Nacional D. Maria II das duas peças de Beckett, Martin Esslin fará uma conferência sobre a obra de Samuel Beckett na próxima sexta-feira, pelas 18 horas, no Teatro Nacional. Esslin proferirá também mais duas palestras (em inglês) no British Council Centre (Rua Cecílio de Sousa, 65, ao Príncipe Real): no dia 17 de Outubro, «Samuel Bekett and the mass media»; no dia 18, «Samuel Beckett-how to aproach his work», ambas às 18 horas.

Música

Santiago Kastner, evocando o nascimento do 400.º aniversário do nascimento de Girolamo Frescobaldi, pronuncia hoje, às 18,30, uma palestra, com exemplos em clavicórdio, no Auditório III da Gulbenkian.

O grupo americano «Kiss» realiza hoje à noite um espectáculo em Cascais. Com este espectáculo, os Kiss iniciam em Portugal uma «tournée», onde promoverão o novo álbum «Lick it up» que os levará a diversos países da Europa. O grupo, que já vendeu cerca de 50 milhões de discos (salvé!) tem como característica nas suas aparições ao vivo um incomparável aparato cénico e técnico. Paul Stanley, Gene Simons, Eric Carr e Gene Vincent são os quatro Kiss e têm desde o princípio da sua carreira mantido sobre eles próprios um clima de mistério, escudando-se sempre atrás de máscaras e maquilhagens. Agora, e pela primeira vez, parece que o mistério vai ser desvendado e o público que for hoje a Cascais poderá assistir ao cair da máscara de uma das mais discutidas bandas de «rock'n roll» da actualidade.



Eunice Muñoz, Jacinto Ramos e Graça Lobo em «Play», de Samuel Beckett, com estreia marcada para

Cinema

Prossegue hoje, às 18,30, na Cinemateca o ciclo Lopes Ribeiro com uma sessão votada a documentários. Quem estiver interessado na mitologia slazarista, terá oportunidade de ver «A Morte e a Vida do Engenheiro Duarte Pacheco». Às 21,30, mais fascismo: «Feitiço do Império», com o bónus de lhe terem suprimido a banda sonora, o que certamente tornará o filme muito mais engraçado.

Conferências

O dr. Luís Filipe Barreto profere hoje, às 18,30, na Biblioteca Municipal Camões, ao Largo do Calhariz, uma conferência sobre «A Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto, inserta na comemoração do grande escritor e aventureiro.

Exposições

Frederico George, um dos nomes muito mais prestigiados da arte portuguesa contemporânea, expõe na Galeria «Diário de Notícias».

Joaquim Bravo expõe pintura na Galeria Quadrum (Rua Alberto de Oliveira, Corucheus, Alvalade). A mostra encerra em 17 de Outubro e pode ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19, e aos sábados das 15 às 19 horas.

concurso RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____ _____

Lic. TV Nº _____

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	95$75	101$75
ALEMANHA FED (marco)	47$00	48$10
ÁUSTRIA (xelim)	6$60	6$80
BÉLGICA (franco)	2$139	2$339
BRASIL (cruzeiro)	$050	$130
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	98$65	100$75
(notas de 5 a 1000)	99$25	101$25
DINAMARCA (coroa)	13$00	13$40
ESPANHA (peseta)	$771	$891
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	121$45	123$45
(notas de 5 a 1000)	121$95	123$95
FINLÂNDIA (marka)	21$65	22$25
FRANÇA (franco)	15$30	16$00
HOLANDA (florim)	41$85	42$85
INGLATERRA (libra)	184$80	188$80
IRLANDA (libra)	146$25	150$25
ITÁLIA (lira)	$071	$080
JAPÃO (iene)	$496	$531
NORUEGA (coroa)	16$65	17$15
SUÉCIA (coroa)	15$65	16$25
SUIÇA (franco)	57$90	59$00
VENEZUELA (bolivar)	7$90	8$90

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: A voz da solidariedade; **21.30**: Viva a noite – as 3 ªs-feiras da Antena Um; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.55: Música de câmara; **16.35**: Árias de óperas; **17.00**: Sonata em mi menor, op. 9, n.º 3, de Bomtempo; **17.30**: Efeméride; **18.05**: Culturando; **19.30**: Música em diálogo; **20.10**: Alfa e omega; **21.00**: Escrever hoje; **21.30**: Música portuguesa; **22.00**: Parte de um concerto realizado no Estúdio A e integrado no Ciclo Marquês de Pombal; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo de FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **21.30**: Tríduo preparatório para a peregrinação a Fátima; **22.30**: Máquinas ao vivo; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas

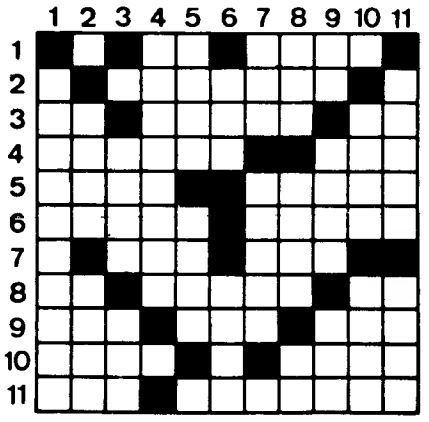
Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 856

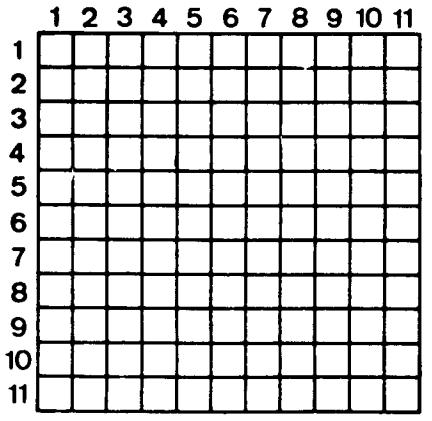


HORIZONTAIS:
1 Apelido. Africano.
2 Eçoita m Artigo definido.
3 Amónio (s.q.). Chouriço de sangue Frâncio (s.q.).
4 Rio de Inglaterra. Estilo.
5 Prender. Cidade do Estado de Minas Gerais.
6 Ganir. Instrumentos para atirar setas.
7 Artilharia antiaérea. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
8 Compaixão. Indício. Cobalto (s.q.).
9 Anel. Duna na Suécia. Ente.
10 Terreno, entre montanhas. Suplica.
11 Ave pernalta. Grande barca para transporte de objectos muito pesados.

VERTICAIS:
1 Desgraça.
2 Tempo do verbo ser. Freguesia do concelho de Castelo Branco Rezam.
3 Bosque. Olé.
4 Gastarias.
5 Cinchos. Fronteira.
6 Esteiro. Planta de fibras têxteis em Angola.
7 Rio da Suíça. Guardas segredo.
8 Vende a crédito. Terra nova e arroteada de fresco. Rénio (s.q).
9 Reis. Entrelacei Nome de astro.
10 Fotografia. Invisual.
11 Equipes. Cidade da Argélia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9708



HORIZONTAIS:
1 Acrobacia aérea que consiste em fazer o avião movimentos circulares em plano vertical. Mil e duzentos em romano.
2 Freguesia do concelho de Alenquer. Engenho de tirar água. (pl.).
3 Furiosos. Sua Majestade.
4 Enguia. Abreviatura de Santíssimo. Nesse lugar.
5 Nota musical. Lugar onde habitualmente se passeia.
6 Abaixem. Solitário.
7 Viração.
8 Versejarem.
9 Tabeliões Césio (s.q.).
10 Tempo do verbo ir. Irmão do pai.
11 Narraram.

VERTICAIS:
1 Mamífero primata da Índia de hábitos nocturnos. A água. (Poet.).
2 Mamífero pinípede do hemisfério Sul. Alternativa.
3 Rio dos Estados Unidos da América. Pessoa que sofre muito.
4 Hilota.
5 Inventai. Abreviatura da palavra inglesa mister.
6 Pronome pessoal. Serviço Nacional. Encoleriza.
7 Ordinário.
8 Tostem. Pronome demonstrativo.
9 Manuscrito. Artigo indefinido. Caminhar.
10 Sadios. Filtra.
11 Peça de vestuário interior, de tecido de malha. (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 855

HORIZONTAIS:
1 DE. NOITE. A
2 Aspásia
3 Ad. Moca
4 Gratas Nós.
5 Creditarias
6 Cosam. Tia
7 Noé Aba.
8 DI Paira Fó
9 Errar. Aer
10 Io Lavas.
11 Assam. Serão.

VERTICAIS:
1 Dao. CANDEIA.
2 És. Gr. Oiros
3 PARECE.
4 Nadado. Pala
5 Os Tisnaram.
6 II. Ata.
7 Ta. Samarras
8 Ba Sé.
9 BONITA. A.
10 Coai.Feia.
11 Passador

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9707

HORIZONTAIS:
1 Rã. Latmo Má.
2 Ema. Soa. Per
3 Nara Mota
4 Arrebatares.
5 Aaro. Açor
6 Sé Ás.
7 Eu Airar Ga.
8 Assacas.
9 Ias. Coo. Ois.
10 Era. La. Co
11 Ossos. Atoas.

VERTICAIS:
1 Rena. Lépido.
2 Amara.
3 Arrás. Ases.
4 Aéreas. Ro.
5 Ás Bo. Iscas.
6 Tona. Arão.
7 Má. Tá! Acolá.
8 Maçara. At.
9 Poros. Só
10 Meter. Ilha. Iça.
11 Aras Passos.

Provérbio: De noite à candeia, parece bonita a feia.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Para Todos –
PARADA DAS ESTRELAS
5.ª semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Int. men. 18 anos –
AS INSACIÁVEIS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– N. acons. men. 13 anos –
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
4.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
13.ª semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Maiores 12 anos –
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Maiores de 16 anos –
A LUZ DA PAIXÃO
Às 24
GARDÉNIA, O INDOMÁVEL

CINE BLOCO 556824

ÀS 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
– Para Todos –
E.T. O EXTRATERRESTRE

Às 24 h
A VIOLAÇÃO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30 h
– Não acons. men. 13 anos –
BEN E CHARLIE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
O SOLDADO AZUL
3.ª semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
A MELHOR CASA DE PRAZER DO TEXAS

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
OS ESGOTOS DO PARAÍSO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Não acons. men. 13 anos –
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
63.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30. 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 anos –
VIVER SEM AMANHÃ

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
– Maiores 13 anos –
O AMANTE

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h
– Não acons. men. 13 anos –
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
– Não acons. men. 13 anos –
OURO
Com Roger Moore, Susannah York e John Gielgud

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Ás 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Maiores 12 anos –
VERÃO ASSASSINO
Com Isabelle Adjani e Alain Souchou
3.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30 h
– Para Todos –
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
– Maiores 12 anos –
STARFLIGH ONE
(PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45 h
– Não acons. men. 18 anos –
UMA MULHER DE SONHO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
– Maiores 18 anos –
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
– Maiores 16 anos –
O IMPERADOR DOS BÁRBAROS
Com Peter McCoy, David Jenkins e Marion Long

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30 h
– Para Todos –
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
– Não acons. men. 13 anos –
LOLA MONTES
Às 23.30 h
INSÓLITO DESTINO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
– Para Todos –
SERENATA À CHUVA
Às 23.30 h
VIAGEM FANTÁSTICA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
– Maiores 13 anos –
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30 h
ESTADO DE GUERRA

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h
– Não acons. men. 13 anos –
AS IRMÃS
Às 23.45 h
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Maiores 12 anos –
STARFLIGH ONE
(PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 18 anos –
VIVER SEM AMANHÃ

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
– Maiores 16 anos –
GABRIELA
Com Sónia Braga

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h
– Maiores 12 anos –
HEAT AND DUST
(Verão Indiano)
Com Julie Cristie
10.ª semana

SALA 3

Às 14.30. 18.15 e 21.15 h
– Maiores 12 anos –
SOPHIE'S CHOICE

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
QUATRO AMIGOS
6.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45 h
– Maiores 16 anos –
GABRIELA
Com Sónia Braga

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30 h
– Não acons. men. 13 anos –
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30 h– Para Todos –
SUPERMAN III
Com Christopher Reeve e Richard Prym

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Umfilme de Taylor Hackford
3.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– Maiores 12 anos –
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO
2.ª semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Não acons. men. 18 anos –
OS CAVALOS DE VALVEZ
Com Charles Bronson
1.ª semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO – «Os Kiss e os Fantasmas», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Explosão», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Por Favor não mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Os Esgotos do Paraíso», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Viciosa Laura», (18 anos) Sessões permanentes
COLISEU – «Brigada dos Costumes», às 21.30 (13 anos)
CAPITOLIO – «Escravatura do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ROYAL – «O Vingador da Cidade», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Bar da Última Esperança», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – Retrospectiva António Lopes Ribeiro, às 21.30

Outra banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Decameron», às 21.30 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Fúria em Hong Kong», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Primeiro Amor», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Mandigo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «Agente em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Louca Aventura na Selva», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Diva e os Gangsters», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Cavaleiro da Vingança», às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Adeus Aventureiros», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.30 (12 anos)
ALGÉS – Stadium – «Bilbao», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Kilas, o Mau da Fita», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Desafio das Águias», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «A Rapariga Invencível», às 21.15 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «A Fúria do Herói», às 21.15 (16 anos)

Porto

ÁGUIA – «Pecados em Família», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Uma Pistola para Ringo», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Os Campeões do Ringue», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Rei da Comédia», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ – «Bairro da Lata», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Conquistador», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Jardineiro Assassinado», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Gabriela», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «Do Fundo do Coração», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-A – «Hallowe'en», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE: Líbia**, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS -DUQUE D'ÁVILA: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL: Bairro Azul**, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA: Normal de Lisboa**, R. da Prata, 220 (T. 321342); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO D'OURIQUE: Linalda**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE - ALAMEDA: Nobel**, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO - SANTA MARTA: Dávi**, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **CHELAS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 32 (T. 384904); **ALGÉS: Miramar**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **BRANDOA: Correia**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

REFORÇO

AREEIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **GRAÇA: Morão**, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS: Valentim**, R. Poço dos Negros, 88-90 (T. 607453); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **SALDANHA: Daiva**, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO: Botânica**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS: Selter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Eloi, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, Laranjeiro de Fora; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Soares**, Av. da República, 1 (T. 2073017). Permanente; **AMORA: Nova Amorense**, E. N 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Garneiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Soromenho**, P. Machado Santos, 24. Permanente; **Louro**, R. Frei António Chagas. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Nunes, E. Serra Mira, lote 134 (T. 937543). Permanente; **Solla**, loja D, 65. Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210112). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472938). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444.

DE DIA E TODA A NOITE

CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **MARTINO, SUC.**, P. Marquês de Pombal, 122; **MOURA**, R. do Bonfim, 582-A-B; **RAMOS**, P. do Exército Libertador, 91.

Coimbra

MIRANDA, P. do Comércio, 41 (T. 23261).

teatros

Lisboa

COMPANHIA DE TEATRO DE SANTARÉM – «Escurial», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «Comédia à Moda Antiga», às 21.30
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (12 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 21.00 (6 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – Selva Trupe – «Oiçam como Eu Respiro», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Há mas São Verdes», às 21.30 (18 anos)
TEP – «Florânia ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)

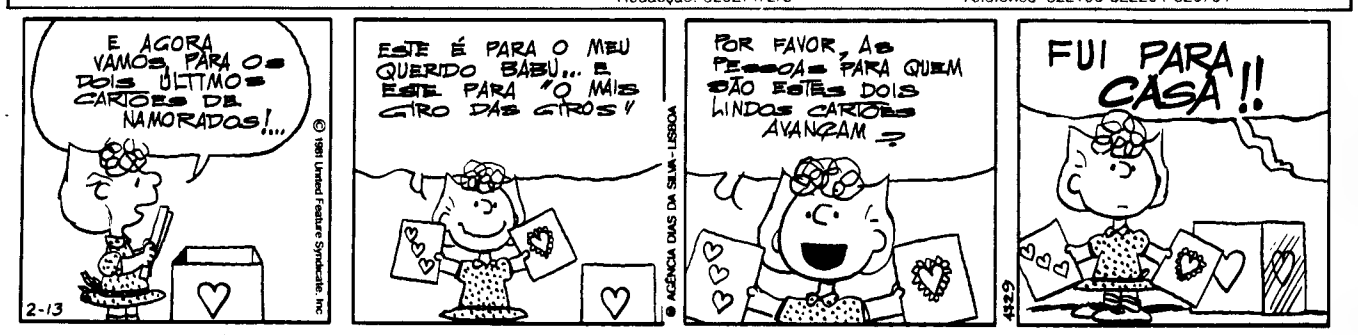
DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacçao Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro. 321154
Redacção. 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

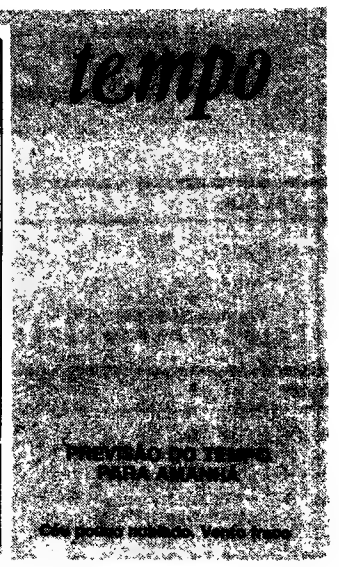
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.01 **3,8 m** 11.36 **1,4 m**
18.25 **3,6 m** 23.53 **1,6 m**
Dia 12
6.46 **3,6 m** 12.24 **1,7 m**
19.16 **3,3 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	9º
BRAGANÇA	6º
VILA REAL	8º
PORTO	11º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	15º
ÉVORA	12º
BEJA	12º
FARO	14º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	18º
FUNCHAL	22º



flashes

O CÍRCULO DE LEITORES anunciou esta manhã no Grémio Literário, em Lisboa, o lançamento das obras completas de Aquilino Ribeiro, 17 volumes num total de dois milhões de exemplares.

Urbano Tavares Rodrigues comentou, na ocasião, esta grande iniciativa editorial, e referiu-se a Aquilino como um mestre onde, «para além do realismo fino, há notas fantásticas e mágicas! Presente igualmente o filho do autor homenageado. Aquilino Ribeiro Machado, e numerosas personalidades.

O MINISTRO português dos Negócios Estrangeiros reafirmou ontem aos embaixadores da Alemanha Federal, Grécia e França a posição do Governo português em relação à CEE — disse hoje um porta-voz do Ministério.

Numa audiência que lhe foi solicitada por aqueles representantes diplomáticos em Lisboa, Jaime Gama foi «muito firme e voltou a sublinhar que o Governo português exige uma posição clara da CEE» quanto à possível adesão à Comunidade Económica Europeia — acrescentou o porta-voz do MNE.

Os três embaixadores solicitaram a audiência, a fim de serem esclarecidos quanto às afirmações de Jaime Gama sobre o assunto proferidas na semana passada no programa televisivo «Grande Reportagem».

A CIP CONFIRMOU esta manhã a sua intenção de pedir a declaração de inconstitucionalidade do pacote fiscal recentemente aprovado na Assembleia da República. O conselho de presidentes da organização patronal reuniu-se num hotel de Lisboa para analisar a política económica do Governo e as suas consequências na conjuntura industrial, e particularmente na construção civil e metalomecânica.

Vai-se analisar perfil do futuro presidente regional

Congresso do PSD nos Açores reúne no próximo fim-de-semana

Apreciar o perfil do candidato à presidência do Governo Regional dos Açores, é um dos pontos da ordem de trabalhos do Congresso Regional do PSD, que se realiza no próximo fim-de-semana em Ponta Delgada.

Supondo-se que o congresso não se detenha na apeciação do perfil de Mota Amaral, por de mais conhecido nos Açores e mesmo no continente, mais provável é que se venha a iniciar o processo de sucessão do actual líder açoriano, tanto à frente dm executivo regional como do próprio PSD – Açores.

A sua substituição nos Açores seria condição para voos mais altos, que podem passar pela intervenção mais activa na vida interna do PSD nacional, bem como por uma eventual preparação da sua candidatura à Presidência da República, em 1985. Alguns sectores veriam Mota Amaral como o mais elegível dos vários «herdeiros» de Ramalho Eanes.

"Afastado espectro da ruptura financeira"

Cimeira PS/PSD reclama reformas estruturais

«Está afastado o espectro da ruptura financeira» afirma-se no comunicado conjunto subscrito por delegações do PS e do PSD, que ontem se reuniram em cimeira para debater o andamento da coligação governamental.

Durante quatro horas e a partir das dez da noite, Mário Soares, Almeida Santos, Jaime Gama, Eduardo Pereira, António Campos e Walter Rosa, pelo PS, e Mota Pinto, Nuno Rodrigues dos Santos, Vítor Crespo, António Capucho, Amândio de Azevedo e Ângelo Correia, pelo PSD, analisaram na sede deste último partido, à Rua de Buenos Aires, o desenvolvimento da política governamental E sublinharam, diz-se no comunicado final, «a importância nacional das medidas já adoptadas pela coligação e tendentes a recuperar a confiança interna dos agentes económicos e a credibilidade externa global da economia portuguesa».

No entanto, acordaram também na necessidade de o Governo, de que quase todos os participantes na cimeira fazem parte, complementar as «medidas conjunturais de estabilização financeira com as adequadas reformas estruturais visando a urgente modernização do sistema económico».

Os dois partidos recomendam também aos seus deputados «um empenhamento activo e solidário» nos trabalhos da futura sessão legislativa, mas não fizeram nenhuma referência directa à questão das eleições adiadas do Conselho Superior de Defesa Nacional e do Conselho de Comunicação Social.

O comunicado conjunto, depois de criticar a oposição, tanto do PCP como do CDS, regista as congratulações da cimeira pela visita a Portugal do presidente Samora Machel e pela atribuição do Prémio Nobel da Paz a Lech Walesa.

"Fidelidade à NATO" pois a URSS a "todos ameaça..."

— promete Mota Pinto

«A fidelidade à NATO» é uma «coordenada fundamental da política portuguesa» – declarou esta manhã o vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Mota Pinto, ao investir o coronel Gonçalves Ribeiro como presidente da delegação portuguesa no Alto Comité de Planeamento de Emergência Civil da NATO.

Sintonizado claramente com as posições dos «falcões» da Aliança Atlântica, designadamente os norte-americanos, o ex-prof. de Direito Civil na Universidade de Coimbra visou particularmente os «arautos dos consensos, negociações, desarmamento e paz» insinuando serem as suas declarações «expedientes» ou «pretextos» de «amolecimento e cedência ocidental» ou «forma inconsciente ou púdica de capitulação».

«Cabe-nos a nós, portugueses – disse noutro ponto o vice-primeiro-ministro – antes do mais, e principalmente, dotarmo-nos dos meios adequados à defesa de Portugal. Seria, todavia, cegueira não ver que só a solidariedade, no vasto quadro de uma aliança atlântica forte e firme, é dissuasor das ambições expansionistas do Pacto de Varsóvia, designadamente da União Soviética, que a todos ameaçam».

«Em poucos meses...»

Mota Pinto manifestou depois o seu «profundo agrado e aplauso» pelo «realismo» como a NATO «vem reagindo ao poderio militar da URSS» e pela «crescente atenção aos movimentos que pretendem minar a sua retaguarda».

Satisfação mostrou ainda Mota Pinto por ter terminado o período do controlo da Defesa Nacional pelos militares, em virtude da revisão constitucional e da «firme decisão do Executivo, que é consequentemente democrático, de fazer coincidir a realidade e a lei, as palavras e os actos» e «clarificar, até ao fim, todas as situações ambíguas, indefinidas ou menos transparentes».

O ministro da Defesa aludiu ainda à «valorização do sentimento nacional» e à «educação cívica» como «componentes civis de uma política de defesa nacional».

No início da sua intervenção, Mota Pinto fez considerações sobre a situação económica do País. Disse que o Governo é «norteado pelo alto propósito» de «criar condições para que todos tenham um nível de vida digno» e que «em poucos meses, venceu, já, a situação de emergência em que o País se encontrava...».

teatro da Cornucópia
2 espectáculos em alternância
NOVAS PERSPECTIVAS
de Franz-Xaver Kroetz
Sáb. às 21.30 — Dom. às 17 h e 3.ª feira às 21.30
MARIANA ESPERA CASAMENTO
de Jean Paul Wenzel
4.ªs, 5.ªs e 6.ªs feiras às 21.30
ATENÇÃO: SÓ ATÉ DIA 23
Teatro do Bairro Alto
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 — Lisboa
Telf. 66 15 15/66 92 05

Detidos mais três traficantes de droga ligados às redes de Braga e Amarante

Encontram-se já detidos em Custoias, sem admissão de caução três traficantes de droga que a Polícia Judiciária logrou capturar no Porto, na sequência do desmantelamento de uma rede que tinha o seu «quartel-general» numa quinta em Amarante.

Os detidos são José Raul Laidley, Fernando de Azevedo Marques e Paulo Ribeiro de Azuaga, dependentes de outro grupo que actuava nas imediações de Amarante, e cujos «cérebros» eram Jaime Borges Dias e Clara Pinto Ribeiro de Azuaga (irmã de Paulo Azuaga).

A propósito de ligações, cabe aqui referir que o José Raul Laidley, é irmão de uma jovem do mesmo apelido que a semana passada foi detida juntamente com mais dois indivíduos dentro de uma viatura estacionada na Rua Morgado de Mateus, em Braga, quando tinha em seu poder uma quantidade apreciável de haxixe. Tal como noticiámos, a jovem foi apresentada pelo pelotão de segurança da PSP nos juízos de instrução criminal, onde a captura foi confirmada, pelo que seguiu para Custoias. Os dois irmãos Laidley pertencem, como então tivemos oportunidade de dizer, ao actual comandante da PSP de Braga – são enteados – situação que não obstou à captura de ambos, quer por parte da PSP, quer no que diz respeito à Polícia Judiciária.

Na sequência das investigações realizadas pela PJ chegou-se à conclusão que o trio agora preso tinha como zona preferencial de actuação a praça Marquês de Pombal e a Rua da Constituição. Sobretudo através do Fernando Azevedo Marques, já que José Raul Laidley costumava levar a «clientela» até sua própria casa, para a abastecer de haxixe e heroína.

Apurou-se, por outro lado, que a droga comercializada pelo trio era proveniente de Marrocos, onde o casal de Amarante a ia buscar, umas vezes sozinho, outras acompanhado. Excepto quando o abastecimento era feito por dois indivíduos de Lisboa, referenciados pela Judiciária pelos apelidos de Tavares e Castanheira. Para além destas capturas, os investigadores apreenderam uma quantidade apreciável de droga e material próprio para a sua preparação, pesagem e venda, a exemplo, do que havia acontecido na quinta de Amarante, onde, apesar do acesso difícil, os homens da PJ fizeram uma boa «colheita».

Samora-Soares

O encontro que esta tarde se realiza em Nafarros entre Mário Soares e Samora Machel poderá representar um passo importante na conclusão das negociações que têm estado a decorrer a nível técnico entre delegações portuguesas e moçambicanas.

Espera-se que aí venham a ser lançadas algumas pontes concretas que permitam dar corpo a algumas das ideias que vêm sendo desenvolvidas no domínio da intensificação da cooperação entre os dois países.

Segundo fontes a que o «DL» teve acesso participam no almoço e nas negociações que se lhe seguirão, além de Samora e Soares, o ministro Almeida Santos e o seu homólogo moçambicano, com responsabilidade na área do Plano, Jacinto Veloso. Presente estará igualmente Aquino de Bragança que teve aliás um apapel de relevo na preparação deste encontro qualificado de «não protocolar» e que foi incluído no programa da visita na sequência de contactos e negociações que desenvolveu em Lisboa pouco antes da chegada de Samora.

Da parte moçambicana parece haver algum optimismo quanto à possibilidade de entrarmos finalmente numa fase de cooperação eficaz, julgando-se que para isso tenha contribuído o discurso ontem proferido por Mário Soares no Palácio de Sintra (ver notícia noutro local). Nesta perspectiva está já assente que alguns membros da comitiva do presidente moçambicano deverão ficar em Lisboa durante 48 horas após a partida de Samora, para acertar agulhas e ultimar negociações.

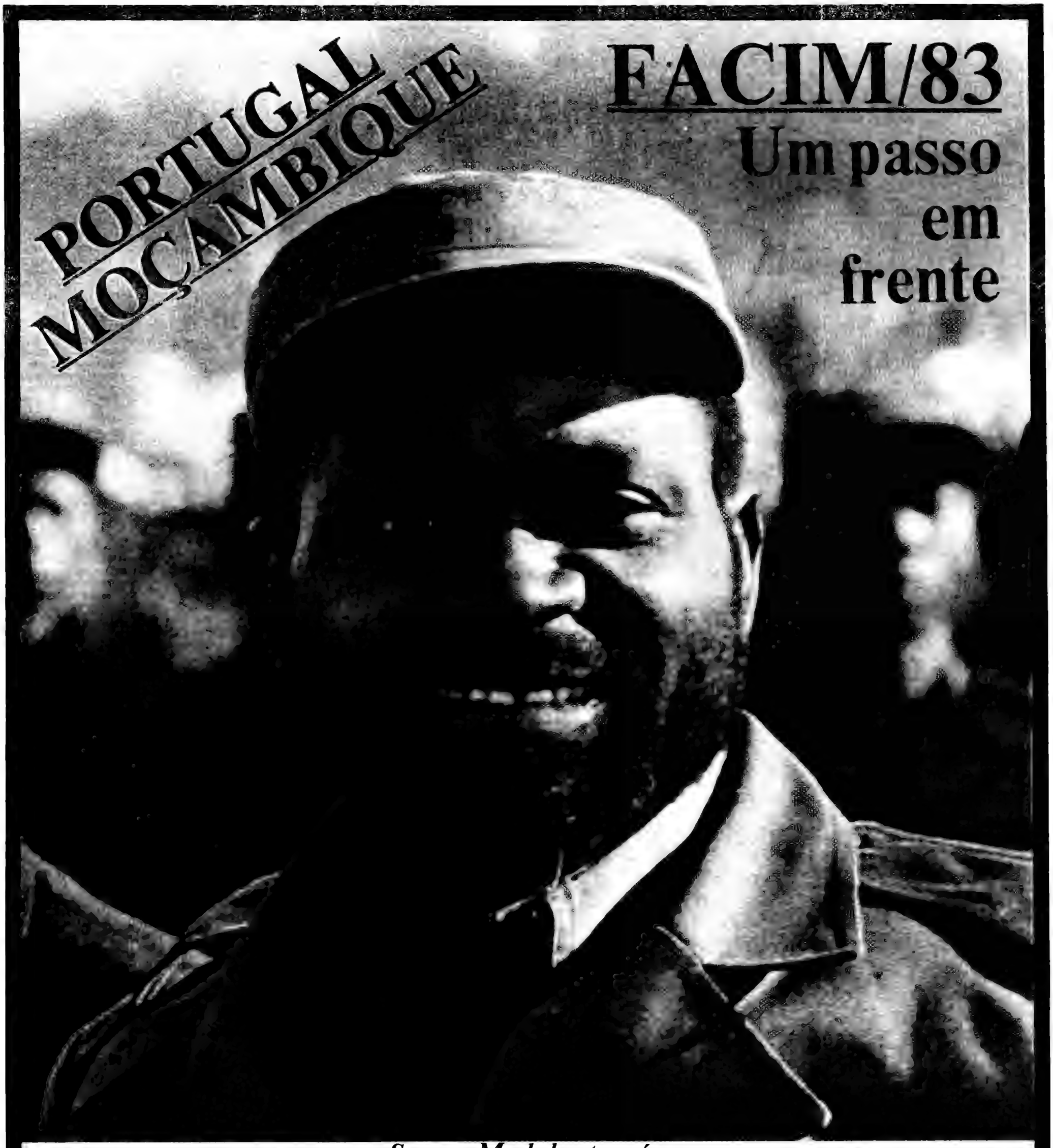
Entretanto está a decorrer à hora do fecho desta edição um outro encontro que poderá contribuir igualmente para o desbravamento de algumas dificuldades existentes no relacionamento entre os dois países. Nesse encontro participam além dos ministros dos estrangeiros, Jaime Gama e Joaquim Chissano, o ministro governador do Banco de Moçambique, Prakash Ratilal. Em foco poderão estar, nomeadamente, aspectos relacionados com a concepção do governo português acerca do financiamento das exportações portuguesas para Moçambique.

Nos meios ligados à visita do presidente moçambicano diz-se com alguma segurança, e não sem lógica, que *depois de tudo aquilo a que temos estado a assistir não é crível que Samora parta de mãos a abanar.* Significa isto que há grandes possibilidades de o governo de Soares vir a subscrever a opinião daqueles que entendem que quem quer penetrar nos mercados do Tereiro Mundo, sejam eles quais forem, têm de proporcionar aos seus parceiros condições financeiras competitivas.

Reportagem nas págs. 4 e 5

PORTUGAL MOÇAMBIQUE

FACIM/83
Um passo em frente



Samora Machel entre nós

Clarividência económica e vontade política

As relações de Portugal com Moçambique vivem neste momento um dos seus momentos mais promissores e de maior entusiasmo, com a visita do presidente Samora Machel ao nosso país, que amanhã termina.

Os próximos meses dirão se as enormes expectativas criadas em torno deste histórico acontecimento terão ou não uma tradução concreta, em termos de efectivo estreitamento das relações, designadamente económicas, entre os dois países.

Um primeiro indicador dos resultados da vinda do presidente moçambicano a Portugal deverá surgir dentro de muito pouco tempo na sequência da reunião especial que proximamente se realizará em Maputo entre delegados do Banco de Portugal e do Banco de Moçambique. Nessa altura ficar-se-á a saber até onde foi de facto a vontade política e a clarividência económica dos nossos governantes.

Ficar-se-á a saber se vingaram as posições daqueles que já perceberam que o nosso futuro está muito mais nas relações com África, e em particular com a República Popular de Moçambique, do que no eldorado falido da CEE; ou se fizeram vencimento as teses daqueles que proclamam que não temos vocação para «doadores de linhas de crédito».

Dos termos do acordo relativo ao financiamento das exportações portuguesas para a RPM, que substituirá aquele que está em vigor até 31 de Dezembro, dependerá certamente a manutenção do vertiginoso acréscimo registado nas vendas portuguesas para Moçambique no ano passado e neste ano.

Desse acordo, cujos traços gerais já deverão estar decididos e negociados neste momento, mas também da capacidade demonstrada por ambas as partes para ultrapassar os bloqueamentos actualmente existentes e que impedem a concretização de inúmeras iniciativas e de projectos potencial e mutuamente frutuosos, de tudo isso – que é acima de tudo clarividência e vontade política – dependerá a passagem para o domínio das obras e dos actos das muitas e belas palavras que ouvimos nos últimos dias.

Oxalá que a forma extraordinária como está a decorrer a visita do presidente Samora Machel, desse grande amigo dos portugueses, seja o prenúncio de grandes realizações comuns e início de uma nova era nas relações de Portugal com Moçambique.

Que a miopia política e as vistas curtas dos responsáveis da nossa economia não nos façam perder mais uma oportunidade que outros já estão a agarrar de ambas as mãos!

FACIM/83

Uma porta aberta para Moçambique

A maior parte das empresas que se deslocaram a Maputo já o sabiam: **«a FACIM não é feira para passar por lá e vender de imediato.»**

Mas como mais uma vez ficou demonstrado, ela é uma **«porta aberta».**

Desiludidos, desiludidos, tanto quanto permitiram apurar os nossos contactos, só regressaram os que lá foram e não conheciam aquela defenição do que ela não é e que nos foi dada por um **«habitué».**

Na verdade, das 108 empresas portuguesas presentes (40% das quais pela primeira vez), apenas umas quatro assinaram contratos de exportação (linhas de coser, válvulas, sacos de rafia e medicamentos), no valor total de quase um milhão de dólares, no decurso da feira.

Em sentido inverso, houve três que adquiriram sisal e algodão no valor de cerca de 2 milhões de dólares.

Entretanto, dezenas de empresas de todos os ramos encetaram numerosíssimos contactos e avançaram na negociação de muitos contratos que dentro em breve poderão vir a ser firmados. Mas isso apenas se o novo acordo, entre o Banco de Portugal e o Banco de Moçambique, para o financiamento das exportações portuguesas for incluído em breve e em bem... «Se não batatas», dizia-nos um desses industriais que estão **«pendurados»** do acordo.

Segundo as informações obtidas e as contas feitas por um dos tais **«habitués»** da FACIM, se não houvesse todos os problemas que há, nomeadamente com a COSEC — a esse propósito ver notícia noutro local — e com o esgotamento parcial da linha de crédito, as vendas portuguesas teriam atingido os 50 milhões de dólares durante o certame.

De qualquer modo muitos dos negócios iniciados ficaram **«apalavrados»** e têm grandes hipóteses de vir a concretizar-se nos próximos meses. Muitos outros dependem apenas das condições de financimento que o próximo acordo venha a determinar...

Ao fim e ao cabo as vendas portuguesas feitas directamente na FACIM parecem ter-se limitado àquelas que, por razões especiais, estavam fora de âmbito do acordo financeiro e não levantam dificuldades de financiamento.

Cooperação técnica

No entanto, um outro aspecto que tende a assumir cada vez mais relevo na FACIM — dadas as orientações políticas e económicas da FRELIMO e do governo de Maputo — tem a ver com os contactos mais profundos que várias empresas têm vindo a desenvolver, no sentido do estabelecimento de formas de cooperação que vão além da compra de produtos e serviços.

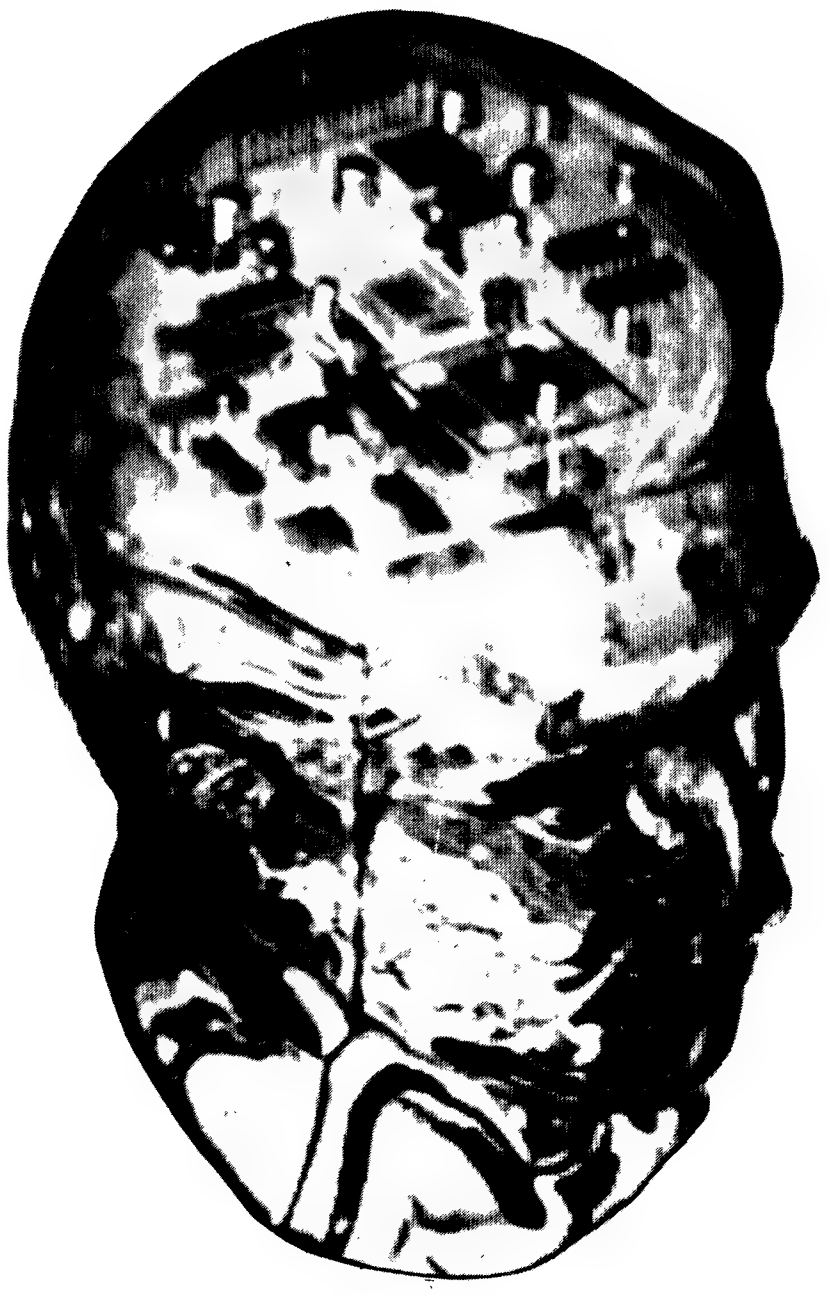
Trata-se de projectos que começam a ganhar corpo e que se relacionam com a constituição de sociedades de capitais mistos, com a celebração de contratos de assistência técnica e de prestação de certos tipos de serviços etc.

Seja como fôr, e apesar dos esforços feitos por Moçambique para limitar tanto quanto possível as suas importações, uma coisa ficou novamente patente: a FACIM continua a ser a ocasião ideal para todos aqueles que pretendem entrar no mercado moçambicano, por uma forma ou por outra.

A prová-lo estão os negócios feitos, ou encetados, por alguns países que se apresentaram em Maputo com representação muito menos numerosas que a nossa, com pavilhões muito menos recheados e, sobretudo, com produtos muito menos adequados às necessidades de Moçambique.

Uma outra faceta desta verdade ficou igualmente provada com a inexistência de um único contrato de exportação assinado com um dos maiores parceiros comerciais da RPM que é a Itália.

A FACIM é isso mesmo, uma grande porta para o mercado moçambicano, mas uma porta onde os negócios concluídos não são o mais importante...



PENSAMOS TECNOLOGIA

A Standard Eléctrica saúda o povo da República Popular de Moçambique pela realização da FACIM/83 e felicita os seus organizadores pela maneira dignificante como este certame projecta para o mundo a imagem de um País francamente voltado para o futuro.

Ao abrir uma Delegação no Maputo, a Standard Eléctrica regozija-se pela oportunidade que lhe é dada em se associar a Moçambique no seu esforço de progresso, contribuindo com um vasto manancial tecnológico e uma equipa de trabalhadores altamente qualificados cuja actividade muito contribuirá para o estreitamento dos laços de cooperação já existentes, nomeadamente no intercâmbio de conhecimentos e formação de novos quadros técnicos.

SISTEMA

Standard Eléctrica, s.a.r.l.
uma associada portuguesa da ITT

Financiar as exportações não é dar nada a ninguém

- afirmou ao "DL" o director do ICEP para África

«A situação do comércio internacional é tal, neste momento, a concorrência é tão forte, que as condições de financiamento que possamos oferecer são fundamentais» para a conquista de novas posições, afirmou ao «DL» o director de departamentos de mercados do ICEP. Martins Correia acrescentou-nos que **«quando vendemos a Moçambique, seja a crédito ou não, não estamos a dar nada a ninguém, nem estamos a oferecer condições que outros países não ofereçam a Moçambique ou a outros países.»**

Segundo a mesma fonte, quem quer que pretenda exportar para os países em vias de desenvolvimento tem que lhes proporcionar os financiamentos necessários ou então não exporta.

Quanto ao mercado moçambicano a questão parece pôr-se exactamente nesses termos. É que, neste momento, pelo menos os italianos, os franceses e os suecos dispõem de linhas de crédito e outras condições de financiamento para oferecer a Moçambique que são muito mais vantajosas do que aquelas que os portugueses têm ao seu alcance.

A única conclusão que se pode tirar é aquela que tira o dr. Martins Correia: **«Ou conseguimos agora conquistar o mercado moçambicano ou depressa os outros aprendem a língua e a forma de trabalhar com os moçambicanos.»**

Como nos sublinhou aquele responsável do ICEP: **«o nosso prazo é curto»**. O problema, disse, é que **«nós portugueses somos especialistas é em Moçambique e não em exportação»**. Ou seja, quando os especialistas em exportação se transformarem em especialistas em Moçambique os nossos trunfos cairão em grande parte por terra.

Escritórios em Moçambique

A realidade actual mostra aliás que esse processo já está em curso de realização. **«Não é por acaso que numerosas sociedades internacionais já têm escritórios abertos em Moçambique»**, disse-nos em Maputo um industrial do Norte que acrescentou: **«e olhe que não são novatos que eles para cá mandam, são homens rodados e com larga experiência neste tipo de mercados.»**

Mas voltando aos financiamentos, perguntámos ao dr. Martins Correia quais as principais dificuldades com que se defrontavam as relações comerciais entre Portugal e Moçambique. Segundo, nos disse, **«o principal bloqueamento está na nossa fraca capacidade financeira para criar as linhas de crédito desejadas pela R.P.M. e pelos exportadores portugueses.»**

Conforme nos sublinhou, os inúmeros contactos efectuados entre as duas partes nos últimos dois anos criaram um entendimento quase perfeito, que permitiria ir muito mais além no nível das nossas relações, desde que houvesse meios financeiros para tal.

A ultrapassagem desta situação no entanto só pode ser fruto de decisões políticas. Mas essa é uma questão de prioridades sobre as quais o director do ICEP não se quis pronunciar.

Sobre as perspectivas existentes o dr. Martins Correia disse-nos que, para lá do incremento das trocas comerciais, Portugal tem significativas vantagens em relação a terceiros países no que respeita a cooperação tecnológica. Por um lado possuímos uma tecnologia menos sofisticada e por isso mais adaptada a Moçambique. Por outro lado temos todas as vantagens que advêm do facto de termos uma língua comum, de nos conhecermos bem...

Mas Portugal tem também algumas vantagens no que respeita aos bens de consumo destinados aos camponeses. As autoridades moçambicanas procuram actualmente intensificar o abastecimento das populações rurais com esses bens de troca — por forma a criar estímulos à produção agrícola — e têm rvelado uma notória preferência pela oferta portuguesa, que está especialmente vocacionada para responder àquele tipo de necessidades.

No ano passado foi mesmo posto em vigor um sistema de apoio às exportações desses bens, à margem do acordo financeiro entre o Banco de Portugal e o Banco de Moçambique.

Face às actuais restrições financeiras a hipótese de prosseguir com esse tipo de apoios foi este ano posta de parte...

FACIM melhorou

Quanto à FACIM propriamente dita, o director do ICEP foi da opinião que ela melhorou bastante em relação a anos anteriores. «Melhorou em termos organizativos e em termos de contactos estabelecidos entre os nossos expositores e as entidades moçambicanas.» Para tal contou não apenas a acção do ICEP como **«o excelente apoio que nos foi dado pela direcção da FACIM»**.

Um outro elemento importante foi a directiva oficial que obrigou as empresas estatais responsáveis pelas importações moçambicanas a estarem presentes no próprio recinto da feira, o que facilitou muito as coisas, dadas as conhecidas dificuldades de transportes que se verificam na cidade.

Em relação aos resultados concretos da presença portuguesa no certame, o dr. Martins Correia disse-nos que **«a situação em que se realizou a FACIM/83 foi totalmente diferente da do ano passado.»** Com efeito, explicou, no ano passado a linha de crédito estabelecida pelo acordo financeiro estava em pleno funcionamento e este ano ela estava praticamente esgotada.

Por esta razão enquanto o ano passado as vendas contratadas ascenderam a perto de 50 milhões de dólares, este ano não foram além de um milhão, por não haver qualquer hipótese de financiamento.

No entanto, caso se venham a concretizar as perspectivas de assinatura do próximo acordo, em termos realistas, será possível concluir, a breve trecho importantes negócios cujas negociações foram encetadas durante a feira.

Cooperação técnica

Mas além das exportações das mais diversas mercadorias, existe uma grande expectativa relativamente às diferentesw hipóteses de cooperação técnica que têm vindo a ver estudadas desde há algum tempo e a algumas outras que surgiram na própria FACIM.

Existe neste momento vários projectos do domínio do calçado, das indústrias metalo mecânicas ligeiras, dos prefabricados, e dos transportes. Concretamente, revelaram outras fontes ao «DL» sabe-se que empresas como a Galucho, a Salvador Caetano, a Utic, a MetaloVouga, a Nova Godova e certamente outras, têm ideias mais ou menos definidas e projectos mais ou menos avançados no domínio da cooperação técnica. Esses projectos poderão traduzir-se, designadamente, em empresas mistas ou em contratos de transferência de tecnologia.

Por outro lado sabe-se igualmente que um conjunto de empresas do Norte (Coelima, Riopele, Somelos, Quintas & Quintas e Empresa Industrial de Santo Tirso) tem em fase de constituição uma empresa mista (juntamente com uma empresa estatal moçambicana), que deverá dar corpo a um importante projecto agro-industrial que ocpuará uma área de 100 mil hectares de cultivo.

Uma outra ideia que poderá vir a ter grande importância é a da constituição de uma empresa mista entre Portugal e Moçambique que se destinará à comercialização de produtos moçambicaos em Portugal e na Europa e de produtos portugueses em Moçambique e nos países do SADCC.

SABEMOS CONJUGAR
TRÊS VERBOS MUITO IMPORTANTES:

sonante

A nossa comprovada, e cada vez maior, capacidade industrial, permite-nos que continuemos a ser
o primeiro fabricante nacional de autocarros
Salvador Caetano

FACIM/83

Empresários portugueses já compreenderam

- afirmou ao "DL" o director geral da FACIM

Na opinião do director-geral da FACIM, Jaime Levi, o pavilhão português da FACIM/83 apresentou 60 a 70% de produtos que correspondem às necessidades e às prioridades imediatas de Moçambique. Numa entrevista ao «DL», aquele responsável sublinhou a sua convicção de que a visita do presidente Samora Machel a Portugal, que amanhã termina, será decisiva para a concretização de muitos contratos negociados durante o certame. Na sua opinião, os empresários portugueses estão cada vez mais conscientes do tipo de negócios que podem fazer com Moçambique e a forma como decorreu a FACIM/83 é a prova disso.

«DL» – Senhor director, o valor das compras feitas por Moçambique a expositores estrangeiros durante esta FACIM/83 eleva-se a cerca de 20 milhões de dólares. No que respeita a Portugal o número de contratos assinados é contudo bastante reduzido. Quererá isso dizer que estamos perante uma nova diminuição do nível das relações económicas entre os nossos dois países?

Jaime Levi – «Não, o que se passa, por um lado, é que o número de contratos muitas vezes não corresponde ao seu valor. Isto é, podemos assinar dois contratos e eles valerem seis milhões de dólares, e podemos firmar dez e eles valerem apenas quatro milhões. Por outro lado, acontece que o interesse da FACIM. não se mede apenas pelos contratos. O número destes e o seu valor pode ter sido reduzido, mas os contactos prosseguem e esperamos que o volume final dos negócios efectuados venha a ser muito grande.

De facto, esta feira proporcionou imensos contactos (nomeadamente durante os dias comerciais em que ela não esteve aberta ao público) entre os compradores moçambicanos e os expositores portugueses. Muitos deles mostraram-se prometedores, pelo que podemos concluir que as nossas relações comerciais com Portugal estão a avançar.

Como frisou sua excelência o Presidente da República quando visitou o pavilhão português *(«eu vou lá em Outubro e vamos desbloquear aqueles canais que estão a ficar obstruídos»)*, estamos seguros que muitos dos problemas que têm surgido vão ser resolvidos.»

«DL» – Significa isso que existem numerosas hipóteses de negócios que não se concretizaram agora mas que se realizarão logo no campo dos financiamentos e dos seguros de crédito?

JL – «Muito seguramente que sim. Muitas vezes nós dizemos que a feira não é só o fecho de contratos, mas, sobretudo, início de contactos que se prolongam posteriormente, e que possibilitam depois a realização de muitos negócios. Por isso temos essa esperança e confiança até, de que teremos muitos outros contratos assinados proximamente.»

Responder às necessidades

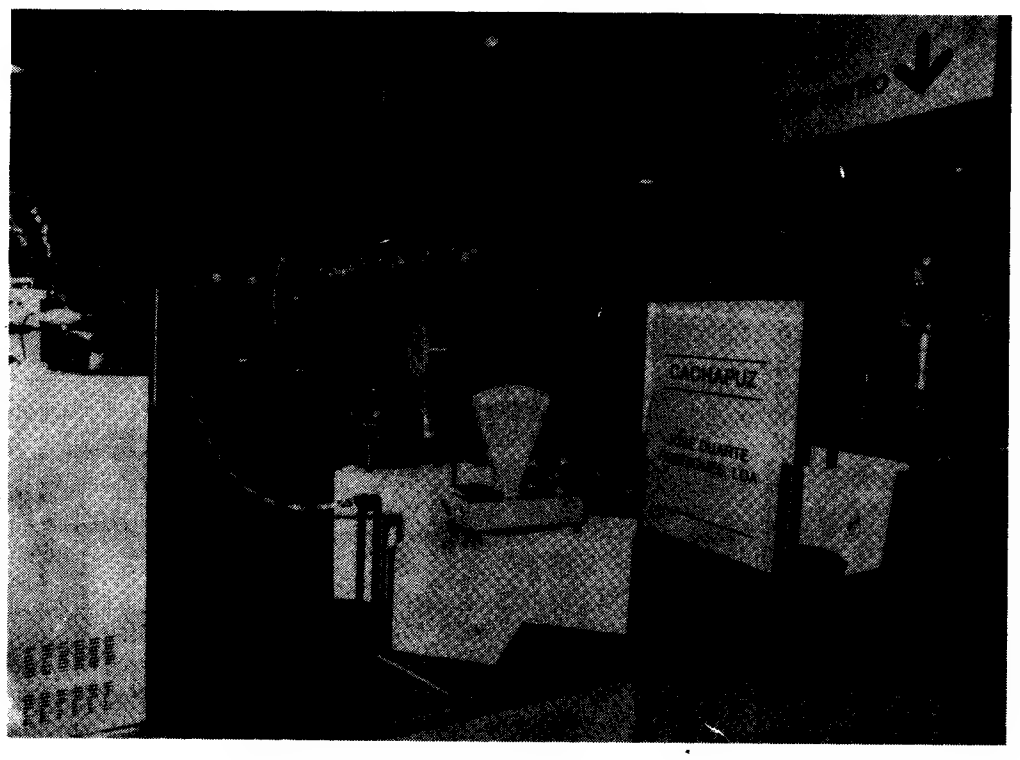
«DL» – Como é que avalia a presença portuguesa na FACIM/83 em relação à FACIM/83.

JL – «Na FACIM/82 tivemos aqui um grande número de empresários portugueses, mas não tantos como desta vez. Também no que respeita ao tipo de exposição que trouxeram desta vez, pensamos que ele corresponde mais de perto às necessidades reais de Moçambique. Quer isto dizer que o expositor português, depois de ter estado em força no ano passado, conseeguiu acertar nos produtos que nos poderiam interessar. Em vez de trazer grandes projectos de futuro trouxe projectos de resolução imediata dos problemas.

Um outro aspecto importante é que os portugueses vieram este ano muito mais abertos para invstir na produção desses produtos aqui no país, como foi, por exemplo, o caso do Salvador Caetano e da UTIC, no que res-

CACHAPUZ

O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR PORTUGUÊS
DE EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM



PORMENOR DO STAND CACHAPUZ NA «FACIM 82»

EXPORTADOR PARA:
MOÇAMBIQUE ● ARGÉLIA ● ANGOLA ● CUBA ● BENIM ● MARROCOS ● VENEZUELA ● ARÁBIA SAUDITA ● CABO VERDE ● BAHREIN ● COMORES ● EQUADOR ● GUINÉ-BISSAU ● ZAIRE

JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.
TELEF: 73604/73606/73624 ● Telex: 32125 CAXPUZ P
APARTADO 12 – 4701 BRAGA CODEX (PORTUGAL)

A presença de Portugal: de tudo um pouco

A representação portuguesa na XIX edição da Feira Internacional de Maputo (FACIM/83) voltou a ser a mais numerosa e variada de todas as representações estrangeiras. Com os seus 108 expositores (num total de 684, vindos de 17 países) – além de uma meia dúzia de outras empresas que se apresentaram em 'stands' próprios – o nosso pavilhão exibiu uma vasta gama de produtos e serviços pertencentes a 10 sectores da actividade.

No total, a área coberta ocupada pelas empresas portuguesas atingiu os 1200 metros quadrados, havendo ainda a acrescentar-lhe 150 metros quadrados no exterior e os pavilhões em que algumas se apresentaram individualmente.

Os 108 expositores presentes (ligeiramente menos que no ano passado, em que se deslocaram a Maputo 136 firmas) distribuiram-se pelos seguintes sectores: casa e hotelaria, material didáctico e de escritório, material de construção, agro-pecuária, material de transporte, bens de equipamento, construções e obras públicas, têxteis, confecções, calçado e couro, serviços, e produtos alimentares e bebidas.

O sector mais representado foi sem dúvida o dos bens de equipamento, com 34 presenças, seguido do dos serviços, dos produtos alimentares e bebidas e dos têxteis, confecções, calçado e couro, respectivamente com 19, 17 e 16 empresas.

o ramo da construção civil e obras públicas seguiu-se-lhes com 13 expositores, mas com a particularidade de estarem todos incluídos no 'stand' da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS).

Este ano foi o segundo consecutivo em que tal representação colectiva se concretizou, em resposta aliás a uma sugestão do Instituto do Comércio Externo Português feito também a outras empresas do mesmo tipo. De acordo com fontes daquela associação empresarial, a experiência foi bem sucedida no ano anterior, razão pela qual a ideia foi de novo posta em prática.

Quanto às outras representações estrangeiras (684 expositores contra 449 em 82), os países presentes eram os seguintes: Zimbabwe, Malawi, Tanzânia, Angola, Quénia, Argélia, Suazilândia, Suécia, RFA, União Soviética, Grã-Bretanha, Checoslováquia, Itália, Brasil e França.

O pavilhão da Suécia obteve o primeiro prémio, o de Portugal o segundo e o da RDA o terceiro.

Paralelamente às 17 representações estrangeiras assinaladas, refira-se ainda a presença de um pavilhão «independente» da Região Autónoma dos Açores – cujo responsável o encerrou propositadamente (segundo afirmou em público) minutos antes do ministro Almeida Santos lá se ter deslocado para o visitar – e um pavilhão de Macau, cujo governador, Almirante Almeida Costa, aproveitou a ocasião para enviar a Samora Machel um magnífico biombo chinês.

No total, a FACIM que no próximo ano comemorará o seu vigésimo aniversário ocupa 72 500 metros quadrados, 50% dos quais são de área coberta.

... as nossas necessidades e prioridades

Jaime Levi, director-geral da FACIM

peita à montagem de autocarros.

Isto mostra que os empresários portugueses perceberam qual é a nossa política, o que é que nos preocupa mais. Não é importar eternamente, mas importar como solução imediata e com a perspectiva de nós próprios virmos a produzir esses produtos.»

«DL» – O vosso objectivo é portanto importar apenas o essencial e fabricar cá o maior número possível de bens que agora importam.

JL – «Exactamente, essa é de facto a posição de todos os países e a nossa mais, do que a de ninguém.»

O frio e o degelo

«DL» – E no que respeita às exportações de Moçambique para Portugal, a situação está a evoluir de acordo com as perspectivas moçambicanas?

JL – «Sem dúvida que sim. Este frio que durante algum tempo existiu entre Portugal e Moçambique era normal e as coisas desbloquearam-se muito com a visita de Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa ao nosso país. Como disse na altura o nosso presidente essa viagem foi um verdadeiro quebra gelo. Na verdade, derreteram-se todas as dificuldades (porque quando o gelo parte entra o calor), e as nossas exportações para Portugal estão a subir e a diversificar-se, assim como o estão as de Portugal para Moçambique.»

«DL» – No próximo ano a FACIM comemora o seu vigésimo anivesário. Nesse sentido foi feito uma apelo aos expositores estrangeiros para que cá estejam de novo com «novos produtos e novas ideias». E da parte da FACIM, como é que as coisas se vão passar? Será um certame diferente?

JL – «Sendo o vigésimo aniversário é um ano de festa. Não é meio século, mas estaremos lá perto. Por isso, a nossa ideia é que a própria feira, a sua organização, participe na edição do próximo ano. Isto é, nós iremos tentar reunir em documentos toda a informação sobre o crescimento da FACIM, desde o seu nascimento até à independência e desde a independência até agora.

Isso implicará a existência de um pavilhão próprio da FACIM onde apresentaremos essa retrospectiva. Daí o apelo feito a todos os expositores nacionais e estrangeiros para que também tenham nos seus pavilhões um pouco da história da sua participação na FACIM.»

«DL» – Senhor director-geral, em vésperas do encerramento da FACIM/83 considera-se satisfeito pela forma como ela decorreu, nomeadamente com a participação portuguesa?

JL – «Dado que este ano tivemos menos problemas em termos organizativos e que os expositores não nos levantaram grandes problemas, isso significa que pudemos satisfazer em parte as necessidades mínimas, criando condições para que o expositor se sinta melhor.»

Resultados satisfatórios

«No caso dos expositores portugueses, penso que eles compreendem melhor a nossa situação. Alguns já cá estiveram e quando regressam encontram isto um pouco mais crescido, em termos de feiras. De qualquer modo, penso que as dificuldades que ainda se levantam não são tão insoluvéis para as duas partes.

Na realidade, como sublinhou sua excelência o senhor ministro do Comércio Externo, estamos todos bem impressionados e muito satisfeitos com os resultados e com a forma como decorreu a edição de 1983 da FACIM.»

«DL» – Uma última pergunta, acha que Portugal já tem neste momento uma presença na FACIM à altura daquilo que Portugal deve ser nas relações económicas com Moçambique?

JL – «Penso que, tirando uma ou outra situação, Portugal conhece melhor o que é que Moçambique precisa. Para o desenvolvimento das nossas relações comerciais é necessário auscultar e verificar ainda melhor as necessidades do próprio mercado e, com base nisso, preparar essa presença. Portugal fez um pouco isto.

Não há dúvida que havia no pavilhão português algumas coisas que para nós não são prioritárias, mas, no conjunto, julgo que uns 60 a 70% dos produtos aí expostos correspondem aquilo que Moçambique precisa de imediato para a solução dos seus problemas.

Trouxeram enchadas, materiais para o desenvolvimento da agricultura, para a pesca, para a construção civil. Tudo isto são coisas que de imediato nos podem resolver os problemas principais, quer no sector da habitação, quer para liquidar a fome, etc.»

A recuperação de máquinas e dos mais diversos equipamentos é um dos sectores em que a cooperação luso-moçambicana se poderá desenvolver proximamente

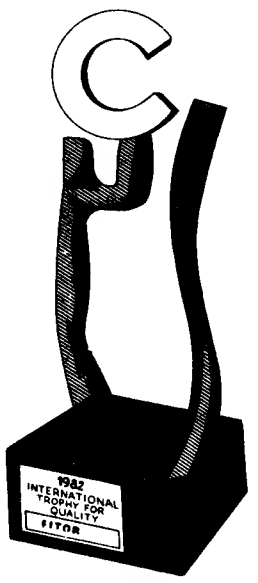
«Notícias» de Maputo

Todas as fotografias incluídas neste suplemento, à excepção das da primeira página, foram-nos amavelmente cedidas pelo jornal «Notícias» de Maputo, a quem agradecemos.

TEXTEIS FITOR® ARTIFICIAIS

FITOR

COMPANHIA PORTUGUESA DE TEXTURIZAÇÃO, SARL



O MAIOR PRODUTOR NACIONAL DE FIOS TEXTURIZADOS

POLIAMIDA – POLYESTER

DISTINGUIDA COM O TROFÉU INTERNACIONAL A QUALIDADE 1982

SAUDAMOS A VISITA A PORTUGAL DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL

APARTADO 32 - AVIDO
4761 V.N. FAMALICÃO CODEX
TELEFS. 23121/2/3/4 - TELEX: 22286 P
PORTUGAL

FACIM/83

"Sem ov

Bloqueamentos d relações económ

A conquista de novos mercados é um dos grandes objectivos de todos os países mais ou menos industrializados, sobretudo no actual contexto de crise internacional em que os compradores tradicionais se motram cada vez mais retraídos. Nesta batalha como em todas as outras, **«quem tem unhas é que toca viola»**, ou **«quem tem armas é que ganha a guerra»**... Uma condição essencial para a penetração nesses novos mercados, em particular nos países do Terceiro Mundo que se debatem com enormes problemas financeiros, é justamente a oferta de condições de financiamento competitivas. Muitas vezes, mais do que a própria competitividade dos preços jogam as vantagens das modalidades de pagamento oferecidas pelos exportadores. A República Popular de Moçambique não é uma excepção a esta regra e as suas relações económicas com Portugal estão longe de ser aquilo que poderiam e deveriam ser precisamente devido ao factor financiamento.

«Em princípio temos tudo a nosso favor», dizia-nos em Maputo um industrial português presente na FACIM. **«Oferecemos preços vantajosos, gozamos de um prestígio que mais ninguém tem em termos de conhecimento do país e das suas necessidades, somos considerados parceiros sérios no que respeita à assistência técnica e ao cumprimento dos contratos, falamos a mesma língua, temos uma longa história em comum, mas, apenas por estupidez, estamos em vias de perder o comboio de Moçambique.»**

A síntese retrata fielmente uma situação que tem sido aliás confirmada pelo inquérito que o «DL» fez junto de empresários que trabalham no mercado moçambicano e que tem estado a ser publicado nas nossas últimas edições.

E as razões porque as empresas portuguesas, a economia portuguesa, se encontram em risco de perder o tal comboio são fundamentalmente as condições de financiamento...

Algumas **«boas almas»**, como chamava o citado industrial a certos membros do Governo português, têm-se referido publicamente à nossa falta de **«vocação»** para sermos «doadores de linhas de crédito».

Ora, o que acontece é que países com uma situação económica muito menos grave que a nossa e com muito mais mercados para os seus produtos do que nós, perceberam há muito a importância de Moçambique e entenderam que o grande segredo para lá chegar está justamente nas condições de financiamento.

Assim, uma simples olhadela para as estatísticas permite ver a Itália em segundo lugar na lista dos maiores exportadores para a RPM (a seguir ao Iraque que vende essencialmente petróleo), aparecendo Portugal em quarto.

Esta uma das consequências evidentes da **«nossa falta de vocação»** para fazer aquilo qué ninguém fará por nós: financiar as nossas exportações (e **«não pensem em cooperação triangular nessa óptica, nunca se viu ninguém disposto a financiar os negócios dos outros»**, dizia-nos uma outra fonte empresarial a propósito das teses governamentais nessa matéria).

Mas mais palpável, do que um vago lugar numa lista de parceiros comerciais, é esta experiência que muitos homens de negócios portugueses tiveram mais uma vez na FACIM/83: **«face às nossas propostas, que eram consideradas pela parte moçambicana como as mais interessantes, a decisão de compra acabou por contemplar uma firma de outro país que oferecia condições de crédito mais favoráveis».**

A Companhia de Seguros de Créd tada como a responsável de muitas económicas co

Quem que boicota o quê?

Mas o mais estranho no complexo problema do financiamento das nossas exportações para Moçambique (e em geral para todos os países africanos de língua portuguesa) reside no facto de às vezes haverem disponibilidades no respeitante à linha de crédito e a Companhia de Seguros de Crédito (COSEC-EP) recusar o seguro da operação. Como tal seguro é inprescindível para que a banca comercial forneça os créditos necessários para efectivar a exportação os contratos acabam por ficar sem efeito.

A explicação deste facto reside na circunstância de a COSEC estabelecer (sem dúvida com a aprovação pelo menos tácita da Secretaria de

CONSERVA

CONSERVAS DE
PICKLES – SC

Rua Heróis de França, 405 – Te

ovos ninguém faz omeletes"

de vária ordem dificultam nicas com Moçambique

Crédito, EP, é frequentemente apon- uitas dificuldades nas nossas relações com Moçambique

dito Estado do Tesouro) um valor
uro máximo (plafond) para o total
o é dos créditos à exportação para
nca cada país que está disposta a
tos segurar. No caso de Moçambi-
ex- que esse «plafond» é extrema-
am mente reduzido situando-se
entre os 200 e os 300 milhões de
re- dólares.
a Como a linha de crédito em
dú- vigor até ao fim deste ano era de
elo apenas 125 milhões, não deve-
de ria, aparentemente, haver qual-
quer problema. Ou seja, sempre que houvesse luz verde do Banco de Portugal e do Banco de Moçambique para que a operação se realizasse, e desde que houvesse um banco comercial que fornecesse o crédito respectivo, não deveria surgir qualquer dificuldade ao nível da COSEC.

O papel da COSEC

Simplesmente uma parte das vendas portuguesas a Moçambique realiza-se através de circuitos financeiros alheios à linha de crédito. Trata-se essencialmente de produtos cuja competitividade dispensa os apoios fornecidos por essa linha, ou cujos exportadores dispõem de condições de financiamento alternativas consideradas suficientemente atractivas, nomeadamente créditos concedidos pelos bancos portugueses às próprias importadoras moçambicanas.

Os créditos concedidos para todas essas vendas são igualmente objecto de seguros junto da COSEC e o **«plafond»** esgota-se assim antes da linha de crédito estar esgotada.

Resultado: neste momento aquela empresa tem em seu poder cerca de duas dezenas de processos relativos a seguros de operações negociadas no âmbito da linha de crédito e afirma não dispor de disponibilidades para esse efeito.

Segundo fontes a que o «DL» teve acesso, alguns desses exportadores estão a receber circulares através das quais são convidados a retirar os contratos **«porque não se prevê a curto prazo o seu desbloqueamento».**

Entretanto há rumores de que Almeida Santos, o ministro que diz que **«não temos vocação para doadores de linhas de crédito»,** teria já garantido a Maputo a prioridade às operações integradas na próxima linha de crédito, no que se refere ao seguro COSEC.

A presença em Lisboa durante a visita do presidente Samora Machel do ministro governador do Banco de Moçambique, e do director do Departamento de Estrangeiro, Costa Campos, confirma que estão neste momento a ser desenvolvidos esforços para o desbloqueamento destas questões.

A nova linha de crédito

O montante da próxima linha de crédito é igualmente uma incógnita, sendo certo que há vários membros do Governo que desejariam não a ver aumentada para 150 milhões de dólares, tal como se vem a prever desde há algum tempo. No que respeita às condições, nomeadamente de prazos de crédito e de taxas de juro, julgamos saber que há no Ministério das Finanças defensores da tese da redução das facilidades concedidas pelo primeiro acordo.

Os prazos variam actualmente entre ano e meio (para bens de consumo) e 9 anos para bens de equipamento de valor superior a meio milhão de dólares, e os juros, a cargo do importador, são parcialmente bonificados pelo Fundo de Garantia de Riscos Cambiais

Um outro problema que também surge com alguma frequência é o da dificuldade que os exportadores encontram em obter créditos de longo prazo para o financeiamento das suas vendas de bens de equipamento.

Quanto à justificação do risco de crédito por vezes ouvida para explicar a insuficiência do **«plafond»** da COSEC, fontes empresariais garantem-nos que tal não tem qualquer sentido pela simples razão de que Moçambique se tem revelado bom pagador. Segundo soubemos os únicos problemas que se têm manifestado respeitam a ligeiros atrasos no pagamento dos juros de algumas operações, mas, mesmo nesses casos, a situação tem-se regularizado sem dificuldade.

AS BRANDÃO

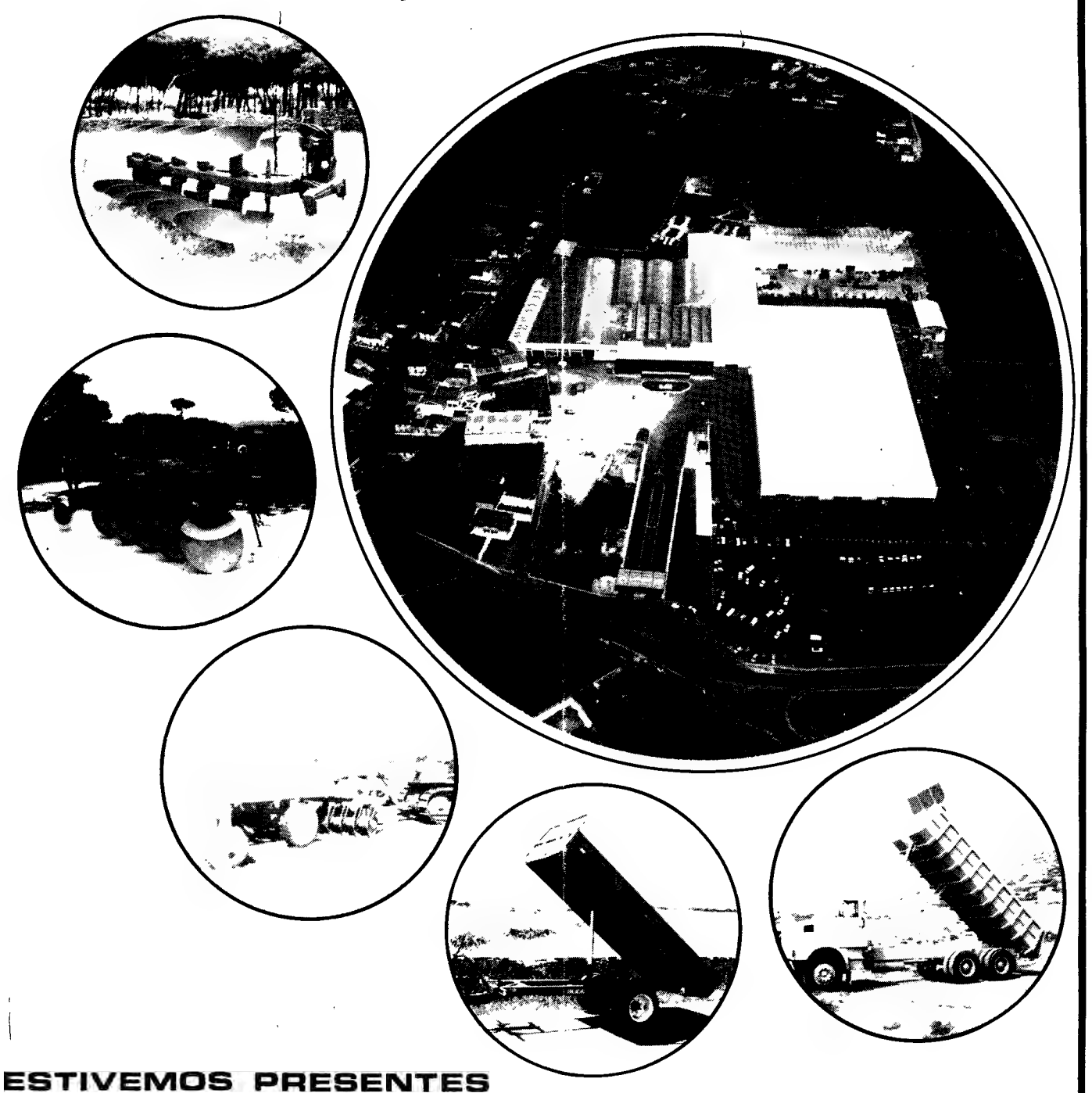
DE PEIXE E CARNE
SOPAS E CALDOS

- Telef. 932131 MATOSINHOS

FUNDADA EM 1920
GALUCHO

GALUCHO

ALFAIAS AGRÍCOLAS, REBOQUES,
CARROÇARIAS E BASCULANTES



ESTIVEMOS PRESENTES
NA FACIM/83

JOSÉ FRANCISCO JUSTINO (HERD.), LDA.
APARTADO 3 - S JOAO DAS LAMPAS - 2711 SINTRA CODEX - PORTUGAL
TELEFS 9277185/6/7/8/9 - END. TELEG. - GALUCHO - - TELEX 13858 GALUXO P

A ilha agrilhoada

PRESO 885/63

Relato impressionante
da experiência de dez anos como
Preso 885/63 no tristemente
célebre presídio
da Ilha de Robben, na África do Sul

Estamos cá
como se estivéssemos lá.
Somos uma ponte segura
na cooperação recíproca.

VESPER

uma Empresa privilegiada
na auscultação directa e
no diálogo negociador,
preparada e experimentada
como via das melhores condições
de parceria, que decorrem do
planeamento de
um grande mercado

ANGOLA

O seu estatuto preferencial
é um espelho que reflecte
as necessidades orientadas e
as potencialidades do
comércio externo angolano

VESPER

uma experiência
adquirida
uma confiança
reforçada
no domínio de
acordos e
operações
comerciais e
no fomento de
cooperação
técnica com a RPA.

Consulte
VESPER • Importação e Exportação, Lda.
Avenida António José de Almeida, 44, 1.º-D
1000 LISBOA • Portugal
telefs. 731123/731323/731423
telex 43688 vesper p
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos
Luso-Angolana, associada das
seguintes Unidades Económicas Estatais

IMPORTANG U E E
Central Angolana de Importação

EXPORTANG U E E
Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U E E
Empresa de Despachos Alfandegários
de Luanda
e da

COTECO, Sociedade de Cooperação
Técnica e Nomercial, Limitada

DESIGN: LUIS ABRANCHES

Talepe

GABINETE DE REPRESENTAÇÕES, ASSISTÊNCIA TÉCNICA, ESTUDOS E PROJECTOS, LDA.

Com largos anos de experiência em Moçambique, Angola e Brasil onde deixamos obras de vulto, como Cabora-Bassa, (Moçambique), Cambambe, (Angola), Bancos, Hospitais, Cinemas, Fábricas Têxteis (Angola e Moçambique), Simulador de Voo (Moçambique) Etc.

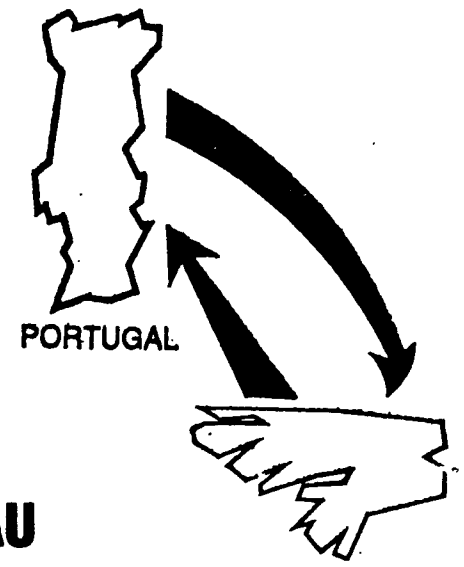
PROJECTA
FORNECE
E INSTALA

Com assistência técnica permanente ar condicionado
● refrigeração ● aquecimento ● ventilação
●

Campo Grande 30-4.º, A/B - Telefones 77 15 65/77 15 68
1700 LISBOA

SOGUIPAL SOCIEDADE COMERCIAL

LUSO-GUINEENSE, SARL



GUINÉ-BISSAU

IMPORTAÇÃO: AMENDOIM, COCONOTE, CERA, COUROS, BORRACHA, BAGAÇO, ETC.
EXPORTAÇÃO: PRODUTOS ALIMENTARES, TÊXTEIS, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E BENS DE EQUIPAMENTO.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA: ÁREAS ADMINISTRATIVAS E FINANCEIRA.
ÁREA GEOGRÁFICA DE ACTUAÇÃO: LARGA EXPERIÊNCIA DOS MERCADOS AFRICANOS E EUROPEUS.

TELEX 14238 CATIME P ☎

ADMINISTRAÇÃO	54 82 69
DIRECÇÃO	54 82 69
SERV. COMERCIAIS	* 54 83 47
SERV. ADMINISTRATIVOS	* 54 83 16

RUA TOMÁS RIBEIRO, 50, 4.º — 1000 LISBOA
ARMAZÉM – R. VALE FORMOSO
DE CIMA, 125-B/C — 1900 LISBOA 38 62 85

A agricultura como base do desenvolvimento e a industria como factor dinamizador

A economia moçambicana desenvolveu-se entre 1977 e 1982 a um ritmo que as autoridades moçambicanas consideram correspondente às orientações traçadas no III Congresso da Frelimo. O ano de 1982 trouxe no entanto numerosos dissabores que se traduziram numa redução de 7% do produto social global produzido, relativamente a 1981. As causas fundamentais deste recuo assentam, citando as «Directivas Económicas e Sociais» saídas do IV Congresso da Frelimo, de Maio passado, na «acção inimiga, seca e crise nas relações económicas internacionais». Perante esta situação e dando seguimento a um dos objectivos principais da política da Frelimo, que é a satisfação das necessidades fundamentais do povo, o IV Congresso confirmou a estratégia global para o desenvolvimento global do país a longo prazo, definida no anterior Congresso. Trata-se, acima de tudo, de tomar a agricultura como base do desenvolvimento e a indústria como «factor dinamizador».

De acordo com as orientações do Congresso, a agricultura «deve ser a principal fonte de acumulação, assegurando a produção de alimentos para a cidade e para o campo, matérias primas para a indústria e criando excedentes para exportação».

Para estimular e dinamizar a produção agrícola, afirma o documento acima referido, «devemos mobilizar meios e recursos (instrumentos de produção, bens de consumo industriais, melhores sementes e transmissão de melhores técnicas de cultura), garantir a comercialização e escoamento da produção, proporcionando um apoio eficaz ao camponês que o leve a interessar-se pelo aumento da produção e a dedicar o melhor do seu esforço e tempo nesta actividade».

Nesta perspectiva a Frelimo entende apoiar a acção não só das cooperativas e do sector estatal (responsável por mais de 50% da produção agrícola comercializada), como dos agricultores privados.

Capital estrangeiro na agricultura

As «directivas Económicas e Sociais» afirmam a esse propósito que «os agricultores privados que se mostrem com capacidade de trabalho, de direcção e de iniciativa devem ser devidamente enquadrados e apoiados, facultando-se-lhes a possibilidade de adquirir, em condições de crédito ajustadas à sua actividade, os meios de que necesitem para a realização, com êxito, do seu trabalho».

A filosofia dos dirigentes moçambicanos quanto ao papel da iniciativa privada e do capital estrangeiro na economia do país aparece aliás de uma forma bem transparente no documento que temos vindo a citar. No que se refere à agricultura as «Directivas» dizem ainda:

«Simultaneamente, deve ser adoptada uma política fiscal e de preços que estimule a actividade privada e leve o produtor a interessar-se pela ampliação e desenvolvimento do seu trabalho, investindo os seus lucros em pequenos e médios empreendimentos úteis à sociedade, contribuindo assim para a solução do problema do desemprego e melhoria do nível de vida das populações.

Na actividade agrícola, prevê-se a participação de capital estrangeiro em empresas privadas ou empresas de capital misto com prioridade para os sectores que, pelos seus efeitos na substituição de importação ou na promoção de exportação, proporcionem ganhos líquidos de divisas que garantam não só a retribuição dos capitais investidos, mas também excedentes para a economia nacional.

Esta actividade será estimulada através de benefícios de natureza fiscal que se coadunem com a actividade exercida e os níveis normais de rentabilidade. O Estado garante a exportação de parte dos lucros gerados por estes empreendimentos e estimula os reinvestimentos de lucros que viséem a melhoria do nível técnico material das empresas e a melhoria das condições de trabalho».

Quanto à indústria, «factor dinamizador» do desenvolvimento, transcrevemos igualmente excertos significativos do texto aprovado pelo órgão máximo da Frelimo.

«A indústria destinada ao abastecimento do povo, que substitui importações através do aproveitamento das matérias-primas locais ou a que produz instrumentos de produção, factores de produção e bens de consumo essenciais à dinamização da produção agrária, bem como a indústria virada para a exportação, merecem uma atenção especial na política económica do Partido.

A dinamização da indústria é pois um dos requisitos para estimular o abastecimento, proporcionar ao campo produtos industriais necessários ao consumo e produção agrária, servindo assim de elemento estimulador e dinamizador da produção agrária.

Para que a indústria cumpra esta tarefa com êxito e promova o crescimento da produção social global da economia, é necessário que se proceda a acções que garantam a plena utilização das capacidades instaladas, se proceda ao melhor aproveitamento das matérias-primas, produzindo-se mais produtos com a utilização da mesma quantidade de energia, matérias-primas e outros materiais na mesma unidade de tempo, e se proceda à utilização integral destes recursos evitando-se desperdícios. Os investimentos a realizar nestes sectores devem priorizar a optimização e renovação dos equipamentos e sua conservação.

Instalar pequenas unidades industriais

Um dos objectivos principais a curto prazo é a instalação de pequenas unidades industriais de âmbito local, transformadoras de matérias-primas nacionais e que com rapidez possam resolver os principais problemas sentidos pela população no abastecimento em bens de primeira necessidade. Estas indústrias complementares à actividade da média e grande indústria devem contribuir também para a redução dos custos de distribuição.

No âmbito da pequena e média indústria transformadora de matérias-primas nacionais, a actividade privada tem um papel a desempenhar. O Estado deve estimular os empresários mais dinâmicos e empreendedores. Para tal, o Estado deverá conceder-lhes o apoio necessário tanto no crédito para a realização dos investimentos, como no aprovisionamento das matérias-primas.

Este apoio deve ser estendido a toda a indústria que produz peças e sobressalentes, utensílios e outros bens necessários ao normal funcionamento da actividade económica e que garantem a manutenção do equipamento.

Assim, estimularemos as relações entre a cidade e o campo, a aliança do operariado com os camponeses cooperativistas e familiares e envolveremos os produtores privados na grandiosa tarefa de aumentar a produção e a produtividade para melhorarmos a nossa vida, vencermos o subdesenvolvimento e rompermos os vínculos de dependência que herdámos do colonialismo.

O capital estrangeiro pode contribuir para o desenvolvimento da indústria nacional em especial na produção para substituir importações ou promover o aumento das nossas exportações.

A articulação da actividade privada com o sector estatal nestes domínios e a correcta divisão do trabalho contribuem para aumentar a eficiência do trabalho na esfera da distribuição e uma melhor e mais racional utilização dos meios.

Para assegurar a realização das principais tarefas definidas no campo da produção material e garantir o crescimento equilibrado da economia nos próximos anos, é prioritária a afectação de meios para a defesa da integridade territorial e da economia nacional articulando-se as acções de defesa com as trefas de produção.»

Serga

empresa em que nos habituámos a confiar

OFERECE

uma actividade assente nos mais elevados e rigorosos padrões profissionais e deontológicos, expressos em eficiência e resultados demonstrados.

FAZEMOS

- Organização Administrativa
- Organização, Reestruturação, Assessorias Contabilísticas e Fiscal
- Informática: Estudos de Hardware e Software e Actividades de Exploração
- Formação nas áreas de Contabilidade e Gestão
- Estudos de Constituição de Sociedades Mistas, particularmente Países de expressão oficial portuguesa
- Estudos, Análise de Projectos e Saneamento Económico-Financeiro
- Inspecção e Fiscalização de Contas
- Auditoria
- Planeamento e Consultoria de Gestão

DISPOMOS

de uma equipa de técnicos de formação pluridisciplinar entre os quais os especialistas que o problema específico da sua empresa exija.

APOIAMOS

em Portugal e Países de expressão oficial portuguesa, pequenas, médias e grandes empresas, privadas, públicas, mistas, bancos e seguradoras.
Damos, no nosso domínio, assessoria especializada a vários Ministérios. Cooperamos activamente na solução de pequenos e grandes problemas e... obtemos resultados.

Serga AUDITORIA, ORGANIZAÇÃO E ESTUDOS ECONÓMICO-FINANCEIROS, S. A. R. L.

Administração e Serviços Centrais:

Av. Casal Ribeiro, 46-8.º — Telefs. 53 02 68 -53 05 62 - 53 07 27
— Telex 18585 SERGA P
— 1000 LISBOA PORTUGAL

Departamentos de:

Organização, Contabilidade e Informática ● Auditoria ● Estudos Económicos e Financeiros
Av. da República, 27-3.º/4.º/5.º — Telefs. 54 54 79 - 54 54 85 - 54 65 59

Escritórios e serviços ao seu dispor:

PORTUGAL, REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE e REPÚBLICA DE CABO VERDE

Trocas comerciais Portugal RPM

Tecidos de algodão no primeiro plano das nossas exportações

O algodão em rama e os tecidos de algodão constituem desde há muitos anos os principais produtos de exportação moçambicana para Portugal e de exportação portuguesa para Moçambique, respectivamente. Nos primeiros seis meses deste ano o valor dos tecidos de algodão vendidos por Portugal a Maputo atingiu os 526 324 contos, enquanto que as importações de algodão em rama somaram 361 322 contos.

Logo a seguir aos tecidos de algodão surgem em valor de vendas, no mesmo período de tempo, os chouriços, salsichas e outros enchidos de carne, de miudezas ou de sangue (245 813) as partes e peças separadas de veículos para vias férreas (196 692), as enxadas, pás, alviões, picaretas, sachos etc. (166 304), as conservas de sardinha em azeite e óleo (136 707), os geradores, motores e conversores rotativos ou estáticos (125 531), e os desinfectantes, insecticidas, fungicidas etc (120 998). Todas as outras categorias de produtos ficaram aquém dos 100 mil contos de vendas entre um de Janeiro e 31 de Julho.

De Moçambique para Portugal, além do algodão, vieram crustáceos e moluscos e fibras de sisal, com o valor respectivo de 40 966 contos e de 31 543 contos.

Globalmente falando e em relação a este ano, existem porém neste momento dados que já incluem o mês de Agosto. Nestes primeiros sete meses do ano, o total das nossas vendas foi de 3 milhões 525 941 contos (3 081 325 até Julho) e o das importações foi de 566 981 contos. O saldo positivo foi portanto de 2 961 960 contos, contra 1 501 629 no período homólogo do ano passado.

No que respeita às exportações, o acréscimo foi extremamente significativo, visto que nesse período de 1982 elas ascenderam a 2 milhõds e 100 mil contos. As importações, por seu lado, decresceram acentuadamente face aos 632 415 contos averbados entre Janeiro e Agosto de 1982.

Por grupos de produtos, as nossas vendas concentraram-se nos têxteis (909 mil contos), nas conservas de peixe e carne (492 mil), nas máquinas, aparelhos e material eléctrico (504 mil), nos veículos e material para vias férreas (250 mil) e nos produtos farmacêuticos (154 mil).

Se não tivessem entretanto surgido as dificuldades a que nos referimos em outros locais deste suplemento, no tocante ao esgotamento dos «plafonds» (excepção feita para os bens de equipamento onde talvez ainda resta uma pequena disponibilidade), o saldo positivo da nossa balança comercial com a RPM poderia assim ultrapassar os 5 milhões de contos, coisa que parece bem improvável neste momento.

A evolução das exportações portuguesas tem sido vertiginosa, sobretudo devido à entrada em vigor em 1981 do acordo para o financiamento das exportações de bens e serviços de origem portuguesa. Esse acordo, como é sabido, foi assinado entre o Banco de Portugal e o Banco de Moçambique em 30 de Outubro de 1980 e foi revisto mais tarde, mediante a assinatura de um protocolo adicional assinado em 11 de Setembro de 1981.

Logo no ano seguinte as nossas vendas acusaram o efeito da linha de crédito aberta ao abrigo desse acordo mais que duplicando em relação ao ano anterior (5 389 050 contra 2 066 244).

Nos primeiros sete meses deste ano, como atrás se refere, esta tendência manteve-se com um total exportado que ultrapassou quase em um milhão de contos em igual período do ano anterior.

Quanto ao total das nossas importações o movimento foi inverso, tendo o seu valor totalizado 1 122 514 contos contra 1 132 405, em 82 e 81, repectivamente. O saldo positivo para Portugal mais que quadriplicou ascendendo a 4 266 536 em 1982 e a 933 842 em 1981.

Anteriormente ao acordo, a evolução das nossas trocas com Moçambique resume-se aos seguintes números relativos, respectivamente às importações às exportações e ao saldo: 1977: 844 476, 1 377 490 e 533 014; 1978: 893 300, 1 527 000 e **633 700;** 1979: 2 029 206, 1 128 784 e saldo negativo de 900 422; 1980: 1 100 691, 1 860 227 e 759 356 contos.

Paralelamente aos problemas actualmente existentes com o esgotamento das linhas de crédito e os receios de uma revisão do acordo financeiro desfavorável ao incremento das trocas entre os dois países, os exportadores portugueses debatem-se neste momento com uma dificuldade adicional resultante dos projectos governamentais de suprimir os incentivos fiscais e financeiros à exportação.

Alguns detes incentivos têm uma incidência, ainda que reduzida, nas condições em que a nossa oferta se apresenta na RPM. A sua surpressão sem a criação de quaisquer contrapartidas poderá vir por isso a juntar-se aos problemas existentes.

Finalmente refira-se que em 1982 as exportações portuguesas para os países africanos de expressão portuguesa corresponderam a 5 % do total das nossas vendas ao exterior e as importações a 0,4. Moçambique ocupou nesse ano um lugar muito próximo do de Angola, país que nos adquiriu mercadorias no valor de 6 773 497 contos.

AGROPROMOTORA

Cooperar e desenvolver

ÁREAS DE TRABALHO

AGRICULTURA • PECUÁRIA • INDÚSTRIA ALIMENTAR • PLANOS DIRECTORES DO SECTOR PRIMÁRIO • ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA-ECONÓMICA DOS INVESTIMENTOS • PROJECTA E IMPLEMENTA

ENTIDADES

COOPERATIVAS • AUTARQUIAS
OUTRAS EMPRESAS

PAÍSES AFRICANOS

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA ARGÉLIA

COOPERATIVA PRODUTORA DE PROJECTOS AGRÍCOLAS SCRL
Rua Cardeal Mercier, 29-1.º Lisboa
☎ 73 51 35

Objectivos até 1985 no campo da produção moçambicana

As principais metas do desenvolvimento económico e social de Moçambique, no plano da produção, são, até 1985, em relação a 1982 e a preços constantes, as seguintes:

Aumentar o produto social global produzido entre 10 e 12% dando especial atenção ao aumento da produção agrária;

Incrementar a produção agro-pecuária comercializada em 30 a 35%, em especial nos cereais, algodão, caju, mandioca, feijão, copra, girassol, carne de suíno, frango e de pequenas espécies;

Aumentar a produção florestal em pelo menos 70%:;

Elevar a produção industrial de 12 a 15%, especialmente nos ramos têxtil, pescas, metalomecânica ligeira, construções mecânicas, metalurgia e reparações navais;

Incrementar o tráfego de carga entre 25 a 28%, dando especial atenção ao tráfego marítimo e fluvial;

Aumentar a produção de construções garantindo a sua conclusão atempada. Em especial, concluir as seguintes obras nos prazos que se indicam:

– Têxtil de Mocuba, em 1985;

– Fábrica de Alfaias Agrícolas, a 1.ª fase em 1985 e toda a obra em 1986;

1 700 hectares de regadio em Ngúri e Chipembe, até 1985;

Estação de bombagem, adutora, captação e tratamento de águas para ampliar o abastecimento de água à cidade de Maputo, até 1985;

Abastecimento de água a Mueda em 1984;

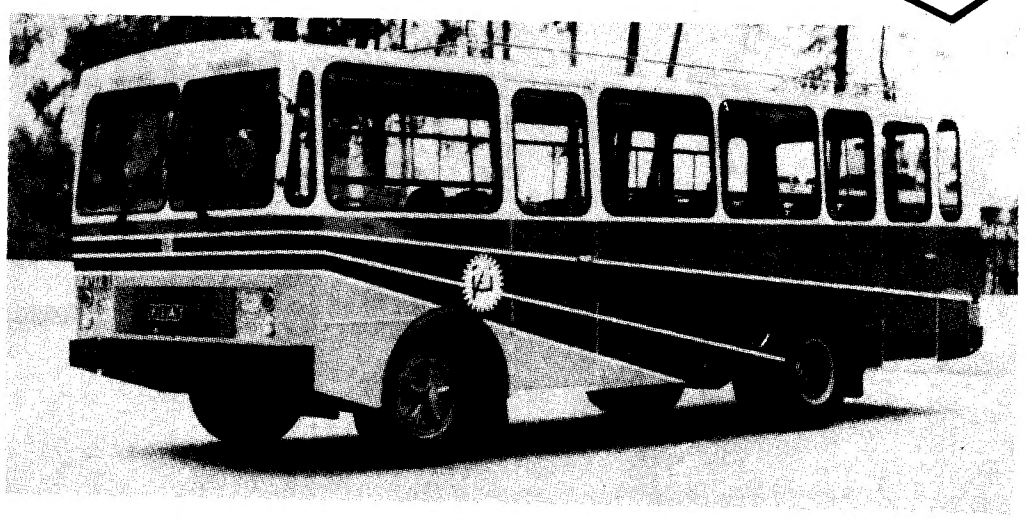
Linhas de transporte de energia Nacala-Monapo-Nampula em 1983 e Linha Centro-Norte até Nampula e ligação Caia-Luabo-Marromeu até 1985.

Não agravar o saldo da balança comercial na área de comércio externo.

Industriais portugueses ofereceram numerosos produtos a Moçambique

Como já se tornou tradição os empresários portugueses presentes na FACIM ofereceram ou venderam à República Popular de Moçambique, em condições particularmente vantajosas, grande parte dos mostruários que levaram à feira.

No decurso da calorosa visita do presidente Samora Machel ao pavilhão português, grande parte dos empresários fez-lhe aliás ofertas pessoais que demonstram bem o carácter amistoso das relações que com ele têm.



Um dos autocarros oferecidos por empresas portuguesas à República Popular de Moçambique

Sem complexos e dentro de uma espontaneidade que lhe é peculiar, o presidente moçambicano não só aceitou com agrado essas demonstrações de amizade como chegou a indicar quais os objectos em que tinha particular gosto.

No fim de contas, explicávanos um industrial português **«o presidente assume aqui com grande dignidade uma faceta bem própria da cultura africana. Os presentes fazem parte da tradição do seu país e ele não a renega»**.

Acompanhando-o passo a passo na sua deslocação ao nosso pavilhão, Panella dos Santos, uma colaboradora extremamente chegada ao presidente, anotava todas as ofertas que lhe eram feitas e providenciava pelo seu envio para o palácio presidencial. Panella, uma mulher sul-africana, alta e loura, que desde os anos 60 acompanha a Frelimo na sua luta, é casada com Marcelino dos Santos e ainda recentemente foi apresentada por Samora num comício público, como o exemplo dos sul-africanos brancos que partilham a luta do seu povo contra o «apartheid».

Empresas portuguesas oferecem dois autocarros

Mas no capítulo das ofertas à RPM as firmas Salvador Caetano e Utic destacaram-se pelo impacto e pela importância das suas decisões. Ambas as empresas comunicaram ao presidente durante a sua visita, que ofereciam a Moçambique um autocarro exposto no exterior do pavilhão.

No caso da Salvador Caetano o autocarro é de tipo rural, tem um chassi Iveco e a sua carroçaria foi projectada especificamente para as condições de operação em Moçambique, conforme recomendações das autoridades moçambicanas.

O protótipo oferecido à RPM será enviado para Mocuba onde será posto, por decisão de Samora, ao serviço do gigantesco complexo têxtil actualmente ali em construção. Face aos resultados do seu ensaio no terreno, e de acordo com as sugestões dos responsáveis moçambicanos, os construtores introduzir-lhe-ão às modificações convenientes.

Segundo foi dito na altura da entrega do autocarro, o projecto da Salvador Caetano é o da montagem de veículos daquele tipo em Moçambique, para o que já iniciou negociações com Maputo ácerca de um ano.

Curiosamente, o presidente Samora, quando ouviu do representante da firma portuguesa a afirmação de que Moçambique podia produzir aquele tipo de viatura, respondeu: **«ah sim? mas quando eu digo isso aos meus ministros eles dizem que não é possível...»**

Neste momento as negociações para a concretização desse projecto estão na fase final, não estando ainda definido se, caso se venha a concretizar, ele assumirá a forma de uma sociedade mista ou não (o investimento, diz a parte portuguesa, rondará os 30 mil contos e permitirá produzir 200 autocarros ano, com aproveitamento de infraestruturas e de mão-de-obra «altamente qualificada» expressão utilizada pelo industrial português, já existente em Moçambique).

No que respeita à Utic, o autocarro oferecido é de luxo e foi destinado pelo presidente Samora à Empresa Nacional de Turismo.

A proposta da Utic que já teve um contrato de colaboração com Moçambique em 77/78, aponta sobretudo para a área da reparação e manutenção da frota rodoviária, nomeadamente o recondicionamento de motores, ideia em que Maputo parece estar especialmente interessada.

Para a concretização desses projectos estão em estudo hipóteses várias, que vão desde a celebração de contratos de prestação de serviços e assistência técnica até formas mais avançadas como a constituição de uma empresa mista.

Comprar nas melhores condições é o objectivo do comércio externo

O governo moçambicano dá prioridade nas suas relações comerciais aos países do SADCC (Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral), aos seus vizinhos africanos e aos países do terceiro mundo em geral, afirmou em Maputo, logo após o encerramento da FACIM, o ministro do comércio externo Joaquim de Carvalho. Na sua opinião a FACIM deverá ser um instrumento da «nova ordem económica internacional que desponta, da paz, do progresso e do bem-estar dos povos».

A linha fundamental das opções de compra moçambicana reside todavia na procura das melhores condições de financiamento e de preço.

«O essencial, disse o ministro, é que devemos procurar comprar nas melhores condições para o país. Joaquim de Carvalho manifestou igualmente a preferência do seu governo pela assinatura de contratos de longa duração os quais permitem «defender-mo-nos das flutuações de preços e possibilitam a planificação dos restantes sectores da economia.»

BASMAIOR INDUSTRIAL — BÁSCULAS DE RIO MAIOR, LDA

UM LÍDER NA QUALIDADE

O que é que a BASMAIOR INDUSTRIAL possui para ser o mais importante fabricante de basculantes, reboques e equipamentos afins?

— Possui ciência inovadora. Técnicas de fabricação seguras. Um esforço permanente na Investigação e Desenvolvimento. Bom pessoal. E determinação.

É esta a qualidade de ser líder.

Na BASMAIOR, orgulhamo-nos de dizer que estamos contentes. Por si. Por nós.

Estamos contentes com a variedade de produtos que fabricamos. Porque agora construímos todo o tipo de reboques e semi-reboques, todo o tipo de caixas basculantes, caixas para recolha e transporte de lixo, cisternas para pulverulentos. E também construímos de acordo com as suas próprias necessidades nestes tipos de material, caso o deseje.

Estamos contentes com as inovações nos produtos. A BASMAIOR tem mais modelos de reboques e equipamentos associados, do que qualquer outra firma do ramo.

E estamos contentes também pelo serviço de assistência que prestamos.

Mas não é tudo. O nosso contrato com a FRUEHAUF FRANCE permite que os nossos reboques e semi-reboques sejam também assistidos em qualquer agente daquela famosa marca.

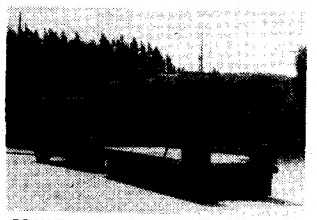
A GARANTIA para os nossos produtos é de um ano, contra defeitos de material e mão-de-obra, desde que utilizados em serviço normal e com a manutenção apropriada.

Por tudo isto somos o líder que somos.

Por tudo isto, V. Exa. fica a saber que, preferimos os produtos BASMAIOR INDUSTRIAL, é melhor servido.

SEMI-REBOQUE CARGA GERAL

SEMI-REBOQUE TIR

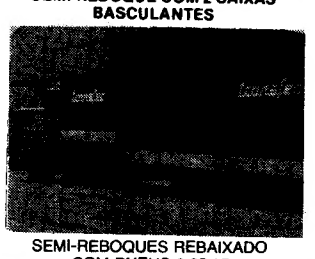

SEMI-REBOQUE PORTA-MAQUINAS

SEMI-REBOQUE COM 2 CAIXAS BASCULANTES

SEMI-REBOQUE COM TRACÇÃO-HIDRÁULICA

REBOQUE

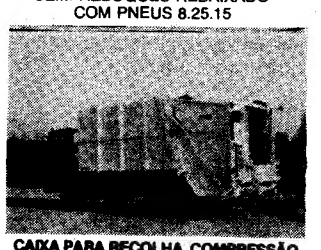
BÁSCULA TRASEIRA TIPO EUCLID


SEMI-REBOQUES REBAIXADO COM PNEUS 8.25.15

CISTERNA PARA PULVERULENTOS

CAIXA CEREALÍFERA WELGRO

CAIXA PARA RECOLHA, COMPRESSÃO E TRANSPORTE DE LIXO BI 1


CAIXA PARA RECOLHA, COMPRESSÃO E TRANSPORTE DE LIXO BI 2

ADMINISTRAÇÃO-SERVIÇOS CENTRAIS E ASSISTÊNCIA PÓS-VENDA:
Estrada Nacional N.º 1 — Bastidas
2040 RIO MAIOR
Telf. 93107/8/9/10/11/12/13/14
Telex 43239 BASMOR P

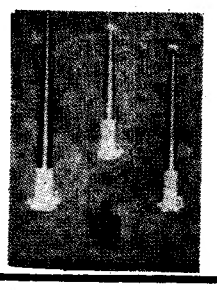
FÁBRICA:
Rua António Barata
2040 RIO MAIOR
Telf. 92142/3/4
Telex 15739 BASRIO P

CENTRO REGIONAL DO NORTE:
Rua do Abade Mondego, 128
Leça da Palmeira
4450 MATOSINHOS
Telf. 9954854 — 9955476
Telex 26474 BASNOR P

OLIPOR
Oleohidráulica de Portugal, Lda.
Telef 92030 • Telex 18192 OLIRIO P • BASTIDAS
2040 RIO MAIOR • (Portugal)

É uma empresa do grupo BASMAIOR, produz macacos hidráulicos de várias dimensões, dos quais possui grande experiência de fabrico, para montagem em caixas basculantes, reboques e semi-reboques, e para outros tipos de aplicação.

Estes macacos são fabricados com patente MEILLER e com o objectivo de se conseguir um máximo de qualidade, segurança de funcionamento e longevidade.



O que Moçambique comprou e vendeu

No decurso da FACIM Moçambique assinou contratos de importação por um valor total de 20 milhões de dólares e contratos de importação no montante de 9 milhões de dólares. Ao todo foram 20 contratos de importação e seis de exportação.

No que respeita aos primeiros, couberam 7 à RDA, 4 a Portugal, 2 à URSS, RFA e Macau e um à Tanzânia, França e Bulgária.

Por outro lado, imediatamente antes da feira, foram fechadas exportação de algodão, sisal e tabaco para a Bulgária, Roménia e Checoslováquia, respectivamente e importações de peças sobressalentes da URSS.

Também no período que antecedeu o certame celebraram-se contratos de exportação de copra e de algodão com a RDA e de coloretos com a Itália.

Quanto às vendas efectuadas durante a FACIM propriamente dita a Jofesa (João Ferreira dos Santos, de Portugal) comprou algodão, assim como uma empresa romena. A Etei e a Corfi, portuguesas, adquiriram sisal e a RDA negociou amêndoa de cajú, objectos de artesanato e mobiliário de madeira.

No que se refere às importações de Moçambique, Portugal vendeu medicamentos (Infar, 400 mil dólares), linhas de coser (Empresa Fabril do Norte), sacos de ráfia (Companhia de Têxteis Sintéticos e válvulas de cunha (Metalúrgica Luso-Italiana).

Os alemães democráticos venderam kits para rádios, 200 camiões IFA e peças sobressalentes, equipamentos de construção civil e obras públicas e medicamentos.

Os soviéticos forneceram equipamento para garagens e peixe congelado.

A RFA exportou produtos químicos para a indústria vidreira e corantes para a indústria têxtil.

Macau, por seu turno, a East Asiatic e a Agência Comercial Jackson, venderam confecções para bebé. A Tanzânia, a França e a Bulgária, finalmente, assinaram contratos para a exportação de capolanas, filtros e componentes para baterias para fabrico local e bombas de água e acessórios para tractores, respectivamenter.

Firma portuguesa premiada

Na cerimónia oficial de assinatura dos contratos realizada na véspera do encerramento da feira foram entregues os prémios nacionais da FACIM. O prémio especial foi para o pavilhão do comércio externo, o primeiro prémio para o da agricultura, o segundo para o da Unidade de Direcção do Ramo Alimentar e o terceiro para as Construções Técnicas. O pavilhão das Pescas e o Entreposto Comercial de Moçambique receberam menções honrosas.

As construções Técnicas são a empresa portuguesa com mais actividades no ramo da construção e obras públicas no RPM e têm habitualmente um pavilhão prórprio na FACIM, independente do pavilhão português.

As suas relações com Moçambique vêm desde antes da independência, como as de muitas outras firmas portuguesas presentes na feira, mas nunca foram praticamente interrompidas. Neste momento empregam aí 60 portugueses e 2 000 moçambicanos e estão a terminar o porto de pesca e um terminal para porta contentores e petroleiros na Beira. Por outro lado, estão a trabalhar igualmente nas fundações de uma fábrica de conservas de peixe nessa cidade.

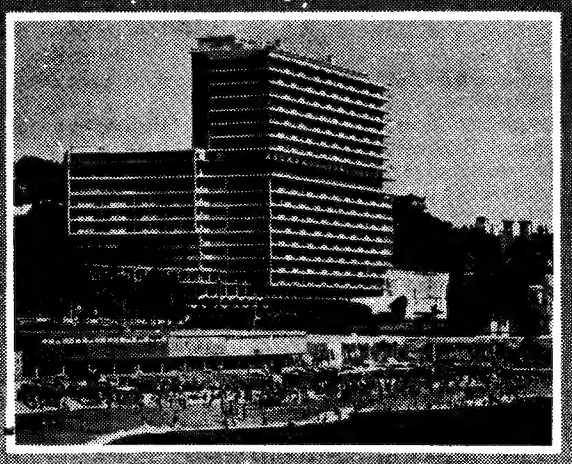
A grande obra que as Construções Técnicas estão a executar actualmente é porém a construção do grande complexo têxtil de Mocuba que deverá estar terminado em 1985 e abrangerá uma área coberta de um milhão de metros quadrados.

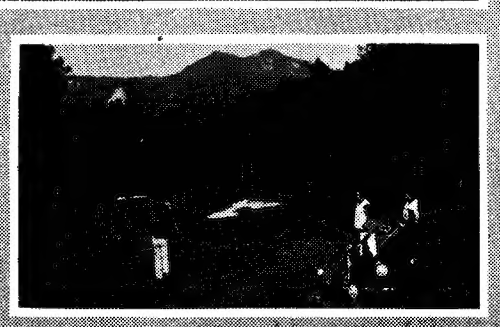
Ainda no respeitante a prémios refira-se que as distinções atribuídas aos pavilhões estrangeiros contemplaram desta vez a Suécia, Portugal e a RDA, com o primeiro. Segundo e terceiros prémios, respectivamente. No ano passado Portugal obtivera o primeiro prémio, recorda-se.

Finalmente, o prémio especial destinado a um dos membros do SADCC foi atribuído ao pavilhão do Zimbabwe.

ESTORIL-SOL
HOTEIS, GOLF & CASINO

As nossas unidades situam-se na famosa COSTA DO ESTORIL, um dos mais aprazíveis centros balneares da Europa, apenas a 15 quilómetros de Lisboa. A qualidade, serviço e localização são as componentes importantes na sua preferência. Operamos para o grande turismo com programas aliciantes. Consulte as nossas brochuras.





HOTEL ESTORIL-SOL ★ ★ ★ ★ ★
Situado à beira mar. 400 quartos e suites. Piscina olímpica de água salgada. Sauna. Ginásio. Squash. Bowling. Coffee shop. Discoteca. Acesso privativo à praia. Salas para congressos e reuniões de 40 a 1.200 pessoas.
Tel. 282831 — Telex 12624 2750 CASCAIS

HOTEL DO GUINCHO ★ ★ ★ ★ ★
Uma antiga fortaleza do século XVII, convertida num hotel de grande luxo. 38 quartos. Salão medieval. Panorama marítimo fascinante. Cortesia. Tranquilidade. Conforto.
Tel. 2850491 — Telex 12624 2750 CASCAIS

CASINO ESTORIL
Um dos mais modernos casinos da Europa. Jogos europeus e americanos, Slot machines. Restaurante. Todas as noites Shows internacionais. Night-club. Bares. Cinema. Aberto todo o ano.
Tel. 2684521 — Telex 12660 2765 ESTORIL

GOLF ESTORIL-SOL
O mais recente "green" da região de Lisboa. Junto à Lagoa Azul, ladeado pela luxuriante Serra de Sintra. Club house. Bar. Campo de treinos. Profissional residente. Aberto todo o ano.
Tel. 2932461 — Telex 12624 2710 SINTRA

USA Sales Office
Francisco Molina
501 Fifth Avenue.
Suite 1214 N.Y. 10017
Tel. (212) 8673121
Telex 620757

CANADÁ Sales Office
Muriel Fleger
Suite 701, 500 University Ave.
Toronto — Ontário M5G1V7
Telf. (416)598 — 2693

Pereira & Bastos, Lda.

APARTADO 12
3851 — ALBERGARIA-A-VELHA —CODEX
PORTUGAL
Telef. 52216 Telegramas — PERTOS
Telex 37441 Asan-P 37405 Tranav-P

FABRICANTES DE LOUÇA DE ALUMÍNIO PROJECTADO
PANELAS DE PRESSÃO
LOUÇA DE ALUMÍNIO FUNDIDO PARA HOTEIS

PRODUCER OF ALUMINIUMWARE
PRESSURE COOKERS
CAST ALUMINIUMWARE FOR HOTELS

FABRICANTES DE VAISELLE EN ALUMINIUM PROJETÉ
MARMITES À PRESSION
VAISELLE EN ALUMINIUM EN FONTE POUR HÔTELS